

A' Bibliotheca do Senado
da Republica

Offerece

Campos Sales.

Rio - 29 - julho -
- 1895 -



CARTAS DA EUROPA



CAMPOS SALLES

CL

CARTAS DA EUROPA



RIO DE JANEIRO

Typ. LEUZINGER — rua do Ouvidor 31 & 36

7298

1894

V
18969.6

5168

de

1894

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

este volume acha-se registrado

sob número 7.085

do ano de 1946

A RAZÃO DA VIAGEM

Projecto de viagem sem execução. — Trabalhos e dificuldades no governo provisório.— A eleição presidencial na Constituinte e consequente politica de reacção.— O golpe de estado e o contra-golpe de 23 de Novembro.— A sessão legislativa extraordinaria e a sedição da fortaleza de Santa Cruz. — Os successos de Abril e a sessão do Congresso em 1892.— Motivos politicos da viagem.—Palavras de Danton.

Não vá alguém suppor que attribuo algum valor litterario a estas cartas, escriptas debaixo da impressão que produziu em meu espirito a observação dos costumes e instituições dos paizes por onde passei em rapida viagem. Escrevi-as com a des- preocupação de quem se dirige a amigos, na mais perfeita intimidade de sentimentos,

sem contar, sequer, com essa benevola indiscreção que levou-as para as columnas do *Correio Paulistano*. Se agora as collecciono, é simplesmente no desejo de organizar um registro de lembranças.

Não foi, como muitos supuseram, uma simples viagem de recreio a que empreendi; não foi, tão pouco, pelo temor de passar no meu paiz o *93 brasileiro*, que a realizei em fins de 92, como insinuaram, nas vespéras da partida, alguns organs da imprensa que me é adversa em politica e que sempre fez-me a honra de apurar com implacavel rigor as minhas responsabilidades.

Como homem publico e tendo contraído compromissos, que nunca desconheci e dos quaes jamais procurei excusar-me, vi bem, claramente, antes de partir, que eu ia deixar o meu paiz em circumstancias extraordinariamente melindrosas, pois que os perigos que o ameaçavam eram imminentes e estavam á vista de todo o mundo.

É precisamente por isso que eu sinto o dever de justificar a minha ausencia em circumstancias tão anormaes como essas.

Em principio de 1890, quer dizer, nos primeiros dias da Republica, quando mais pesados eram os encargos que os acontecimentos tinham feito recahir sobre os membros do governo provisorio, e quando cada um de nós já tinha pago um forte tributo pessoal em proveito da causa commum, tributo extraordinariamente aggravado por dissabores amargos e penosissimas contrariedades no desempenho da nossa melindrosa missão, nessa epocha em que eu e os meus collegas estreavamos a vida de governo com uma responsabilidade tremenda, excepcional, tive muitas vezes no meu carro, como excellentes companheiros nas viagens diarias para Petropolis o dr. Ferreira de Araujo, o emerito e patriotico redactor politico da *Gazeta de Noticias* e o Sr. Henrique Moreno, o gentil e habilissimo diplomata argentino.

— Quando estiver organizada a Republica, lhes dizia eu, isto é, quando for promulgada a constituição republicana e os Estados se acharem constituídos sobre os principios do novo regimen, abrirei um intervallo na minha actividade politica para consagrar-me, um pouco mais do que o tenho feito até hoje, á vida da familia. Irei então viajar. Tenho enormes desejos de ver alguns paizes da Europa e da America.

Os meus illustres companheiros approvavam o programma e animavam-me a executal-o.

Mas, como todos os programmas, este ficou sem execução.

Aquillo que me parecia obra de pouco tempo, custou-nos penosos e prolongados labores. Os sacrificios que se impuseram os ministros de 15 de Novembro e os esforços quasi sobrenaturaes que elles dispenderam dia por dia para chegarem a organizar um projecto de constituição

republicana, que depois teve a sancção da constituinte, hão de, talvez, ser mais acatados por seus concidadãos, quando puderem ser narrados com austera franqueza as variadas peripecias da vida intima do governo provisorio. Basta dizer, por agora, que um de nós, o inolvidavel Benjamin Constant, pagou com a vida as angustias do poder.

Mas, promulgada a constituição após um esforço supremo da constituinte, surgiram graves complicações politicas, oriundas do pleito que se travou a proposito da eleição de presidente da Republica. Prevendo-as, procurei intervir para evitar que uma lucta, que se me afigurava prematura, viesse produzir as graves difficuldades, que agitaram o paiz inteiro, perturbando e procrastinando a organização dos Estados, em detrimento dos interesses nacionaes e dos creditos das instituições republicanas. Sem a responsabilidade das causas que provocaram a lucta que seguiu-se,

todavia não evitei-a. Recebi em cheio o seu choque.

Como sempre acontece, principalmente quando não se procura antes da acção penetrar nos segredos do futuro, os primeiros erros acarretaram consequencias imprevistas e profundamente funestas.

Veio uma politica reaccionaria, com todos os seus odiosos apparatus de perseguição e violencia: os melhores e mais uteis elementos se desaggregaram do governo; perniciosos instrumentos se puzeram ao serviço da represalia; desapareceu a cohesão politica; surgiu a anarchia no seio de quasi todos os organs do poder publico; veio por fim, como a ultima de mão em uma obra de destruição e de ruinas, a dissolução do Congresso Federal, cuja soberania, cuidadosamente salvaguardada pela constituição, cahiu fulminada pela prepotencia de ominosa dictadura.

O golpe de estado de 3 de Novembro não ha de certamente passar a historia

como o producto da politica pessoal do marechal Deodoro, tão bravo soldado, quão leal e generoso nos seus nobres sentimentos de cidadão. Essa obra de uma camarilha composta de alguns homens ignorantes, e de outros que eram menos republicanos do que ambiciosos, produziu a patriotica e energica reacção de 23 de Novembro, que collocou na presidencia da Republica o marechal Floriano Peixoto.

Jamais governo algum se constituiu sob tão esperançosos auspicios. Era o governo da legalidade, franca e lealmente apoiado pelo Congresso, de cujo seio havia sahido a revolução benefica que restaurou, com a sua propria soberania, o dominio do direito.

Recebi a nova e auspiciosa situação com o caloroso enthusiasmo de uma alma republicana, que via nesse successo o inicio da definitiva consolidação de um ideal politico, que ha sido a preocupação unica de toda a sua vida publica.

Na sessão extraordinaria convocada para o mez de Dezembro, assumi no senado a posição unica que me competia, como collaborador, embora fraco, da nova situação. Não hesitei em ser organo do governo no seio daquella elevada corporação. O meu apoio era incondicional, porque no meu espirito não pairava a minima sombra de duvida acerca das vistas patrioticas do governo. Dei prova disso aceitando a moção que em Janeiro foi simultaneamente apresentada nas duas camaras e que tinha por fim fazer encerrar o Congresso para que o governo pudesse desenvolver acção energica e decisiva contra a sedição da fortaleza de Santa Cruz. Sempre entendi que o regimen presidencial não comporta as moções parlamentares, nem mesmo as que costumam apparecer sob a forma abusiva de pedidos de informações. Esta foi a unica excepção á essa norma invariavel de conducta, e isso porque o momento era tambem excepcional.

A sedição de Janeiro foi o preludio dos graves successos do mez de Abril, que determinaram a declaração do estado de sitio no districto federal e consequentes medidas de repressão adoptadas pelo governo.

Estes successos occuparam a attenção do Congresso durante quasi toda a sessão de 1892. Apenas installada a sessão, surgiu o projecto de amnistia a favor dos cidadãos que tinham sido attingidos pelos decretos de Abril. Era uma questão da maior gravidade, a respeito da qual cumpria-me pronunciar com urgencia e com clareza, sem subterfugios, na minha dupla qualidade de *leader* da maioria do senado e de membro da commissão parlamentar, organizada para dirigir a acção politica da maioria do Congresso e regular as suas relações com o executivo. Era uma commissão mixta, de que faziam parte, comigo, o senador Gomensoro e os deputados Aristides Lobo e Felisbello Freire.

Declaro desde já, assumindo perante o paiz a inteira responsabilidade da minha conducta, que fui eu quem primeiro fallou, entre os situacionistas, da necessidade de adoptar o projecto de amnistia, tal como tinha sido proposto por alguns membros da opposição do senado. Daqui começam os motivos que apressaram a minha ausencia do paiz : tenho necessidade, portanto, de ser bastante explicito a este respeito.

Na primeira reunião da commissão parlamentar chamei a sua attenção para a doutrina consagrada no *Accordam* do Supremo Tribunal Federal, que negou *Habeas corpus* aos implicados nos acontecimentos de Abril. Ponderei que, segundo o estabelecido nos fundamentos da decisão do Supremo Tribunal, uma vez dada a approvação do Congresso aos actos do executivo, começava desde logo a competencia do poder judiciario para o exame e julgamento dos factos, cabendo, por consequencia,

exclusivamente a este poder a decretação ou a isempção das penas, conforme a responsabilidade pessoal de cada delinquente. Accrescentei que, aceita esta doutrina, aliás de perfeita conformidade com o preceito constitucional, parecia-me corrente que, na especie, os trez grandes poderes da Republica tinham de exercer, cada um por sua vez, a sua competencia, opportunamente, separadamente, sem que um pudesse, por sua acção, excluir a legitima interferencia de outro. Assim, tendo cabido ao eêecutivo, na ausencia do Congresso, decretar a declaração do estado de sitio e consequentes medidas, incumbia ao legislativo tomar conhecimento dos seus decretos para approval-os, ou não, vindo em terceiro lugar o judiciario para, no caso da approvação decretada pelo legislativo, processar e julgar os delinquentes.

Mas, firmado este principio, o primeiro corollario que delle decorre é que, após o

juizo politico do Congresso, os desterrados e os detentos recahiam, só por isso, sob a jurisdicção exclusiva, unica, dos tribunaes de justiça. Quer dizer que, julgadas as medidas excepcionaes pelo Congresso, cessava *ipso facto* a competencia do executivo e do legislativo, e os inculcados nos delictos de Abril ficavam entregues á acção judicial.

— Supponha-se, entretanto, dizia eu perante a commissão, que o executivo pretende continuar o desterro e a detenção, a despeito e não obstante a cessação da sua competencia. Neste caso, firmados na doutrina do *accordam*, os pacientes se apresentarão ao Supremo Tribunal reque-rendo para serem enviados aos seus juizes, como manda a lei, ou pedindo desde logo, como seria mais curial, a garantia do *habeas corpus*; e o Supremo Tribunal, que não quererá certamente recuar do seu principio, deferirá a petição dos pacientes. Surge aqui uma dolorosa alternativa para

o depositario do executivo: ou elle obedece á ordem do tribunal, e nesse caso confessa que esperou ser coagido para cumprir a lei, ou recusa-se a cumprir a ordem do tribunal, e nesse caso abre um conflicto com o poder judiciario, vence-o e o destroe, supprimindo a sua soberania, invadindo despoticamente a esphera de sua competencia. Será um acto de tão violenta dictadura como o foi o que dissolveu o Congresso.

Por outro lado, ponderei ainda á commissão que se me afigurava um perigo para o prestigio do governo a entrega dos factos ao exame e julgamento dos tribunaes de justiça, visto que as provas colhidas estavam muito longe de poderem satisfazer ás exigencias de direito. Expuz, neste sentido, os irrecusaveis fundamentos da minha convicção, que aqui omitto para não tornar ainda mais fastidiosa esta longa narração.

Conclui pedindo aos meus illustres

collegas da commissão que meditassem sobre a gravidade da situação, declarando desde logo que a solução melhor, a mais politica, parecia-me ser a concessão da amnistia.

No dia seguinte reunimo-nos de novo para nos occuparmos do assumpto. Todos os membros da commissão acharam-se de accordo com a minha opinião; somente o Sr. Felisbello Freire entendeu que se devia votar por uma amnistia parcial.

Combati este alvitre por ser absurdo. Tratava-se de um principio, de uma doutrina juridica assentada em uma decisão do tribunal superior, e ella não podia ser variavel, na applicação, conforme a pessoa do inculpado.

Foi este o voto da commissão, ficando o Sr. Felisbello Freire encarregado de reduzir a escripto o nosso parecer. O Sr. Felisbello o fez, dando entretanto o seu voto em separado pela amnistia parcial. Não pude obter uma copia deste documento

e é por isso que deixo, ainda agora, de dal-o á publicidade.

Lançada a deliberação da commissão, para que a maioria parlamentar marchasse de harmonia com o pensamento do governo, propuz que, antes de darmos a conhecer o nosso alvitre aos amigos das duas camaras, tivéssemos uma conferencia reservada com os ministros afim de informal-os acerca dos fundamentos da nossa deliberação. A pedido nosso essa conferencia teve lugar na residencia do Sr. Serzedello Corrêa, então encarregado da pasta da agricultura e com a assistencia dos demais ministros, Srs. Custodiø de Mello, Fernando Lobo e Rodrigues Alves. O unico que não compareceu foi o Sr. ministro da guerra. Estiveram tambem presentes os quatro membros da commissão parlamentar e mais os Srs. Prudente de Moraes e Bernardino de Campos, presidentes do senado e da camara.

Instituiu-se largo debate sobre o as-

sumpto e concluiu-se por adoptar o alvitre da commissão.

Todavia, para que não faltasse uma só precaução em materia que reclamava toda a nossa prudencia e a maxima reflexão propuz que se solicitasse do Sr. vice-presidente da Republica uma conferencia de ministros, presidida por S. Ex., para que perante ella pudesse a commissão expor o seu pensamento. O nosso pedido foi satisfeito, e em Itamaraty, presentes todos os ministros sob a presidencia do Sr. marechal Floriano e todos os membros da commissão parlamentar, abriu-se larga discussão sobre o grave assumpto, em que foram ouvidas e debatidas todas as opiniões. O Sr. vice-presidente da Republica acompanhou o debate com o mais vivo interesse e prestou-lhe toda a sua attenção, pedindo por vezes esclarecimentos sobre pontos importantes.

Foi por fim adoptado o pensamento da commissão.

— Mas, disse eu, está na ordem do

dia de amanhã no senado o projecto de amnistia geral. Em vista desta deliberação que acabamos de tomar, o projecto será votado *silenciosamente e unanimente*.

Concordaram todos; e nem podia ser de outro modo, porque era bem visto que não se havia de discutir e regeitar o projecto quando estava aceita a amnistia em perfeita harmonia de vistas entre o governo e a maioria que o apoiava no Congresso. Não podia haver uma conducta mais correcta, mais leal e mais franca do que essa adoptada pela commissão.

Entretanto, aceito unanimemente e sem discussão no senado o projecto de amnistia, fui logo avisado de que o facto produzira alarmante surpresa em Itamaraty! Um ministro deu-me testemunho pessoal dessa surpresa, mostrando-se elle proprio extremamente alarmado!

Mas eu é que fiquei verdadeiramente maravilhado em presença de tão extranhas

manifestações! Pareceu-me que estávamos em plena Babel politica!

Francamente, comecei a duvidar da capacidade do governo ou da lealdade dos que porventura o inspiravam na intimidade.

Vieram depois, como era natural, os alvites de toda a especie, cada qual mais disparatado, produzindo tudo isto uma fatigante serie de contrariedades de natureza a preocuparem seriamente o espirito de quem deseja para o seu paiz um governo correctamente austero, circumpeto e de orientação lucida e segura.

As exigencias foram ao extremo de se querer lembrar á maioria do senado a necessidade da retractação do seu voto. Oppuz-me resolutamente, porque todos o sabem, eu seria incapaz de propor uma indignidade aos meus collegas, assim como elles seriam incapazes de a tolerar.

E' facil de imaginarem-se os soffrimentos e os desgostos daquelles que recebiam em cheio os rudes choques desta lucta ingrata.

Até agora resoam aos meus ouvidos os echos das injustas allusões ás *fraquezas e condescendências...*

Mas, fraqueza de quem, condescendências por que, se o Congresso não era um tribunal de justiça, se o proprio governo não podia decretar penas, e se só á justiça ordinaria compête processar e punir os criminosos ?

Bem se vê que aquelles que levantam tão insensatas censuras não conseguem senão revelar uma profunda e deploravel ignorancia do nosso direito, tal como elle surge da organização dos poderes da Republica. E elles, os censores, são publicistas e legisladores !

Não posso ir além ; talvez já tenha dito de mais. Passo a outro ponto.

Por sua intima connexão com as questões que se prendiam aos factos de Abril, cogitou-se desde logo de um projecto de lei regulamentar sobre a declaração do estado de sitio.

Foi isto o objecto de uma nova luta, em que mais se aggravaram os dissabores soffridos e as apprehensões que os factos anteriores tinham gerado em meu espirito acerca da orientação governamental.

Em uma carta que da Suissa dirigi em Junho ao Dr. Coelho Rodrigues tive occasião de relatar o que se passou a este respeito, revelando ao mesmo tempo as minhas preoccupações sobre a situação critica em que já se achava o nosso paiz, ameaçado de serios perigos. Às considerações que agora eu poderia fazer prefiro reproduzir pura e simplesmente essas, que possuem pelo menos o merito de terem sido externadas em uma epocha anterior á dos acontecimentos que mais tarde cahiram sobre a Republica com todo o peso de uma verdadeira calamidade.

Eis a carta :

« Genebra — 6 — Junho — 93.

Dr. Coelho Rodrigues.

« Pelo que observo desta distancia pa-

rece-me que o governo não andou muito direito em relação ao seu projecto de Codigo Civil; talvez mesmo não comprehendesse bem o dever imposto pelo contracto. O facto de não se fazer a mais ligeira menção desse assumpto na mensagem presidencial causou-me estranhesa, porque a simples apresentação do projecto merecia bem, pela sua magnitude, ser referida ao Congresso. Não comprehender essa importancia do assumpto é, só por si, uma presumpção em desfavor do criterio governamental. Vi depois que, propositalmente ou não, procurou-se protellar o exame do projecto constituindo-se uma commissão de professores, residentes á grande distancia do Rio, para dizerem se o contracto foi ou não devidamente executado.

« Quererão acaso até nisto metter o interesse ou o sentimento de campanario ?

« É por isso que vejo as cousas publicas no nosso paiz sempre mal dirigidas e pessimamente resolvidas. As questões mais

graves e da mais elevada esphera, como esta, são entretanto encaradas de um ponto de vista estreito, que revela em tudo uma deploravel ausencia de competencia ou de capacidade.

« Sinto enormemente não poder estar agora no senado, prestando o meu contingente, quasi nullo, para a boa solução desta e de outras questões igualmente importantes. Era esse, comprehendendo-o bem, o meu dever; mas infelizmente as circumstancias forçam-me a conservar-me ausente para sahir-me dos embaraços em que o proprio governo collocou-me, quando no senado eu tomava a peito a defesa de sua politica, assumindo muitas vezes perante o paiz a responsabilidade de actos que tinham sido praticados a despeito do meu parecer formalmente e francamente contrario.

.....
Mais adiante, na mesma carta, eu dizia:
« Depois começou-se a dizer que o exe-

cutivo tinha urgente necessidade de uma lei que regulamentasse o preceito constitucional relativo á declaração do estado de sitio. Ponderei a alguns amigos, com as devidas reservas, que o assumpto era extremamente delicado, pois que affectava muito directamente as garantias da liberdade individual, e que por isso me parecia mais prudente e mais razoavel reservar a elaboração dessa lei para um periodo calmo, sem attritos e isento das paixões que naquelle momento agitavam violentamente os espiritos no seio do proprio Congresso. Mas, em toda a parte ha os que são mais realistas do que o rei : insistiu-se, o governo quiz e eu condescendi em elaborar um projecto de lei que, depois de ter merecido a approvação dos amigos em reunião particular, foi por mim pessoalmente entregue por copia ao Sr. vice-presidente da Republica, a quem dei na mesma occasião os esclarecimentos precisos. O Sr. marechal mostrou-se satisfeito com o projecto, reve-

lando o desejo de que elle fosse quanto antes convertido em lei.

« Foi com esta prévia sancção que eu apresentei o projecto ao senado, empregando um esforço extraordinario para fazel-o passar nas discussões regimentaes. Eu havia procurado, como me cumpria, cingir-me ao preceito constitucional, resolvendo os pontos de duvidas suggeridas pelos decretos de Abril. Pois bem, os taes que são mais realistas do que o rei convenceram ao governo que o meu projecto era *muito fraco*, que o *desarmava* e que elle devia *exigir* do Congresso aquillo que elles chamavam uma *lei marcial*, instituindo *tribunaes de excepção*, etc., etc. Por este processo e com o accordo do governo foi o projecto do senado regeitado na camara dos deputados, com o voto da maioria governamental, á minha revelia.

« Veja o colossal despropósito : com a sua maioria da Camara o governo derrotou a sua maioria do Senado! Era a anarchia,

a perturbação da disciplina politica, o germen da discordia e da dissolução ! Pondo de parte a exautoração infligida ao *leader* do Senado, vê-se ahí, nesse symptoma aterrador, que a situação politica resentia-se lamentavelmente da falta de um criterio director, indispensavel para estabelecer a harmonia de conducta e coordenar os intuitos, fortalecendo a acção governamental.

« Este estado de cousas, em que presente-se a desaggregação fatal de todos os bons elementos, produziu em meu espirito quasi que o desalento. Vi que as cousas publicas não podiam marchar bem e que os mais serios problemas da administração teriam de ser resolvidos tumultuariamente, sem methodo e sem um principio director. Infelizmente os factos têm vindo confirmar as minhas previsões ; haja vista a balburdia, o sim e o não da questão financeira.

« Achei-me por isso no mais formal desacordo com o que se estava fazendo e com o que se ia fazer ; sobretudo julguei im-

possível, nesse meio em que pareciam predominar tão ruins elementos, organizar um centro que pudesse imprimir salutar direcção politica.

« A minha situação pessoal era mais afflictiva do que a de qualquer outro por causa mesmo da responsabilidade que eu assumira na sustentação do governo. Os meus conselhos na intimidade eram inúteis porque eram inefficazes não obstante ter muitas vezes fallado com a mais severa franqueza. Por tudo isso não me era mais permittido continuar a assumir a responsabilidade do que se praticava. Mas, o que fazer em taes conjuncturas? Achei-me nesta alternativa; ou modificar a minha attitude no Senado, ou abster-me, retirando-me silenciosamente para que as minhas explicações não creassem novas complicações nem aggravassem as que já existiam. Pareceu-me ser este o alvitre mais patriotico, e eis porque apressei-me a deixar o nosso paiz.

« Observo daqui que as cousas vão a peor e pelas mesmas causas. Sei que o meu dever era lá estar. Mas, para fazer o que? Estou em plena divergencia com a marcha das cousas e sinto que falta-me influencia para indicar outro rumo. Por outro lado receio que uma attitude menos amigavel perante o governo possa de alguma sorte favorecer ou animar os perniciosos elementos de perturbação que já existem e que tanto mal fazem á Republica. Tudo isto leva-me a pensar que devo continuar a minha abstenção, ainda que me custe, a mim que tenho uma grande responsabilidade nesta situação, os maiores tormentos do espirito o conservar-me ausente da patria, quando lá se joga, não a sorte da Republica, que eu reputo imperecivel, mas uma perigosa partida, na qual póde abysmar-se o credito nacional.

« Sou uma especie de expatriado. »

.....

.....

Ahi está como em Junho de 1893 eu resumia as causas que determinaram-me a emprender a viagem, e como eu encarava os sinistros signaes que presagiavam grandes calamidades publicas. Os actos de um governo não são, não podem ser meros productos do accaso; elles devem ser a resultante de um exacto conhecimento das necessidades complexas da situação, em perfeita harmonia com a prudente previsão das exigencias do futuro. Outro não pôde ser o ponto de vista dos homens de estado.

Não foi, pois, uma viagem de recreio a que emprehendi. Receei que viesse a ser de certo momento em diante um obstaculo, e por isso eliminei-me. Deixei livre o campo para que nelle pudessem agir sem estorvos os proprios companheiros, de quem me separava assignalada divergencia. Mais uma vez obedeci aos conselhos da minha consciencia republicana e subordinei-me aos meus sentimentos de disciplina. Trago comigo essa educação

politica, acrysolada em renhidos e incessantes combates pela Republica, que já duram bem perto de um quarto de seculo.

Quanto ao temor, que me attribuiram os adversarios, de passar aqui o nosso *anno terrivel*, responde satisfatoriamente, creio eu, o simples facto do regresso ainda a tempo de occupar o meu posto entre os que combatiam contra a revolta, defendendo a um tempo o regimen estabelecido e os poderes constituídos.

Nunca evitei, nunca evitarei a responsabilidade que deva caber-me nas crises da politica republicana. Os adversarios me têm sempre encontrado de frente.

E, para responder agora á allusão de uma coincidencia historica, pergunto — de que serviria fugir ao 93, se o *terror* prolongou-se até 94? Em 93 houve, é certo a morte tragica de Marat, a execução commovente de Carlota Corday e a tremenda hecatombe dos girondinos ; mas ainda assim sobraram para os tribunaes de sangue de

94 muitas e illustres victimas, como Danton e Desmoulins, e o proprio Robespierre, o vencedor de todos elles.

Não posso saber o que me estaria reservado para o 94 brasileiro ; foi para sabel-o que aqui me achei presente quando ouvi o toque de alarma atravez do oceano.

O meu respeitoso acatamento para com os grandes vultos da humanidade não me permite confrontar-me com elles ; mas cabe-me o dever de repetir a mim mesmo a lição que elles deixaram aos posteros nas acções que os glorificaram. E' por isso que vou terminar com uma phrase de Danton.

Contam os seus biographos que, quando os amigos, presentindo a imminencia dos perigos, o aconselhavam a fugir ou a occultar-se, o indomito convencional levantava desdenhosamente os hombros dizendo :

— *Est-ce qu'on emporte sa patrie à la semelle de ses souliers ?*

PRIMEIRA CARTA

Pariz—25—*Novembro*—92.

(AO DR. ALFREDO ELLIS)

Boa viagem—O telegrapho nos affasta da politica européa—A grêve de Carmaux e o projecto de lei restrictiva da liberdade de imprensa—Uma sessão da camara dos deputados—Os parlamentares francezes comparados aos nossos—O anarchismo é a vanguarda do socialismo—Influencia perigosa da nova seita—A politica fusionista e o enfraquecimento dos partidos—O parlamentarismo.

Fizemos uma excellente viagem, favorecidos como fomos por todas as circumstancias que podiam tornal-a commoda e agradável : o mar sempre sereno, noites e dias bellissimos, o paquete *Klyd* esplendido na marcha e no serviço, e de resto nem um contratempo, nem a mais passageira indisposição, cousa

verdadeiramente excepcional, sobretudo para quem, como nós, fazia a primeira travessia do oceano. A sociedade a bordo era polida e respeitosa, o que, segundo me dizem, nem sempre acontece. Tivemos a fortuna de encontrar entre os companheiros de viagem a brilhante officialidade da nossa marinha, que vinha em commissão do governo á Europa para receber o *Republica*, um dos cruzadores encommendados por Wandenkolk, quando ministro do governo provisorio. Era chefe desta commissão o capitão tenente Lara, com quem fizemos desde logo boa camaradagem.

— Ao chegarmos a Lisboa, dizia-nos elle, acharemos a noticia de ter estalado a revolta no Rio Grande.

Tudo correu-nos admiravelmente bem, mas nunca nos esquecemos dos estimaveis e bons vizinhos do *Largo Machado*, dos quaes trouxemos todos nós gratas lembranças e profundas saudades.

Estamos installados no boulevard Males-

herbes, ao lado da igreja de Santo Agostinho, situação magnifica como ponto de partida para um passeio aos grandes boulevards, ordinariamente a primeira excursão que o estrangeiro é tentado a fazer ao entrar nesta grandiosa capital.

Já temos visto muitas das encantadoras maravilhas de Pariz, mas por enquanto com a rapidez e a soffrega superficialidade de quem deseja, antes de mais nada, matar a avidez da curiosidade. Virá depois a observação detida.

Pelo que me diz respeito, sem poder emancipar-me de uma velha influencia preponderante no meu espirito, reservo sempre alguns intervallos para voltar a attenção para os assumptos politicos e informar-me do que nesta esphera vai-se dando no grande mundo.

Estou quasi a dizer que o telegrapho tem-nos affastado um tanto da politica européa. Parecerá isto um paradoxo ; mas não o é de todo. Os telegrammas transmit-

tindo-nos dia a dia os factos, isoladamente, nuamente, porque nelles são impossiveis os commentarios, a critica e a apreciação das circumstancias que dão-lhes as feições características, tornam entretanto sem interesse as correspondencias e as discussões da imprensa diaria, que só ahi chegam tardia-mente, e muitas vezes quando aconteci-mentos posteriores têm tirado a importancia aos outros. Ninguem as lê, e bem poucos são por isso os que podem se habilitar para fazer a indispensavel coordenação dos elementos que constituem em determinada epocha uma corrente politica, predominante. Fica somente o conhecimento dos factos taes como elles se apresentam em sua nudez, com o seu aspecto quasi material, como póde dal-os o telegrapho, o que certamente não basta para o estudo e comprehensão de uma situação. É nesse sentido que digo que o telegrapho tem-nos afastado deste grande centro politico.

Cheguei a Pariz exactamente no momento

em que mais se agitava a questão da greve de Carmaux, facto da mais alta importancia politica na actualidade, porque os acontecimentos desta natureza já não affectam somente as relações de interesse privado entre o patrão e os operarios, mas acham-se intimamente ligados em sua essencia e nos seus intuitos geraes á agitação socialista, que cresce rapidamente e vae tomando vastas proporções em toda a Europa, creando fundadas apprehensões por toda parte, principalmente porque os socialistas têm por suas guardas avançadas, queiram ou não queiram, os anarchistas. Isto explica como uma explosão de dynamite, sobrevindo em um tal momento * como uma manifestação do anarchismo, aggravou por tal forma a situação, que os poderes publicos julgaram indispensavel intervir e agir com presteza e energia.

Apreciando devidamente o valor sociologico destes factos e na previsão de mais graves perigos no futuro, o governo francez

julgou prudente levar a questão á camara dos deputados, á qual pediu francamente uma lei restrictiva da liberdade de imprensa para estes casos especiaes.

Aqui os homens de estado não se deixam tolher em sua acção por preconceitos de qualquer natureza, nem mesmo pelas phantasias de um mal entendido liberalismo. Sobresahe no seu character a coragem e o desassombro com que elles atacam o mal social, applicando o remedio que a sua natureza reclama, seja embora necessario affrontar os mais inraizados prejuizos populares. E todavia não ha espirito que mais submisso seja ao verdadeiro culto da liberdade do que o espirito do povo francez.

Isto basta para mostrar a excepcional importancia que deviam ter as sessões do parlamento, destinadas ao debate deste momentoso assumpto, que subia a tomar o primeiro plano na politica interna da França.

Calcule, meu amigo, o empenho que eu

deveria fazer para assistir a uma dessas sessões. Era a primeira vez que eu ia achar-me em presença de um debate politico, em parlamento estrangeiro e tão opulento de tradições como este. Não o consegui senão depois de ter vencido algumas difficuldades.

As sessões parlamentares são publicas aqui, como entre nós ; mas ninguem tem entrada no edificio sem exhibir um cartão, que é fornecido pela secretaria da presidencia da camara, dando-lhe collocação nas galerias ou em algumas das tribunas. Devo aos bons esforços de um amigo o logar que obtive na tribuna reservada aos ex-deputados, na memoravel sessão de 17 do corrente.

Confesso que experimentei uma profunda emoção ao entrar no tradicional palacio Bourbon, deixando lá fóra a enorme multidão que esperava cheia de anciedade as noticias sobre as peripecias do debate que se ia travar, e vendo no recinto uma outra multidão, que enchia as galerias e as tribunas. O mundo politico de Pariz estava

allí : nos seus logares os deputados, quasi todos presentes (em numero de 532, só os que votaram) ; os ministros todos, tambem presentes ; a tribuna dos diplomatas repleta e nos bancos da frente, em toda a volta do recinto, senhoras das mais altas gerarchias sociaes. Nada faltava para indicar a austera perspectiva de uma sessão solemne.

Travou-se animado debate. Os oradores eram constante e vivamente interrompidos por vehementes apartes, sem que entretanto a discussão perdesse da sua imponente elevação. A tribuna foi successivamente occupada pelos representantes dos diversos grupos parlamentares e tambem pelo presidente do conselho de ministros, o Sr. Loubet, que alcançou assignalado triumpho ; e todavia elle não trazia a reputação de um grande parlamentar. O successo da sua vibrante oração foi completo. A camara inteira, com excepção sómente da Direita, o reduzido grupo dos *sebastianistas* de cá, applaudio freneticamente o energico discurso

do Sr. presidente do conselho, e quando este desceu da tribuna foi necessario interromper-se a sessão, pois que os deputados deixavam os seus lugares para irem cumprimental-o.

O Sr. Loubet alcançou este successo porque teve a habilidade senão a força de manter-se sempre em um ponto de vista elevado, fallando em nome dos interesses da França e da Republica, sem jámais pôr em causa a sua personalidade, ou o seu governo. A fibra do patriotismo é incontestavelmente a mais delicada, a mais sensível do coração francez. O mais leve toque basta para produzir a mais nobre expansão dos sentimentos.

Os parlamentares francezes assemelham-se muito aos nossos na attitude, no gesto e na declamação. Cheios de animação e vivacidade, elles mantêm comtudo um pouco mais de simplicidade na tribuna do que alguns dos nossos oradores, que ainda pretendem guardar na acção oratoria uma certa

solemnidade já banida dos usos modernos e de todo incompatível com a natureza das nossas instituições, em que o corpo legislativo não é absolutamente o que o foi o Parlamento. As suas orações são breves, concisas e vigorosas. Não vi um só orador nesse debate deter-se na tribuna por mais de meia hora; aquelle que o fizesse com certeza incorreria no desagrado geral. Note-se, porém, que não se tratava de uma moção politica, que, segundo as formulas consagradas pelo parlamentarismo, exige uma discussão rapida e uma solução immediata: ao contrario, tratava-se de um projecto de lei modificando o uso da liberdade de imprensa. E' um assumpto para longas dissertações nas nossas assembléas. O auditorio francez não ouviria um discurso de duas horas proferido por Gambetta, ou Clemenceau, ou J. Ferry, com a mesma paciencia e bom humor com que os inglezes ouvem as profundas orações, de oito horas, de Gladstone.

Para a efficacia da nossa acção legislativa eu preferiria que adoptassemos em nossas assembléas o modelo francez em vez do inglez.

Na maneira de applaudir os oradores é que as praticas de cá divergem completamente das nossas. Aqui os espectadores conservam-se no mais respeitoso silencio durante a sessão e assistem aos débates nessa attitude recolhida de bons crentes em presença dá celebração de cultos solemnes dentro de um templo. As manifestações de agrado e desagrado pertencem exclusivamente aos deputados, que desempenham-se dessa prerogativa com a calorosa vivacidade propria do temperamento sempre ardente e apaixonado deste povo. Os seus oradores são constantemente e freneticamente interrompidos por estrondosas salvas de palmas. Uma boa phrase da tribuna ou em aparte, é objecto de uma ovação. Mas, tambem, desgraçado daquelle que estimula o sentimento opposto. Os collegas são verdadeira-

mente desapiedados nas manifestações de desagrado: agitam-se e fazem tal sussurro que parece ás vezes uma assuada. Não são raros os duelos que alli se originam.

Emfim, em presença deste grandioso debate tive occasião de ver, comparando-nos, que somos um povo adiantado e que na tribuna da republica brasileira a palavra e o pensamento attingem ao elevado plano em que as collocam os mais cultos legisladores do mundo. Seja isto dito sem modestia, mas sem jactancia.

A reforma da lei da imprensa pedida pelo governo consistia, em substancia, em facultar a prisão preventiva e a apprehensão no caso de incitamento aos crimes de roubo, homicidio, incendio, pilhagem, e em geral aos crimes contra a segurança do Estado. Evidentemente pretende-se armar o poder publico de medidas energicas, promptas e efficazes contra a propaganda do anarchismo que começa a ameaçar seriamente a sociedade européa.

Como já disse, os anarchistas formam a vanguarda dos socialistas. Ora, o socialismo é hoje uma doutrina corporificada em um grande partido internacional que toma extraordinario desenvolvimento em toda a Europa, estendendo a sua pernicioso influencia, já poderosa, a todas as classes e a todas as regiões sociaes. O parlamento francez já adoptou uma lei regulando as condições do trabalho das mulheres em geral, em particular das que se acham gravidas, e dos menores. Tudo quanto devia ser objecto de convenção entre partes contratantes passa a ser assim subordinado, regulamentado, imposto obrigatoriamente pelas disposições imperativas da lei. Outros projectos vão sendo apresentados no sentido de reger as relações entre o patrão e o operario.

Mas, o que quer isto dizer senão que o socialismo faz reflectir a sua influencia no proprio seio dos grandes poderes da nação? Não se está vendo por estes signaes

caracteristicos a tendencia para reconstituir-se o organismo social de accôrdo com as aspirações consubstanciadas em uma nova doutrina?

Isto quanto á França. Na Allemanha o chanceller de Capriví começa a sentir a resistencia que lhe oppõe o partido socialista, representado no Reichstag por um grupo de 35 deputados, que exprimem o pensamento de 1.341.587 eleitores. Não existe actualmente no poderoso imperio um partido politico que possua maior eleitorado.

Limito-me a estes exemplos e julgo que é quanto basta para ver-se que o socialismo invade todas as nações, constituindo uma organização de character internacional, pela qual poderá chegar a operar profundas transformações no regimen dos povos dentro mesmo deste fim de seculo. Ninguem ignora a prophecia de Louis Blanc: a formação do terceiro estado, disse elle, fez a revolução de 1789; é preciso que o Proletariado

tenha tambem a sua, e esta será a ultima. Não será máo que estejamos advertidos disso para tomarmos as indispensaveis precauções contra a invasão de uma seita perigosa, porque é subversiva.

Não quero agora occupar-me da doutrina. Mas ninguem se illuda : apoiada sobre o collectivismo, que é a sua base fundamental, ella aspira a desorganisação social pela destruição total de todos os principios de moral, de direito, de ordem e de justiça. E' com esta physionomia que os seus ardentes apostolos a propagam, dando, sem dissimular, á sua acção o accentuado character de uma lucha de classes.

O certo é que o apparecimento desta nova força social tem concorrido concomitantemente com outras causas para a divisão e enfraquecimento dos partidos politicos. Não só o socialismo, mas tambem as questões internacionaes e financeiras têm influido com mais ou menos intensidade para a desorganisação dos velhos partidos,

facto este que se assignala com toda a evidencia em alguns paizes, entre os quaes apontarei como exemplos Portugal, Italia e França.

As divergencias que ahi têm a sua principal origem, produzindo a dispersão das forças e a indisciplina dos espiritos, geraram a necessidade da politica fusionista, que na França chama-se *concentração*, na Italia *transformismo*, etc., que está produzindo resultados fataes e que muito deve concorrer ainda para as incertezas das situações e para o enfraquecimento da acção governamental. A conciliação ephemera de elementos rivaes não tem servido senão para adiantar e desenvolver os germens de dissolução que mais ou menos existem no velho organismo dos partidos antigos.

Em Portugal e na Italia acabamos de presenciar a singularidade de uma crise governamental no dia seguinte ao de um triumpho eleitoral.

O Sr. Dias Ferreira, o primeiro ministro

de D. Carlos, que aliás chegou a esse posto pela circumstancia de não possuir accentuado matiz politico, abandonou desde logo o pensamento de fortalecer um só dos partidos no pleito de Outubro ultimo para organizar a lista dos candidatos officiaes de accôrdo com os diversos grupos, menos o republicano. Foram eleitos os candidatos da fusão, e no emtanto o governo já presente a sua fraqueza perante a camara e começa a vida de expedientes para ganhar mais alguns dias de existencia.

Na Italia o Sr. Gioliti, actual presidente do conselho, em balde procura na politica do transformismo, iniciada por Depretis e proseguida por Crispi, os recursos para uma situação duradoura. A combinação eleitoral interessando todos os grupos não tem servido senão para destruir a organização dos partidos e debilital-os em sua acção parlamentar. O governo triumpho sempre nas eleições, e todavia a sua posição é sempre precaria no seio do parlamento. O

Sr. Gioliti espera o momento da sua queda.

A politica de concentração na França cria uma situação identica. O ministerio não representa as forças homogeneas de um partido, porque se constitue dos diversos grupos republicanos em que se acha dividida a camara. Dahi resulta que, ao iniciar-se uma campanha parlamentar como esta que acabo de presenciar, ninguem, nem o proprio governo sabe com que elementos póde contar; e é por isso que se tornam frequentes os golpes de surpresa, aos quaes succumbem os gabinetes.

O resultado de tudo isto é que vai-se tornando impossivel a organização dos gabinetes fortes, aptos para uma politica de aspirações accentuadas, pois que não ha possibilidade de uma combinação ministerial bastante homogenea para poder apoiar-se na dedicação decidida de um partido disciplinado e forte. Os gabinetes não têm, nem podem ter estabilidade por isso mesmo

que, originando-se das colligações e nellas assentando as condições precarias de sua existencia, acham-se expostos a cahirem no momento em que os interesses dos grupos parlamentares se colligarem em sentido adverso.

Mas, uma tal ordem de cousas não affecta sómente a estabilidade dos ministerios; attinge tambem o principio da autoridade, que se enfraquece sensivelmente, perdendo cada dia um pouco deste prestigio moral que é a força principal sobre que elle repousa. Não-é, pois, para duvidar-se que a sociedade européa esteja proxima de grandes transformações, maximé no que respeita ao seu organismo politico.

Quanto á França, isto-é, quanto á fórma republicana, a solução parece menos complicada, pois que é mais natural. Ella hade substituir o seu parlamentarismo pelo regimen presidencial. Quando isso acontecerá? Não sei: será para muito tarde, talvez, porque por emquanto o parlamentarismo é um

dos mais enraizados prejuizos politicos deste povo ; mas a reforma ha de vir.

A França não possui actualmente uma constituição, o seu codigo politico. O que ella possui são leis constitucionaes, actos legislativos isolados, que regulam, como modificação da antiga legislação, as funcções dos poderes publicos. Taes são as leis de 1875. Quer isto dizer que não está completa a obra da organização constitucional da 3.^a republica.

E no entanto, entre parenthesis, ha muito quem estranhe, lá e aqui, que a Republica brasileira, com tres annos apenas de existencia, não esteja ainda funcionando com a regularidade mechanica de apparatus bem ajustados pela acção do tempo.

Mas, voltando ao assumpto, a lei constitucional de 25 de Fevereiro de 1875 estatuiu que os ministros são solidariamente responsaveis perante as camaras pela politica geral do governo, e individualmente pelos seus actos pessoais.

Ahi está o parlamentarismo collocando a França nas mesmas condições difficeis em que se vão encontrando as monarchias européas. Basta-lhe entretanto estirpar do seu organismo institucional este germen perpetuo das intrigas e das chicanas parlamentares para que ella possa possuir governo forte e estavel, capaz de desaffrontar-se dos embaraços que a assoberbam na dupla região da politica interna e externa.

Para as monarchias é que o remedio é mais difficil. Ellas não podem absolutamente prescindir do parlamentarismo, porque vivem da ficção da irresponsabilidade do soberano, cuja pessoa *inviolavel e sagrada* precisa ser guardada pela responsabilidade do GABINETE. Mas, como já não é cousa facil organizar gabinetes fortes, quando os partidos politicos se debilitam pelo retalhamento dos grupos, o resultado inevitavel será uma crise politica, gerada pelo enfraquecimento do principio da autoridade. Quaes sejam as consequencias dessa crise,

talvez se possa prever, medindo-as pela influencia que vai ganhando nas sociedades modernas o espirito democratico, senão o sentimento da autonomia individual.

SEGUNDA CARTA

Paris—15—Dezembro—92.

(A VICTORINO CARMILLO)

O isolamento em Paris—Causas do nosso descredito—A corrupção e a fraude gerando crises nos governos da Europa—O caso do Panamá e suas semelhanças com algumas cousas nossas—Exploração politica dos monarchicos e o conceito do duque de Broglie—Lição aproveitavel.

Por ora não temos feito senão ver Paris com as suas infinitas curiosidades. Não é empreza facil e de pouco tempo, mas incomparavelmente agradavel.

A gente sente-se bem aqui, onde em meio de uma enorme multidão, que se agita e se move para todos os lados, experimenta-se entretanto o confortavel sabor do *iso-*

lamento ; mas, bem entendido, o isolamento das cousas que pungem e amarguram o espirito no logar que tem sido o theatro das nossas lutas e onde a irresistivel força dos acontecimentos nos expõe fatalmente aos accidentes e aos choques produzidos pela rivalidade dos interesses e pelo antagonismo dos sentimentos.

Todos os honnens de luta ou de trabalho têm necessidade de procurar este repouso duplamente benefico, reparador das forças do espirito e da saude do corpo. Aqui as observações tornam-se mais fecundas, porque vêm-se as cousas de um ponto de vista mais amplo e mais isento.

E já que me estou dirigindo a um banqueiro e commerciante, que reserva patrioticamente uma parte do seu laborioso tempo para as questões de ordem publica, vou dizer-lhe alguma cousa sobre factos de actualidade que não deixam de ter uma relação bem proxima com certos acontecimentos do nosso paiz.

Temos sido muito acusados, e confessemos á puridade que com razão, de erros e descuidos que têm prejudicado grandemente a nossa vida economica, compromettendo de modo extraordinario os nossos creditos. Tem sido essa a obra fatal da *industria fraudulenta*, que surgiu gerada pelos mais condemnaveis excessos da ambição pessoal e que acabou por levantar em toda parte tremenda suspeita sobre o credito nacional.

Não venho dizel-o para consolo, mas o certo é que esse mal generalisa-se por tal fórma e propaga-se tanto, penetrando no organismo dos povos, que parece antes denunciar uma perversa tendencia do tempo, do que a corrupção ou decadencia moral de uma nação. E' por isso mesmo que o pernicioso phenomeno desafia a attenção dos bons espiritos, a quem compete combatel-o por todos os modos e com toda a perseverança de uma energia honestamente intransigente.

Mas convem não perder de vista que os

factos desta natureza produzem males de character mais grave e de resultados mais extensos entre nós, do que entre outros povos, onde o regimen politico e o estado financeiro possuem uma tal ou qual consistencia que lhes é dada pelo tempo. Estamos, nós outros, na situação melindrosa de uma nação que ainda não pôde completar em todas as espheras da actividade social a sua recente e profundamente radical revolução politica. Qualquer acontecimento, qualquer incidente mesmo nestas circumstancias toma naturalmente proporções extraordinarias, muito além daquellas que na realidade possui. No entanto que, em relação aos povos cujas instituições têm já recebido a consagração do tempo, revestindo-se assim de um character de estabilidade que exclue do espirito publico as apprehensões, os receios e as proprias desconfianças, os factos, quaesquer que sejam, não apresentam á critica senão a face positiva do seu valor intrinseco.

E' inutil portanto pretender que o nosso paiz seja julgado debaixo da influencia geral dos bons principios de justiça. E' a nossa propria situação que abre accesso ás falsidades e ás injuriosas calumnias de que temos sido victimas e o seremos ainda, até que pela conducta simultanea do povo e do poder publico se chegue a estabelecer a normalidade na nossa vida nacional.

Para mostrar que a *industria fraudulenta* anda por toda parte, assignalarei o que se está dando, por exemplo, na Hespanha, na Allemanha e na França, onde os respectivos governos têm-se achado em crises mais ou menos graves em consequencia de actos de corrupção, evidentemente estimulados pelo mesmo desejo immoderado da aquisição de fortunas colossaes em pouco tempo e com pouco trabalho.

Na Hespanha o ministerio Canovas, que se reputava seguro porque era a representação genuina dos velhos elementos conservadores, aliás particularmente sympa-

thicos á rainha regente, foi todavia obrigado a retirar-se dando logar á formação do gabinete Sagasta, de politica inteiramente opposta, e isto porque descobriram-se actos de delapidação e fraude no thesouro da municipalidade de Madrid, em que se acharam envolvidas poderosas influencias politicas da situação decahida. Tamanho foi o escandalo que, apezar da sua preferencia pessoal para com o chefe da politica conservadora, a regente sentiu-se coagida a consentir em uma mudança de situação para evitar um provavel movimento politico, do qual não se consideravam isentas as proprias instituições.

Na Allemanha foram denunciados da tribuna do Reischtag gravissimos abusos *pecuniarios* praticados a proposito do fornecimento de armamentos para quinhentos mil soldados do exercito. O governo procurou habilmente evitar o inquerito e as diligencias para a verificação da culpabilidade do fornecedor, porque, em summa,

para descobrir o ladrão teria sido necessario antes descobrir perante a Europa que uma parte consideravel do exercito estava desarmado. A opinião européa apercebeu-se dos subterfugios do governo allemão e ninguem duvida da fraude do fornecedor.

O caso da França offerece algumas particularidades de semelhança a muitas das nossas cousas, que convem precisar.

Em 1887 presentiram alguns espiritos o desastre da empreza colossal do Panamá, e quando o seu chefe, o famoso engenheiro Lesseps, manifestou a intenção de obter a favor della a intervenção do poder publico, não deixou de haver quem patrioticamente advertisse, fundado na experiencia financeira, industrial e administrativa, que o desastre era certo e proximo e que por consequencia a autorisação pedida para a emissão de *obligations à lots* apenas poderia permittir á companhia, pelo effeito moral por ella produzido, *retardar de alguns mezes a catastrophe inevitavel, tendo-se en-*

tretanto devorado um pouco mais das economias francezas e compromettido inutilmente o governo.

Note-se, dizia-se isto não obstante serem chefes da empreza homens da estatura de Lesseps e Eiffel.

As advertencias não foram attendidas, mas a previsão realisou-se.

A empreza obteve a concessão pedida ao poder publico, e armada desta rehabilitação moral pôde levantar os milhões que dizia serem necessarios para execução da sua obra gigantesca. Uma grande parte desta somma sahiu das economias custosamente accumuladas pelas classes menos abastadas. Mas, veio a catastrophe, os capitaes levantados reputam-se perdidos e a moralidade do poder publico acha-se envolvida nas suspeitas de um inquerito, em que a honrabilidade de deputados e senadores é posta em escandaloso litigio, attribuindo-se-lhes grossas recompensas por parte da empreza para intervirem em favor da

concessão daquella infelicissima authorisação.

Como vê, ha em tudo isto tristes semelhanças com algumas cousas do nosso paiz.

E' em virtude de experiencias desta ordem dolorosamente adquiridas nos grandes desastres moraes, que aqui sempre produz pessima impressão qualquer tentativa de intervenção ou auxilio official em favor de empresas arruinadas, que ahi existem, decahidas do conceito publico pela ausencia de escrupulos na sua gestão, e para as quaes a protecção governamental não poderia servir senão para alargar a extensão dos seus estragos, além de comprometter ainda mais a reputação dos homens publicos e consequentemente a honestidade da administração.

Existe por consequencia nesses factos um perigo politico que cumpre evitar, pondo em logar de certas facilidades criminosas o mais serio escrupulo e o mais rigoroso

exame. E' indispensavel substituir já a condescendencia pela resistencia. Para os bons creditos do governo da Republica é preciso desenganar os assaltantes.

Aqui os escandalos do Panamá começaram a ser desde logo politicamente explorados pelos reaccionarios, que são os pretendentes á restauração monarchica.

A imprensa acaba de dar conta de uma importante reunião de notabilidades do partido orleanista, que teve lugar na casa do conde de Pariz, na qual tratou-se de verificar quaes seriam os meios mais efficazes a empregarem-se para se tirar o maior proveito possivel de taes escandalos.

Ve-se bem, entre parenthesis, que os restauradores de monarchias são os mesmos em toda a parte.

Diz-se, porém, que o duque de Broglie, embora o unico no seu nobre protesto, oppoz-se com grande elevação moral a esses intuitos antipatrioticos dos seus correligionarios. Em todo caso, disse elle contra-

riando a perversa intenção dos amigos, se a monarchia pudesse ser restaurada, não era pela porta da deshonra da França que o rei deveria entrar.

Não obstante, os inimigos da republica agitam-se no meio desta deploravel fermentação de escandalos; mas em balde, felizmente, porque o povo francez detesta cordialmente a monarchia, que tem sido em todas as epochas a causa dos seus maiores infortunios.

Por outro lado, os grupos republicanos em que se acha dividido o parlamento tratam de firmar as bases da sua união organisando um centro de resistencia e de acção decisiva contra os reaccionarios. O proprio governo entra francamente na collaboração desta politica republicana. O Sr. Ribot, presidente do conselho de ministros, acaba de dizer da tribuna do senado que—como não se póde matar a republica tenta-se desacreditar-a na pessoa daquelles que a representam: pretende-se por esta forma *perder*

os republicanos na confiança do povo e arrebatá-lhes a situação que elles conquistaram na França.

Vejo em tudo isto muita cousa que deve ser meditada e estudada com bom proveito pelos republicanos brasileiros ; e é com certa satisfação que noto nas palavras do illustre estadista francez a mesma advertencia que eu mais de uma vez dirigi aos amigos revelando as minhas apprehensões em presença da attitude hesitante, por vezes absurda e contraditoria ante o nosso problema financeiro. O que eu temia era exactamente que os inimigos da Republica começassem a explorar as difficuldades da situação, ao mesmo tempo que a' agitação dos interesses particulares viesse embarçar ainda mais a boa solução. Quanto a mim quem via claro no assumpto era o nosso illustre amigo Rodrigues Alves, que todavia viu-se na necessidade de deixar a administração da fazenda. O futuro ha de dar-lhe razão.

Devo accrescentar que o que sobretudo tem valido á França na crise actual é a boa reputação de que gosam os seus homens de governo. Os ministros que não são abastados subordinam a sua maneira de viver aos costumes mais simples e modestos, quer nas altas posições, quer fóra dellas. Ausencia absoluta do fausto e da grandeza na vida domestica e a mais escrupulosa exactidão nos actos da vida publica, eis o que forma a resistencia da impenetravel couraça que cobre a sua honra pessoal contra os ataques do inimigo. Muitos delles descem da pobre habitação de um quinto andar para as altas funcções do governo, e quando os accidentes naturaes da politica os obriga a deixar esta posição, resignadamente, sem o mais leve constrangimento moral, volvem á sua antiga e modestissima morada.

O character do homem publico tem necessidade desta salvaguarda—a sua propria conducta—porque a logica do povo é in-

flexível, e, estabelecidas as primissas, não pãra senão após a ultima conclusãõ.

O povo sabe que só os ricos podem ter existencia faustosa.

TERCEIRA CARTA

Paris—2—Janeiro—93

(A FREDERICO BRANCO)

Visita á casa de Gambetta—O monumento—A simplicidade da vida domestica—O culto dos grandes homens—A dictadura da persuasão.

Respondo á sua carta ; mas deixe-me antes dar ligeira expansão ás emoções que ainda sinto.

Chego neste momento de uma excursão que fiz com a familia á *Ville d'Avray*, a duas horas de Paris em viagem de carro. Fomos ver a casa onde morou e onde morreu Gambetta. E' uma casa pequena, quasi pobre, e a sua apparencia modestissima contrasta immensamente com a grandiosidade do monumento levantado sobre

a sua humilde fachada, por iniciativa da Alsacia e Lorena, em honra á memoria do illustre fundador da terceira Republica.

E' um imponente grupo de bronze, de enorme vitalidade, que produz a mais commovente impressão, sobretudo quando o observador que o contempla tem n'alma a viva recordação daquelle corajoso e infatigavel apostolo da democracia franceza, a que se alliára por laços da mais intima afinidade de sentimentos e de aspirações a obra dos propagandistas da Republica Brasileira. Do centro do grupo surge a figura de Gambetta naquella caracteristica attitude reveladora de uma rara energia moral e de um patriotismo infinitamente superior á esphera dos espiritos communs. Aos lados, a allegoria pathetica da Alsacia e Lorena, esculpturando na perpetuidade do bronze o imperecivel tributo de homenagem áquelle que foi o valoroso e perseverante defensor da integridade territorial da França.

Alli está tambem um cofre guardando

o coração do grande homem que foi o poderoso instrumento da execução da vontade republicana da França.

O monumento da praça do Carrousel, erigido pela cidade de Paris em honra a Gambetta, é sem duvida mais magestoso, mas não impressiona tanto como este.

A casa é hoje um proprio nacional. Logo após a morte do tribuno, a França adquirio-a. Aqui acata-se a memoria dos filhos que honram a patria.

Todos os annos, na data do triste anniversario da morte de Gambetta — 31 de Dezembro — a casa abre-se e é exposta á visitaçào publica. Forma-se então a imponente romaria civica que enche a estrada de Paris á *Ville d'Avray*. A exposiçào dura tres dias, e nesse tempo dão-se as piedosas expansões da saudade.

Imagine, meu amigo, com que respeitosa veneraçào penetrámos nós neste sanctuario do patriotismo. Tudo está alli tal qual era no momento em que morreu Gambetta.

Os moveis são absolutamente os mesmos do seu uso ordinario e conservam até hoje as mesmas disposições em que elle os deixara. Nada se alterou para que cada particularidade possa ser uma recordação real. Os velhos amigos, os companheiros de cada hora, percorrendo o interior da habitação, as salas, o gabinete de trabalho e o quarto de dormir com o proprio leito, onde elle morreu, têm diante dos olhos a imagem viva e compungente do que foi aquelle grande espirito na intimidade da vida domestica.

O que eu via dava-me antes idéa da habitação de um estudante trabalhador e de habitos modestos. Fiquei verdadeiramente maravilhado contemplando estes fidedignos testemunhos da simplicidade da vida de um homem, que pela opulencia dos sentimentos e do espirito chegára a ser o PODER OCCULTO da França ! Não se encontra nos aposentos um só objecto, um ornato qualquer, que denuncie os habitos de uma

existencia faustosa : ao contrario, tudo alli revela a singeleza de costumes, a austeridade severa do homem publico, para quem o primeiro cuidado consiste em manter a pureza immaculada da honra, para que ella não fique jámais exposta, nem mesmo ao vandalismo da calunnia.

Gambetta sabia que a vida luxuosa dos pobres constitue uma denuncia publica contra a honestidade dos escrupulos pessoas.

Os francezes possuem com excepcional intensidade o culto dos seus grandes homens : esse nobre sentimento revela-se em tudo, principalmente nos livros, nos monumentos e na conservação solícita de suas antiguidades. Nada se destróe, tudo se conserva com religioso respeito.

Nenhum povo tem atravessado tantas e tão violentas crises; e no entanto não se ve em outra parte conservados como aqui, os monumentos e as reliquias que vulgarisam a sua historia, constituindo eloquentes narrativas aos olhos das multidões.

Nos muzeus publicos e nas praças de Paris ve-se, por exemplo, com igual fidelidade contada a historia tanto da monarchia como da republica. Depois de se ter contemplado as estatuas dos reis, passa-se em frente á estatua arrebatadora de Danton, levantada no boulevard Saint Germain. Voltada para o arco do Triumpho, que recorda o esplendor do imperio, acha-se no Carrousel a estatua colossal de Gambetta, na sua attitude de tribuno, commemorando a fundação da republica.

A este respeito existe um traço caracteristico.

No palacio do Eliseu, a habitação dos presidentes da republica, conservam-se ainda hoje nos ricos reposteiros o monogramma de Napoleão III, e nas respectivas galerias a coroa imperial, symbolo da monarchia.

E' que aqui ninguem julga necessario destruir estas reminiscencias historicas e estas obras d'arte, para garantir a republica ou dar provas de bom republicanismo. Por ex-

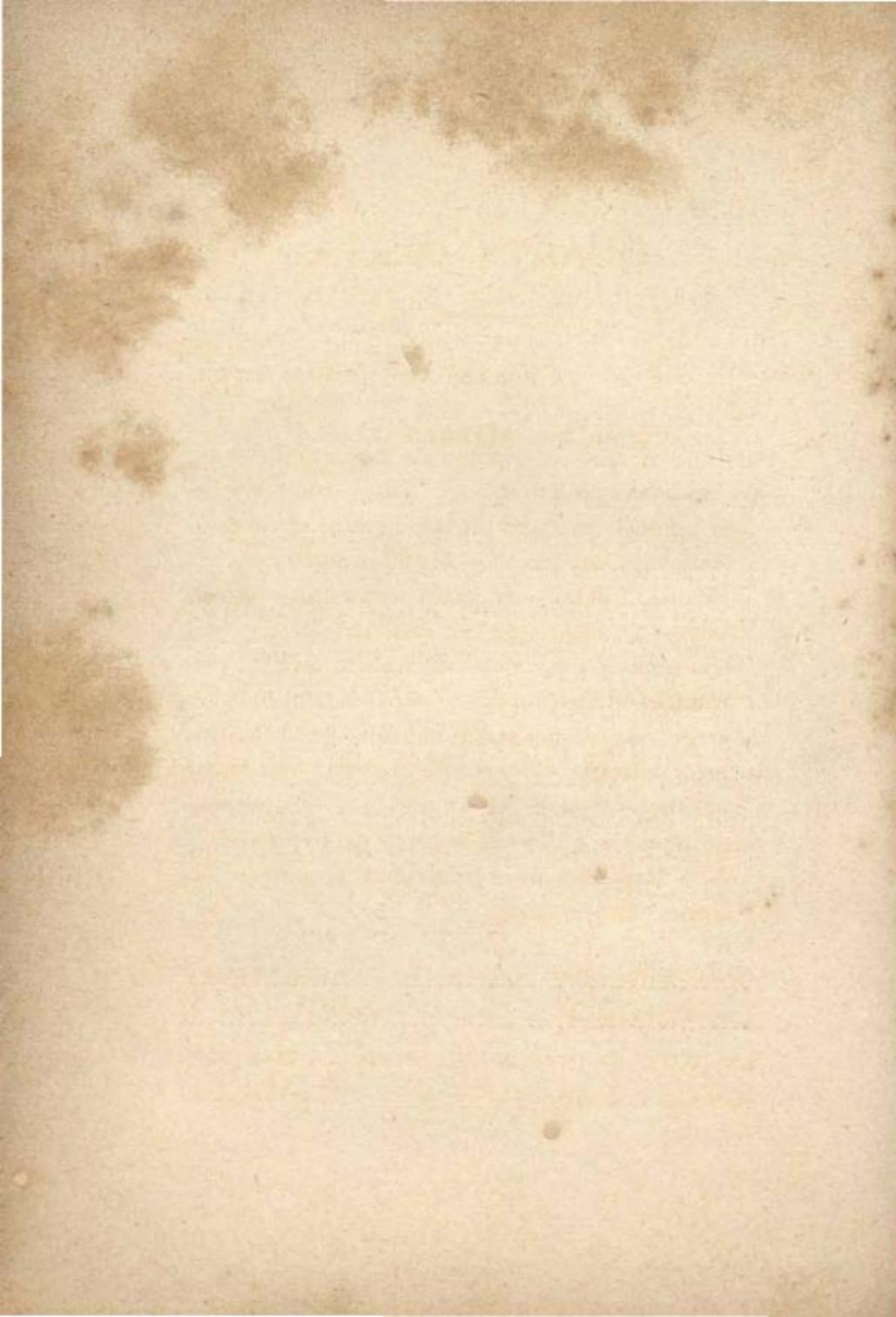
cepção a Communa tentou destruir a celebre columna Vendôme. Mas a Communa foi talvez o maior flagello da terceira republica. O proprio boulangismo com a sua alliança monarchica não o igualou na intensidade dos males.

Este culto do passado exerce poderosa e benefica influencia na educação da alma popular. Tive a prova disto nas reflexões intimas que me suggeriu a visita a casa de Gambetta. Aquella pequena e modesta habitação constitue, a um tempo, um monumento á honra do estadista e um proveitoso exemplo para servir de guia aos homens publicos na sua conducta.

Ahi está o segredo dessa força incommensuravel que Clemenceau e Broglie chamavam o PODER OCCULTO, e que a maioria da França denominava a DICTADURA DA PERSUAÇÃO.

.....

.....



QUARTA CARTA

Paris—19—Janeiro—93

(AO DR. ALFREDO ELLIS)

As tentativas de immigração asiatica não excluem os esforços em favor da immigração européa — Causas da emigração — Medidas repressivas nos Estados Unidos — O Brazil como paiz de destino — A emigração em vez de ser um mal apresenta-se como uma necessidade social e economica — Como se faz a propaganda — A immigração espontanea — Necessidade de subvenção pelos Estados — Superioridade do immigrante italiano — O que faz a gréve é a solidariedade do interesse e não o sentimento de nacionalidade — A Republica deve procurar as sympathias das classes conservadoras.

— Envio-lhe essa carta do nosso amigo Dr. Gabriel Piza para que vejam e tratem de evitar os perigos que corre a nossa projectada colonisação chinesa. Um desastre

no inicio desta immigração, será um insuccesso total de mais essa tentativa em prol da lavoura. Parece claro que os contractos celebrados com as companhias devem conter todas as clausulas de segurança quanto á *qualidade* dos immigrantes, e, alem disso, a execução deve ser rigosamente fiscalizada por agentes ou representantes especiaes dos lavradores. Abram os olhos.

— Qualquer que seja a direcção que se tenha a dar á immigração asiática, que em todo caso será uma questão exclusivamente affecta aos particulares, parece-me que se deve continuar a tratar muito seriamente de attrahir a immigração européa. Depois dos accidentes politicos marcados pela funesta reacção *lucecionista*, este serviço passou para o segundo plano no nosso paiz; entretanto considero-o como o mais importante e o mais urgente na nossa administração. Para S. Paulo, sobretudo, elle encerra uma questão de vida ou de morte,

pois que é o proprio problema da producção, isto é, da riqueza. Conveni, portanto, tomar a questão como ella é, para nós. E' certo que o poder publico tem celebrado contractos para a introdução de trabalhadores; mas isso não basta, é preciso tornal-os reaes e effectivos.

Nada se oppõe a isso. A propria imprensa européa reconhece e confessa que as causas determinantes da emigração, em vez de desaparecerem, ao contrario, continuam a actuar e com crescente intensidade, principalmente entre os povos que nos tem fornecido o melhor e o mais abundante contingente de colonos. Na Allemanha a situação precaria das classes trabalhadoras se aggrava pelos dois principaes encargos de uma guerra sempre em perspectiva — novos impostos e augmento do effectivo militar; na Italia e na Austria, membros da triplice alliança, preponderam as mesmas causas, produzindo os mesmos effeitos; na Hespanha, em Portugal na Sue-

cia e Noruégia, os homens do campo que-rem emigrar, porque a sua cultura não remunerava sufficientemente os seus esforços.

Por outro lado, como é sabido, os Estados-Unidos, que eram o ponto de destino mais ambicionado pela emigração européa trata decididamente de fechar os seus portos aos *operarios*. E' para a republica americana uma questão economica, que envolve uma questão social de palpitante interesse. Uma entrada de 613.210 em 1891, demonstrando que a corrente immigratoria em vez de diminuir tendia a engrossar annualmente, dispertou naquelle paiz a idéa de *resistencia* á esta corrente, no duplo fim de *proteger* o jornal dos seus operarios e impedir a invasão do socialismo, que só será inevitavel quando a *offerta* de braços se tornar superior á *procura*. Engana-se, portanto, quem suppõe que o movimento contrario á immigração naquelle paiz tem por causa o desejo de impedir a invasão do cholera por

ocasião da exposição. A causa deste movimento tem o caracter permanente que assignalo. Ora, isto quer dizer que os trabalhadores europeos, que em tão grande massa até aqui procuraram collocação na America do Norte, d'ora em diante terão necessariamente de voltar para outro porto. Mas qual ?

Não ha senão o Brazil, porque na Republica Argentina e no Uruguay, nossos concurrentes na America do Sul, a immigração tem diminuido consideravelmente, segundo uma estatistica que tenho á vista.

A Republica Argentina, onde se operou em 1889 uma entrada de 260.000 immigrants, em 1891 vio-se reduzida á cifra de 52.032 em progressivo decrescimento, Do mesmo modo o Uruguay, depois de ter recebido 27.349 immigrants, apenas chegou a receber 11.916 em 1891.

Aqui na França, onde se movia a mais formidavel guerra á immigração brazileira, já a imprensa reconhece, pelos seus mais

autorizados órgãos que é o Brazil, *com a prosperidade de suas plantações de café*, que offerece os melhores attractivos ao emigrante europeu.

A nossa posição hoje, com referencia á immigração, é bem diversa do que foi até certa epocha. Em toda a Europa movia-se contra nós a propaganda do descredito como paiz de destino; e esta propaganda, apoiada sobretudo no facto da existencia da escravidão e nos excessivos rigores das leis que regulavam os contractos de locação de serviço, não podia ser obstada em seus effeitos, porque calava fundo no espirito das populações operarias; hoje, porém, que a escravidão não constitue mais para o brasileiro, como para outros povos, senão uma mancha na sua historia, uma triste recordação do passado, e que, graças aos beneficios salutaes da Republica, a nova legislação acha-se felizmente expurgada das asperezas injustificaveis das disposições legaes que restringiam em

demasia a liberdade e as garantias pessoais do trabalhador; hoje quaesquer que sejam os esforços empregados no sentido de impedir o desenvolvimento da corrente emigratoria para o nosso paiz, não poderão elles impedir que cada vez mais se avolumem e se engrossem as massas que tentam partir de todos os pontos da Europa em demanda de uma felicidade que só a prodigiosa fertilidade do nosso solo pôde prometter. A propria acção dos governos europeus, ainda que solicita e energica nas medidas de repressão, torna-se evidentemente impotente para fazer cessar a emigração que se dirige ao nosso paiz.

De resto, o espirito de intolerancia e de prevenção vai desaparecendo, e os governos europeus, impellidos por motivos de natureza diversa, mas que concernem a elevados interesses de ordem social e economica, retrahem-se visivelmente nas medidas de repressão, mostrando-se antes dispostos a permittirem uma amplitude maior

ao direito de expatiação. Preponderam para esta nova attitude, além dos interesses de ordem propriamente privada, como sejam o das grandes empresas de navegação transatlantica, as complicações da questão operaria, que cada vez mais se aggrava, ameaçando o velho mundo de um cataclisma tremendo em epocha talvez não muito remota. A crise do salario é a propria crise social, que já se faz annunciar com os prodromos sinistros do anarchismo, a terrivel avançada do socialismo, que ameaça a sociedade de uma subversão completa.

Ora, nada póde ser mais perigoso em um momento tão grave, como impedir ou crear obstaculos á emigração dos trabalhadores que se tornam superfluos, porque falta-lhes o trabalho. Obrigar á inercia e á miseria uma força que quer e póde ser activa, fecunda e prospera, vale o mesmo que accumular perigosos combustiveis para a formidavel explosão, que se avizinha.

A epocha é antes para abrir do que para fechar as valvulas. Não é somente no excesso de população, mas tambem na superabundancia de braços activos que está o perigo.

Além disto já todos sabem que é erro economico suppor-se que a emigração é um mal para o paiz de origem. Não ha quem não reconheça, como affirmam todos os economistas, que em razão das relações commerciaes que os emigrantes nunca deixam de entreter com o seu paiz de origem, qualquer desenvolvimento na ordem dessas relações augmenta a riqueza publica e contribue mesmo para favorecer a expansão da população. Já J. B. Say affirmou que nem um estado florescente deixa de o ser por ter fundado colonias florescentes, e no actual momento é principio corrente, liquido, incontroverso no espirito dos que se têm occupado das questões de população, que a emigração não é uma causa de despoamento.

E' certo que ainda agora os governos de alguns estados, como a Allemanha e a França, tentam reprimir a emigração. Quanto á Allemanha este facto é puramente de occasião e devido ás necessidades da paz armada, a que a obriga a sua politica internacional. Mas, por isso mesmo as suas medidas não são de tal rigor que possam annullar completamente a liberdade de expatriação : ao contrario, ellas são por natureza tão moderadas, que na estatistica do ultimo decenio verifica-se que este paiz contribuiu para a emigração com a avultada somma de quasi dois milhões e meio de seus filhos.

No que respeita á França, as suas injustas precauções especialmente para com o Brasil não pôdem ter senão um mediocre effeito moral. No mesmo periodo a que alludimos ella contribuiu apenas com 71 mil emigrantes para todo o mundo. Não é portanto esta a origem fecunda de que carecemos para abastecer o nosso mercado de

braços nem tão pouco auxiliar o desenvolvimento da nossa povoação. De resto, as suas odiosas medidas de excepção contra nós em nada podem prejudicar-nos porque está feita a nossa reputação de paiz de destino nas vastas regiões que mais contribuem para a exportação de braços.

Estou tão convencido disto, que considero completamente inúteis e mal applicadas as despesas que ainda se fazem com o serviço de propaganda a favor da nossa immigração. Os colonos que lá estão prosperos e felizes, são os nossos melhores propagandistas com as suas cartas intimas, em que narram as suas condições de bem estar e, mais ainda, com as continuas remessas de quantias relativamente avultadas, que são as sobras das suas necessidades e que constituem o peculio garantidor do futuro. Não ha calumnias nem medidas de rigor que prevaleçam contra estes valiosos attestados do muito que valem como paiz de destino. A prova é que, quando por

qualquer motivo interrompe-se o nosso serviço de immigração, opera-se aqui em alguns paizes uma verdadeira crise. Ficam de subito deslocados milhares de individuos que se aprestavam para partir. Isto se dá principalmente na Italia, na Hespanha e em Portugal.

Ha muito quem pense entre nós que é preferivel esperar a immigração expontanea. E' preciso que nos entendamos. O que é que se toma por immigração expontanea? Aquella que se dirige ao nosso paiz por sua propria eleição, sem constrangimento ou coacção de qualquer especie? Si é isto, podemos dizer que toda a nossa immigração é expontanea : em algumas regiões da Europa ha verdadeira soffreguidão da parte dos que emigram para o Brazil e particularmente para S. Paulo. Elles procuram esse destino com a anciedade de quem vai seguro da sua fortuna. Não ha senão dar-lhes transporte.

Muitos, porém, pensam falsamente que

são emigrantes espontaneos somente os que vão por sua propria conta, com os seus recursos pessoaes. Querem estes que esperemos sómente por esta classe de immigrants.

Mas isto importa simplesmente em fecharmos os nossos portos. Os industriaes, os commerciantes, os abastados, enfim, os que se pôdem transportar por si para uma longa e custosa viagem, bem o sabemos, são em pequeno numero. Apesar de ser o homem, de todas as bagagens, a que se transporta mais facilmente, como disse Smith, está entendido que isso é na hypothese de ter elle os meios de adquirir o transporte. A massa dos emigrantes, daquelles que pôdem pela quantidade satisfazer a dupla aspiração de povoamento e trabalho nos paizes novos, esses aqui estão nos campos ou nos grandes portos aguardando anciosos o convite das companhias de navegação para o transporte gratuito.

E' a condição absolutamente indispen-

savel ; sem isso ninguem partirá ; sem isso é impossivel partir. E' preciso, pois, tomar a questão tal como ella se apresenta praticamente.

A intervenção do poder publico torna-se indispensavel, pois que é necessario subvencionar a immigração para tornal-a possivel. Está isso nos interesses permanentes da nação, sobretudo quando se trata de uma nação nova, que precisa fundar a sua industria e desenvolver a sua producção pelo trabalho. A importação de trabalhadores dos paizes velhos para os paizes novos, disse o sabio economista inglez, dos logares em que a sua força productora é menor para os logares em que ella é maior, augmenta em proporção correspondente a somma dos productos do trabalho e dos capitaes.

No nosso paiz, com o regimen de ampla descentralisação que ahi vigora e que tão salutaes effeitos já tem produzido, eu opinaria para que o serviço de immigração

com todos os seus encargos ficasse exclusivamente debaixo da direcção do governo dos Estados, cabendo ao poder federal sómente o que fosse relativo ás relações internacionaes. Cada Estado faça o que puder e o que quizer.

Particularisado assim o serviço, elle será assistido por uma fiscalisação mais attenta, mais directa, mais efficaz e sobretudo mais economica. Cessarão as dispendiosas sinecuras das pomposas commissões no estrangeiro, que as mais das vezes não servem senão para dar ricos vencimentos aos protegidos desoccupados.

O Estado de S. Paulo acha-se em uma posição muito vantajosa ; já possui um serviço organizado, tradicional, e conta com um credito feito na Europa ; e é daqui que devem ir os seus trabalhadores.

A proposito direi que não sou exclusivista ; isto é, não sou dos que pensam que devemos pedir immigrants á uma só e determinada procedencia : penso, ao con-

trario, que todos os paizes podem dar-nos bons e mãos colonos, conforme o maior ou menor escrupulo na escolha ; mas, em presença dos factos que aqui tenho observado convenço-me de que os melhores trabalhadores europeus são os italianos.

A sua superioridade é attestada pela crise de salario que se produz em toda a parte onde se apresenta um grupo de trabalhadores italianos. Nem um outro operario supporta a sua concurrencia. Na Inglaterra, na França, na Austria e na Suissa sérias difficuldades têm sido produzidas pelo apparecimento do operario italiano no mercado do trabalho, pois que a sua concurrencia afasta os nacionaes, attenta a inferioridade destes. O italiano é mais forte, mais assiduo e mais barato.

Não partilho as preocupações daquelles que temem a agglomeração de trabalhadores de uma mesma procedencia no nosso Estado, suppondo que isso possa ser origem de alguns inconvenientes mais ou menos

graves, como sejam as gréves, a preponderancia numerica etc.

O que faz as gréves não é a solidariedade nacional, mas a solidariedade do interesse. A Europa inteira está vendo todos os dias interrompido o trabalho da sua industria, servida por operarios de todas as raças, de todas as religiões e de todas as nacionalidades, congregados nas mesmas minas ou nas mesmas fabricas ; e no entanto ninguem observou jamais que algum outro sentimento que não o da solidariedade do interesse, houvesse gerado a lucta contra o patrão. A questão do salario e só a questão do salario tem sido a origem fecunda dessas funestas perturbações, que tornam hoje tão precaria e accidentada a industria européa.

Mas as causas que preponderam aqui para produzir taes crises estão bem longe ainda de poderem affectar a industria brasileira. Aqui é manifesto o desequilibrio em desfavor do operario entre a offerta e a procura de braços. Entre nós, porém, o

desequilíbrio, ainda mais profundo, é em desfavor do proprietario ou patrão. Na Europa o phenomeno economico protege os interesses do patrão ; no Brasil elle favorece o salario. Quer isto dizer que não temos motivos para preocupações desta ordem. Estamos ainda muito longe da crise social.

Não sou, portanto, partidario das restricções, e acho sobretudo nocivas as limitações postas na lei com relação á procedencia dos immigrants. A lei deve conter pura e simplesmente a indispensavel authorização e concessão de recursos. O resto é questão de applicação, pertence ao executivo : a elle compete applicar a lei de accordo com as necessidades occurrentes. Em uma questão complexa como esta a lei não póde ser casuistica sem se tornar um embaraço.

Como quer que seja, o que aqui se vê é que milhares de trabalhadores anseiam por ir applicar á nossa terra a sua actividade fecundante.

A situação é portanto a mais favoravel para desenvolver-se a corrente immigratoria. Se não ha contractos ou se não os ha sufficientes, é preciso fazel-os ; se os ha, é preciso fazel-os executar. Sobre tudo em S. Paulo é necessario que o poder publico tome a peito essa questão. Cumpre ser solícito em attender aos interesses das classes conservadoras, porque é nellas que os governos encontram o apoio mais legitimo, mais honesto, mais solido e mais estavel. No nosso paiz este elemento está, como em toda parte, nas classes produtoras.

Quando estas classes estão satisfeitas, a situação politica é solida, não offerece cuidados.

E' esse o character da politica interna da França. A republica procura o apoio principalmente do campo e nesse intuito desenvolve com firmeza e perseverança a sua politica de protecção aos productos nacionaes. Este programma pôde ter-lhe custado

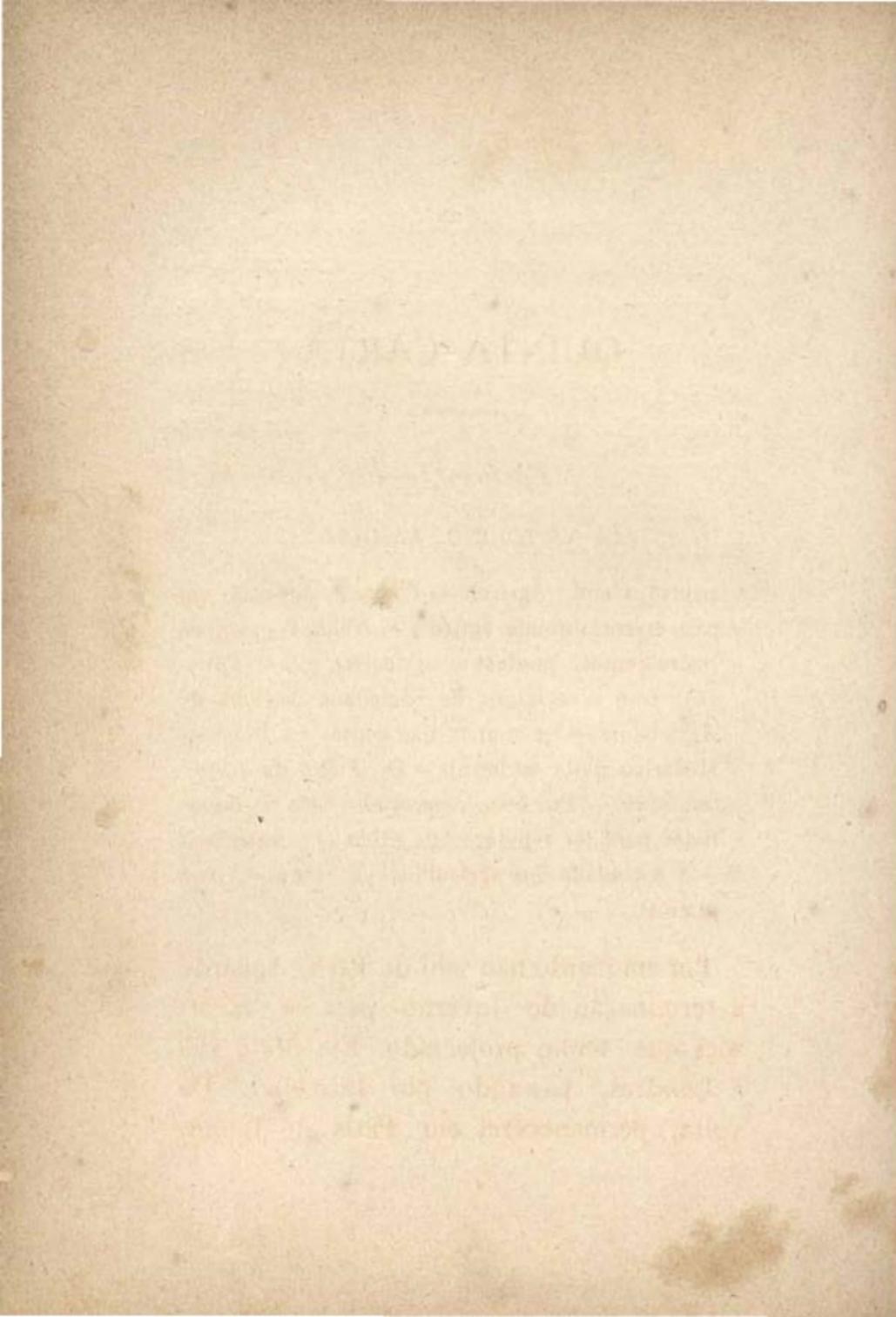
algumas antipathias no exterior, mas com certeza garante-lhe um apoio solido no interior.

Póde ser que eu esteja em erro, mas é minha convicção que S. Paulo não tem outro problema, politico ou economico, que deva preoccupar mais o seu governo do que este da immigração. Cumpre acautelar o futuro promovendo desde já a baixa do salario, e para isto não ha senão um meio, o abastecimento de braços. Se a lavoura for sorprehendida por uma baixa de preço dos seus productos sem a correspondente redução do salario, ella se achará em uma situação bem grave. Não faço questão da procedencia, mas penso que só a abundancia de braços é que ha de proporcionar á nossa agricultura bons trabalhadores a salarios razoaveis.

Nestas condições, deixando aos particulares o que concerne á uma nova tentativa, o poder publico deve cuidar energeticamente, perseverantemente de desen-

volver na maior escala a immigração européa. A situação é inteiramente favoravel á applicação deste plano. Por outro lado, cumpre não perder de vista que um descuido hoje póde produzir males funestissimos e irremediaveis em um futuro bem proximo.

E' este um assumpto que, mais que tudo, reclama uma boa previsão.



QUINTA CARTA

Paris—13—Fevereiro—1893

(A VICTORINO CAMILLO)

Concurso Geral Agricola—Politica agricola em paiz essencialmente agricola — Animaes, plantas, instrumentos, productos agricolas, etc. — Entrevista com o secretario da Sociedade Nacional de Agricultura — Ignorancia das cousas do Brasil — Historico desta sociedade — D. Pedro de Alcantara socio — Processo empregado pelo ex-imperador para ter reputação de sabio sem nada fazer — A sociedade dos agricultores de França — Vistas praticas.

Por emquanto não sahi de Paris. Aguardo a terminação do inverno para as excursões que tenho projectado. Em Maio irei a Londres, passando por Bruxellas. De volta, permanecerei em Paris até Junho,

epoca em que irei á Suissa, onde tenciono passar o verão. Aproveitarei a minha estada na Republica Helvetica para visitar os seus principaes cantões onde ha muito que observar, sobretudo no que respeita á vida local ; de lá irei á Allemanha, á Austria e Italia.

De resto, Paris tem uma vida especial durante o inverno e que interessa particularmente ao estrangeiro, a certos respeitos.

E' a estação das recepções, dos bailes, dos jantares officiaes, dos theatros, dos cursos scientificos e litterarios no Collegio de França e na Sorbonna etc., e das exposições artisticas, industriaes, agricolas, e outras.

Como vê, ha diversões para todos os gostos e para todos os temperamentos, moços ou velhos.

Vou algumas vezes ao theatro, frequento assiduamente alguns cursos e não perco as exposições.

Acabo de ver o interessantissimo «Con-

curso Geral Agricola», que installou-se no espaçoso Palacio da Industria, situado na avenida dos Campos Eliseos.

Este concurso, que celebra-se annualmente, é organizado sob a direcção immediata do ministerio da Agricultura, pelo qual se fazem todas as despesas e se conferem os premios disputados pelos expositores.

Para isso e para tudo quanto concerne á agricultura franceza o orçamento da Republica consigna a verba necessaria. Isto revela bem o especial cuidado que neste paiz os poderes publicos consagram a esta industria.

A França, é como se sabe, systematicamente proteccionista, mas no momento actual ella applica toda a sua sollicitude e a melhor parte desta sua politica em favor da agricultura. E' a Republica que tem accentuado e desenvolvido este habil e fecundo plano. Ella conhece, pelas suas estatisticas, que 25 milhões de francezes, isto

é, dois terços da sua população, são agricultores e que, portanto, o poder publico deve ser mais zeloso dos interesses destes, do que dos do terceiro terço, habitantes das cidades, financeiros, industriaes e commerciantes, «cuja riqueza no fim de contas, depende da prosperidade dos outros dous terços da nação.»

Esta é a linguagem que encontro em documentos publicos. Aqui sabe-se e reconhece-se que é dos campos que vêm os milhares de francos, que têm salvado a França nos momentos angustiosos das suas crises tremendas.

Mas, volto a contar o que vi no Palacio da Industria.

Sob a denominação de «Concurso Geral de Agricultura» fez-se uma exposição variada de animaes gordos e reproductores da especie bovina, ovina e porcina, assim como de aves, fructas, legumes, flores (esplendidos jacinthos e tulipas), plantas, productos agricolas, instrumentos ou ma-

chinas agricolas etc. Foram expostos este anno :

Bois, vaccas e touros.....	923
Carneiros.....	593
Porcos.....	227
Aves.....	3.447
Productos agricolas.....	8.154
Instrumentos agricolas...	6.243

Os relatorios assignalam que a concurrencia de objectos expostos este anno foi, em geral, muito maior do que a dos annos anteriores.

Na secção das machinas agricolas, onde se vai em escala ascendente do pequeno ancinho até os possantes locomoveis, o que desde logo prende a attenção, principalmente ao agricultor estrangeiro, é a serie de instrumentos destinados aos successivos trabalhos da lavoura, desde o amanho da terra até a colheita.

Tudo se faz por meio de instrumentos: limpa-se, retira-se a palha, revolve-se a

terra, planta-se e colhe-se, tudo por machinas movidas por animaes ou a vapor.

Nota-se um grande e perseverante esforço por parte dos fabricantes e agricultores no nobre estimulo de aperfeiçoar o que já existe e apresentar novos inventos, afim de melhorar as condições do trabalho e dimiuuir os gastos de producção.

E' a exacta comprehensão das leis da economia rural na sua applicação pratica. Só esta secção tomou-me dois dias de visita, tamanho era o interesse que ella offercia pela multiplicidade dos instrumentos cada qual mais curioso, tanto pelo fim a que se destinam, como pelo sensivel e progressivo aperfeiçoamento que elles apresentam.

Lá vi tambem a interessante exposição da Companhia Décauville, applicando o seu material, aliás já conhecido entre nós, aos caminhos de ferro.

Esta importante companhia tem tomado um grande desenvolvimento, o que é bem

significativo attestado da acceitação do seu systema.

Como prova disto ahi estão os seus vastos *ateliers* em Paris, cobrindo uma superficie de oito hectares e occupando, sómente para os caminhos de ferro portateis ou fixos, 900 operarios com 570 machinas ou apparatus.

Afim de dar ao publico uma idéa exacta do seu material, ella fez construir, dentro da área destinada á exposição das machinas, um pequeno trecho de caminho de ferro fixo 0,^m60, no qual montou um magnifico trem mixto, composto de dois elegantes carros de 1.^a e de 2.^a classe, um carro para mercadorias e competente locomotiva.

Esta bella amostra provocou grande e justa curiosidade. O carro de 1.^a classe, sobretudo, é um primor de elegancia, apesar da sua simplicidade, e contem tudo quanto póde ser reclamado para o conforto dos passageiros.

Eu já vi o material Décauville applicado ao serviço de terreiro em algumas fazendas de S. Paulo; vejo agora que elle está sendo tambem empregado e com successo, conforme disseram-me, em caminhos de ferro fixos.

Em França existe em trafego a linha de Luc a Dives, com uma extensão de 39 kilometros. Preconizam principalmente as vantagens economicas do systema.

A secção de animaes offerencia grandes attractivos. Os animaes gordos e os de reproducção, nas tres especies principaes, eram admiraveis pelas suas formas ao mesmo tempo colossaes e perfeitas.

Ao lado dos soberbos touros e das vaccas de raças grandes, chamavam a attenção dos visitantes, fazendo curioso contraste, as pequenas vaccas de raça *bretonne*, branco e preto, leiteira, admiraveis pela sua singular pequenez. Para dar uma idéa a respeito do talhe e da qualidade dos animaes vistos neste concurso, especifi-

carei o peso, que alguns delles apresentaram :

Um boi de 35 mezes, pesou.	1.125	kilos
Um boi de 4 annos, pesou..	1.174	»
Um boi de 42 mezes, pesou.	1.185	»

Estes tres magnificos exemplares pertenciam todos á raça *Durham-charolais*.

Um carneiro de nove mezes pesou 200 kilos, outro de 33 mezes—278, e outro de 38 mezes—309.

Um porco de 10 mezes pesou 260 kilos outro de 12 mezes — 300, e outro de 13 mezes—339.

Não especifico senão alguns dos mais notaveis.

A secção das aves não era menos interessante pela immensa variedade e pelo inestimavel valor das raças. Gallinhas admiraveis pela corpulencia, pela elegancia das formas e pela belleza das cores.

As que mais me agradaram foram as de raça *Langshan*, pretas, grandes e bellis-

simas. Vi também uma variedade enorme de pombos, alguns dos quaes notabilissimos pelo seu tamanho descommunal. Pediram-me por um casal 100 francos, isto é 70\$ da nossa moeda no caso, já agora favoravel, de cambio a 700 rs, por franco. Isto bastará para calcular as suas agigantadas proporções.

Não entro em mais minuciosidades nem trato dos productos agricolas, porque preciso occupar-me de outros assumptos referentes á exposição, e receio ser demasiado extenso.

Em virtude mesmo do extraordinario interesse que despertou-me o «Concurso Agricola», em seu vistoso conjuncto, como nos seus curiosos detalhes, tive desejos de conhecer algumas particularidades relativas ao modo da sua organização. Eu sabia que existiam aqui duas sociedades agricolas, que deviam ter nella alguma parte, directa ou indirecta; são a «Sociedade Nacional de Agricultura», a mais antiga,* e a «So-

cidade dos «Agricultores de França», a mais moderna, ambas de typos inteiramente diversos.

Dirigi-me pessoalmente, preferindo dispensar as apresentações, ao edificio em que fuccciona a primeira, onde fui recebido com extrêma gentileza pelo seu illustre secretario, que prestou-se com a maior benevolencia a dar-me todos os esclarecimentos.

E' o traço caracteristico dos francezes : recebem os estrangeiros com uma amabilidade que só elles possuem e os auxiliam nas suas observações; respondem ás suas questões, dão informações etc., com uma boa vontade e com um humor sempre alegre, verdadeiramente encantadores.

— Primeiramente, disse-me o illustre secretario, é preciso que saiba que a França é proteccionista a respeito de tudo, e para com sua agricultura mais do que tudo. O ministerio da agricultura, criação nova, tem por missão especial estudar e procurar

prover a todas as necessidades da grande industria : os concursos geraes, assim como as exposições regionaes são promovidos e dirigidos por este ministerio, que entretanto é efficazmente auxiliado pela cooperação das duas grandes associações agricolas que possuímos.

E, depois de ter-me dado estatutos, relatorios e informações verbaes, de que me utilisarei no seguimento desta carta, tomou elle por sua vez, com o mais delicado despotismo a posição de argúente, e passou a inquerir-me sobre as cousas do Brazil. Depois de se informar sobre os principaes ramos da agricultura brazileira, perguntou se o trabalho era feito pelos nacionaes, após a emancipação dos escravos. Respon-di-lhe que comquanto em geral o trabalho fosse feito pelos nacionaes, todavia em alguns Estados, principalmente em S. Paulo, hoje o maior productor de café, a lavoura é na maior parte sustentada por trabalhadores europeus. Esta revelação cau-

sou-lhe certa estranheza, porque elle suppunha que a emigração européa, que se dirige a America do Sul, installava-se quasi que exclusivamente no Uruguay e na Republica Argentina. Como são aqui desconhecidas as cousas do nosso paiz!

— Mas perguntou-me elle, S. Paulo fica muito affastado do Rio de Janeiro?

— Apenas a 12 horas de viagem, a capital.

— Por caminho de ferro?

— Sim, pela estrada de ferro Central, pertencente á União.

— Possue S. Paulo muitos caminhos de ferro?

— Temos em trafego cerca de tres mil kilometros.

— Não é muito, só para uma *provincia*? E' talvez devido a taes excessos que as finanças do vosso paiz acham-se tão compromettidas.

— Mas, não, absolutamente não. S. Paulo deve a sua rêde de estradas ao desenvol-

vimento progressivo da sua riqueza, que é real e grande, porque repousa sobre a sua agricultura excepcionalmente favorecida por uma natureza privilegiada. Não ha um só caminho de ferro que tivesse sido construido ali por empresas aventurosas, dessas que nos ultimos tempos appareceram no meu paiz, como já têm apparecido em França, e em muitos outros. A sua primeira linha ferrea foi construida por uma companhia ingleza, e os possuidores destas acções em Londres, guardam-nas como preciosos titulos de renda.

— Isso é certo, concordou elle.

Encerrámos a nossa entrevista ao ser elle chamado para abrir a sessão da sociedade, que ia começar. Insistio commigo para assistil-a; mas escusei-me, promettendo assistir á uma outra.

Passo a dar uma noticia a respeito das duas associações a que me tenho referido. Acredito que isto deve ser de muito interesse para o nosso Estado e particular-

mente para os agricultores paulistas. Haahi muito que aprender em nosso proveito. Como uma particularidade curiosa darei, antes de tudo, as modificações que tem soffrido em seu titulo a corporação scientifica que é hoje a «Sociedade Nacional de Agricultura». Essas modificações narram, como verá, as grandes transformações por que tem passado o regimen governamental da França.

Ella foi fundada por uma ordenança de Luiz XV em 1761 com o titulo de «Sociedade Real de Agricultura», interrompeu as suas funcções no periodo agitado da Revolução, e resurgio em 1798 com o titulo de «Sociedade Livre de Agricultura». No primeiro Imperio Napoleão denominou-a «Sociedade Imperial de Agricultura». Na Restauração Luiz XVIII restabeleceu o titulo primitivo de «Sociedade Real». O governo provisorio da segunda Republica denominou-a «Sociedade Nacional e Central de Agricultura». No 2.º Imperio Na-

poleão III restaurou o titulo de «Sociedade Imperial». A 3ª Republica restabeleceu em 1878 o titulo de «Sociedade Nacional de Agricultura», que permanece actualmente.

O seu fim, desde a fundação, tem sido o de auxiliar a publica administração no que concerne aos interesses, progresso e desenvolvimento da industria agricola, estudar todas as questões relativas á legislação e economia rural, conhecer, apreciar e experimentar todas as descobertas, todos os processos concernentes aos diversos ramos da agricultura, á criação dos animaes, etc. Para esse fim tão elevado, a sociedade devia reunir a sciencia e a pratica, e compor-se de cultivadores esclarecidos, homens sabios, ricos proprietarios, que se houvessem assignalado por uma acção proficua na agricultura, «a primeira das artes e a fonte da felicidade e prosperidade publicas», como se diz no preambulo da ordenança real que decretou a sua existencia.

Em verdade, no quadro dos socios, que tenho á vista, figuram nomes notaveis de homens illustres, que se distinguiram nos diversos ramos da sciencia. Entre os mais modernos vejo Pasteur, Leon Say e muitos membros da Academia de sciencias. O numero de socios tem sido sempre limitado, e actualmente é de 52 membros titulares, 15 estrangeiros, além dos correspondentes etc. A escolha dos socios de qualquer categoria é sujeita a approvação do presidente da Republica.

Foi membro da sociedade, como socio estrangeiro (vejo-o na lista), D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brazil. Não consta (estou disso bem informado), não consta dos archivos tradicionaes da importante corporação de sabios que o principe brasileiro houvesse deixado o mais leve traço da sua sabedoria, ou siquer da sua experiencia de *agricultor esclarecido*. Delle não existe senão o nome no quadro dos socios. Não concorreu, nem ao menos,

para prestar informações e desfazer equívocos desfavoráveis ao nosso paiz.

Foi por processos identicos, em relação a outras instituições européas, que elle conseguiu condecorar-se com diploma de sabio. Tudo consistia em fazer-se arrolar entre os sabios. Preoccupava-o muito o proverbio *dise-me com quem andas*

Como se vê, a «Sociedade Nacional de Agricultura», tal como foi instituida, profundamente official e demasiadamente elevada em suas vistas, é antes uma academia agricola (titulo a que tem aspirado), do que propriamente uma associação de agricultores e com um organismo mais adequado ás necessidades praticas da grande industria. Foi o reconhecimento desta verdade que levou alguns dos seus membros a tomarem, em 1867, a iniciativa da fundação da «Sociedade dos Agricultores de França». Esta particularidade me foi referida pelo proprio Sr. secretario.

A «Sociedade dos Agricultores de Fran-

ça» nada tem de official. Ella tomou desde logo, segundo affirmou-se na sua primeira reunião, a bandeira da iniciativa individual e collectiva, substituindo a acção governamental nas cousas agricolas. O quadro dos seus socios devia compor-se livremente de agricultores, sabios, economistas, legisladores, e escriptores dispostos a se congregarem no intuito commum de promover a prosperidade agricola da França, conservando entre si os laços de uma completa solidariedade.

Effectivamente, a sociedade conta entre os seus, ao lado do simples cultivador, os grandes nomes da agricultura, da sciencia e da propriedade territorial. E' seu thesoureiro o poderoso banqueiro Alphonso de Rothschild.

« O espirito rural e o espirito de liberdade, unindo-se, têm creado uma das maiores forças nacionaes».

Fundada com cerca de dois mil membros, a «Sociedade dos Agricultores de

França» possui hoje dez mil socios, e espera-se que em pouco tempo este numero será decuplicado. Sem o menor cunho governamental, ella tem entretanto exercido uma influencia tão poderosa quanto benefica nos destinos da agricultura junto ao poder publico, onde os seus conselhos e as suas indicações têm tido franco accesso.

Medidas do mais elevado alcance têm sido adoptadas pelo governo e pelo parlamento, em favor da agricultura, mediante a iniciativa vigilante e patriótica da grande associação. Por outro lado muito tem ella feito para impulsionar o aperfeiçoamento do trabalho agricola, promovendo ou secundando de modo effcaz os concursos regionaes, assim como as exposições centraes de Paris. Ella anima todos os empreendimentos uteis conferindo premios pecuniarios, medalhas e diplomas honorificos, valiosos estímulos á iniciativa industrial, que muitas vezes succumbe á falta de apoio.

A contribuição de cada socio é pequena, apenas 20 francos por anno; mas a liberalidade particular começa a operar em favor de seus fundos. Importantes donativos e legados têm sido feitos com destino especial aos premios de animação.

Está, pois, realisado o grande ideal dos seus fundadores. A união, diziam elles, faz a força, segundo um *verbio* tão antigo como a verdade que elle exprime. As vozes partidas de todos os pontos da França, para se reunirem em um immenso echo, se farão ouvir ao longe. Os braços reunidos em um mesmo esforço terão um poder irresistivel. As luzes convergindo de todos os lados formarão um immenso clarão que illuminará tudo.

Eis ahí um bello exemplo a seguir, o grandioso modelo de uma instituição que poderá ser de tanta utilidade entre nós, como o tem sido na França. Já se diz ridicularisando, que o nosso paiz é essencialmente agricola: mas o que é preciso é

que se comprehenda seriamente, que a nossa vida economica repousa inteira sobre a nossa agricultura, e que, portanto, alem de ser justo é essencial que ella exerça uma influencia efficaz, pelos menos no que respeita á solução dos problemas que affectam os seus grandes interesses. A sua iniciativa, a sua acção, os seus conselhos serão valiosos auxilios entre os elementos que collaboram para a formação da prosperidade social.

Não temos, e ainda bem, as tradições nem os habitos engendrados pelo regimen centralizador, nem mesmo possuímos as condições territoriaes, que permittem aos agricultores de toda a França se congregarem em uma só sociedade nacional, com a séde em Paris. Mas isto não constitue um obstaculo. A existencia da grande «Sociedade dos Agricultores de França» não tem impedido que em torno della e marchando de accordo com ella, possam existir talvez mais de quinhentas sociedades,

comícios ou syndicatos agricolas, de character local e funcionando autonomicamente. Entre nós cada Estado poderá possuir a sua associação, se assim o entender, porque o nosso regimen politico confere ao Estado poder bastante para que dentro d'elle se possa desenvolver uma actividade salutar em bem da industria que lhe for peculiar. Além d'isso, se fosse possível generalisar a acção, levando a instituição a todos os Estados, a federação das sociedades estadoaes permittiria uma representação commum, no centro, para os assumptos de character geral ou nacional. Mas, cumpre evitar os arrojados, que são as mais das vezes a causa dos insuccessos.

S. Paulo já teve os seus clubs da lavoura. De typo acanhado e com vistas demasiadamente restrictas, elles desapareceram após vida ephemera e esteril, sem terem conseguido servir os interesses que tomaram a peito. Não se deve entretanto perder de vista

que a acção collectiva ensaiada naquella epocha tendia, na sua generalidade, a obstar o curso de uma idéa, que estava destinada, por uma lei irresistivel, a vencer e esmagar todas as resistencias. A existencia da escravidão creava antagonismos irreconciliaveis nos interesses e nos intuitos dos proprios agricultores, que embaraçavam a acção collectiva, impedindo a cohesão dos sentimentos e quebrando os laços de solidariedade. E para dizer tudo, o egoismo do interesse individual, producto fatal da malfadada instituição, tinha aniquillado o espirito de classe. Agora, porem, que a causa desapareceu e que a coordenação dos interesses abre franco espaço ao sentimento de concordia estimulando o espirito de associação, precioso apanagio dos paulistas, parece que seria tempo de cogitar destes magnos interesses.

Está em nossas mãos fazer que lá, como aqui, a agricultura seja uma das maiores forças nacionaes.

SEXTA CARTA

Paris—8—Abril 93.

(AO DR. ALFREDO ELLIS)

Morte de J. Ferry — Corôa offerecida pelos republicanos brasileiros — A sessão de posse da presidencia do Senado e os funeraes.

A França acaba de soffrer uma perda irreparavel. Julio Ferry, seguramente o seu mais eminente homem de estado na terceira republica depois de Gambetta, morreu inesperadamente, causando uma sensação profunda na França inteira e em toda a Europa. Provam-no as manifestações que chegam de toda parte e o juizo unanime da imprensa européa.

Uma importante revista scientifica e politica, depois de ter assignalado a situação anarchica em que se achou o partido re-

publicano no momento em que se installou a terceira republica, pois que esse partido assumira inopinadamente o poder, quando os seus precedentes e a sua educação politica apenas o tinham preparado para as lutas da opposição, acrescentou com rigorosa exactidão que entretanto appareceram dous homens que puderam realizar esta transformação do partido republicano anarchico e retrogrado em um partido organico e progressivo, apto para o governo da França. Esses dous homens foram Gambetta e J. Ferry.

Este julgamento basta para justificar todas as homenagens que agora glorificam e exaltam a memoria do grande morto.

Os republicanos brasileiros que neste momento se acham em Paris fizeram-se representar nos funeraes de J. Ferry enviando uma corôa com esta inscripção: — *Os republicanos brasileiros a um dos fundadores da Republica Franceza.* Esta corôa mereceu um logar de honra, e a inscripção, aliás

tão singela e despretenciosa, despertou geral atenção, tendo sido reproduzida por toda a imprensa republicana, que ahí vê a consagração significativa, nobre e grandiosa manifestação da consciencia democratica, dos serviços feitos á liberdade por aquelle que foi tão duramente aggreddido pelo odio intransigente de seus implacaveis inimigos, e que agora é elevado no conceito universal á categoria de primeiro homem de estado da França no momento actual.

Precisamente dentro do breve periodo de quinze dias tive occasião de assistir a duas imponentes solemnidades de que Ferry foi o objecto. A primeira foi quando elle tomou posse da presidencia do Senado.

Tal era a alta significação do seu nome, que a sua eleição para aquelle posto, o segundo na gerarchia governamental, foi considerado um acontecimento politico que impressionou viva e sympathicamente a opinião dentro e fóra da França.

O palacio do Luxemburgo encheu-se de todas as summidades politicas para solemnizar o acto da posse do seu presidente, acto que significava o levantamento de um interdicto, ou antes o termo do ostracismo lançado com criminosa injustiça sobre um homem superior, desta estatura excepcional, que raramente um povo tem a fortuna de possuir.

A segunda foi a dos seus funeraes, solemnidade magestosamente funebre, de uma grandiosidade que bem reproduzia o sentimento nacional.

Sobre o caixão ia a mesma bandeira tricolor que cobriu o corpo de Gambetta em viagem para a ultima morada.

A presença de tropas numerosas, o acompanhamento a pé de quasi todo o senado e quasi toda a camara dos deputados, das escolas, academias e corporações scientificas, de todos os ministros, grandes autoridades civis e militares, e a enorme multidão que enchia as ruas, davam ao funebre cortejo a

imponencia de uma das maiores homenagens que Paris tem rendido no seu culto patriótico aos grandes filhos da França.

E no entanto este grande espirito teve uma epocha em que chegou a ser o mais impopular dos homens publicos da republica.

Seus inimigos o odiavam, porque o temiam. Um jornal estrangeiro disse que elles, os inimigos, sabiam que Ferry tinha energia e resolução para aniquilar a um tempo a direita e a extrema esquerda, os dous grupos parlamentares onde sentam-se os elementos mais adversos á republica.

Os proprios amigos chegaram a abandonar-o, precisamente pela sua qualidade de homem de estado, na exacta accepção da palavra, pois que elle possuia uma individualidade politica e o seu espirito não obedecia senão á direcção das suas idéas, que nem sempre eram accessiveis á comprehensão vulgar.

Elle não pertencia portanto á esta raça de politicos banaes, trefegos e versateis que acompanham instinctivamente os movimentos e oscillações de um *entourage* inconsciente, exactamente porque fallece-lhes o espirito para a comprehensão e coordenação dos interesses e das necessidades da patria. De resto, elle não sabia vellar o pensamento nem reprimir as energias do sentimento.

Ferry dizia com coragem e desassombro que o povo francez tinha muito em que cuidar para não poder estar a olhar sentimentalmente para os Wosges, como hypnotizado. Chamavam-no por isso traidor á patria e amigo de Bismarck.

No governo elle secularisou o ensino, eliminando o clero. Não quizeram ver que o que elle combatia não era a religião, mas a perniciosa influencia do clero, e chamaram-no inimigo da igreja. O certo é que o maior legado que elle deixou a patria foi esse systema escolar organizado por elle e

que faz a França rivalisar com os povos mais prosperos na destribuição do ensino.

Na politica externa nunca deixou-se dominar pelo sentimentalismo, e basta a sua obra de Tunis para fazer a gloria de um governo.

Em um dos seus ultimos discursos, pronunciado recentemente, Ferry combateu com energia isso que elle denominou a *doença do pessimismo*, que invadia, disse elle, o organismo dos republicanos e os levava a ver *a proposito de tudo um perigo para a republica*. Accrescentou que por semelhante processo *eram os proprios republicanos que enfraqueciam as instituições recuzando-lhes a sua confiança*.

No nosso paiz estes conceitos têm um inestimavel valor. Erros e crimes têm-se praticado sob a influencia de condemnavel pessimismo.

Eu que já fui censurado em jornal repu-

blicano por causa do meu *optimismo* tive immensa satisfação em encontrar o accordo deste espirito superior.

A vida dos grandes homens contém salutar ensinamento.

SETIMA CARTA

Paris—12—Abril—1893

(AO DR. ALMEIDA NOGUEIRA)

Contraste entre o jornalismo Brasileiro e o jornalismo francez — Os banquetes politicos — Discurso de Casimir Perier e a sua opinião sobre os partidos monarchicos—A nossa attitude perante os velhos partidos.

Li no *Correio Paulistano* o seu excelente artigo sob a epigraphe *pro domo mea*.

O que admira e entristece é ver-se que homens de merito e boa vontade, que tem consagrado com patriotico desinteresse o seu talento e as suas aptidões politicas ao serviço da Republica, sintam-se ainda agora constrangidos a virem á imprensa para dizerem aos seus cidadãos quaes os motivos

que lhes determinaram essa conducta, assim como quem trata de procurar a attenuação de um crime!

Decididamente é necessario reprimir por todos os modos essa intolerancia, ou antes essa repugnante tendencia para o uso das injurias e das calumnias que tornam a vida publica no nosso paiz tão cheia de amarguras, ao mesmo tempo que esterelisam a acção politica, deshonrando a arena de combate e rebaixando a estatura moral dos combatentes.

Assignalo com profundo desgosto o desvantajoso contraste que existe, saliente e enorme, entre as nossas praxes jornalisticas e as que prevalecem nos costumes da imprensa franceza. Leio diariamente, entre outros jornaes, a *République Française*, fundada por Gambetta e hoje dirigida por J. Reinach, o *Temps* onde escrevem homens do valor de Julio Simon, o *Journal des Débats*, que representa uma larga tradição na imprensa parisiense, a *Justice* sob a re-

dacção de Clemenceau e Pelletan, o *Siècle* que foi de Julio Ferry, o proeminente homem de estado. Nesta imprensa discutem-se dia a dia todos os assumptos e todas as questões que possam interessar a vida nacional, tanto sob o ponto de vista geral dos principios como no dominio pratico das applicações.

Pois bem ; tenho observado que esta imprensa no desempenho da sua elevada missão põe especial cuidado em evitar as offensas pessoas, a tal ponto que, ainda mesmo na phase agitadissima da violenta tempestade que, a proposito dos negocios do Panamá, desabou sobre a Republica e sobre os republicanos, nunca ella chegou a perder a sua habitual compostura de cortesia e respeito na polemica com os adversarios. Basta dizer que aqui não se conhece a *secção livre*. Tudo é editorial.

E todavia esta correcta attitude de reciproca delicadesa não exclue jámais a energia e o vigor tão caracteristico do jor-

nalismo francez. E' certo que, destoando deste temperamento geral, vêm ás vezes dos orgams da monarchia ou do boulangismo, rancorosos adversarios da situação republicana, insultos mais ou menos graves, que entretanto são immediatamente reparados pelas armas.

Entre nós, porem, está consagrado por uma praxe immemorial o costume de se deixar aos diffamadores livre completamente o vasto campo em que elles operam sem embaraços, impunemente, atacando, á sombra da indiferença dos proprios offendidos, todos os caracteres, e conseguindo muitas vezes destruir reputações que são ou que deviam ser sagrados patrimonios da patria.

E' certamente devido á esta intemperança que temos chegado ao estado em que ninguem mais perde o conceito publico, nem mesmo os caracteres conhecidamente conspurcados. As sentenças da opinião perderam o valor de julgados. Não

ha homens perdidos, assim como não ha reputações inatacaveis.

Mas, com relação ao assumpto do artigo, a que venho de alludir, li um natibillissimo discurso de Casemir Perier, actualmente presidente da camara dos deputados e fadado para as maiores posições no futuro, no qual se encontram conceitos de grande profundesa de vistas e que adaptam-se, segundo penso, perfeitamente bem á politica do nosso paiz.

Os francezes fazem grande uso dos banquetes politicos que constituem para elles um dos mais poderosos meios de propaganda e de acção. Com este caracter o banquete, que aliás é ordinariamente offerecido a um alto personagem, deixa de ser uma homenagem pessoal para tomar a significação nitida e positiva de um acto politico. Em regra não ha sinão dois discursos, um por parte dos offertantes, outro, o essencial, o daquelle a quem o banquete serve de oportunidade para emittir a pa-

lavra de ordem sobre as questões da actualidade.

Graças a esta pragmatica tudo corre regularmente bem, com a maxima correcção, sem as inconveniencias soltas ao influxo da rethorica banal e quasi sempre insensata ; ao contrario do que acontece entre nós, onde já se viu um conviva pronunciar allocução revolucionaria pelo separatismo em banquete offerecido a um ministro da União em tempo do governo provisorio.

Aqui nunca se dará semelhante facto, porque a reunião dos convivas exprime, em sua propria natureza, uma communhão de idéas, uma perfeita solidariedade de sentimentos e uma completa conformidade de vistas. Aquelle que ali se sentisse desaggregado pelo mais leve antagonismo, obedecendo a um sentimento de natural delicadesa e respeitando um instinctivo escrupulo pessoal, deixaria necessariamente de se achar entre os presentes.

E' por isso que o banquete politico tem aqui grande significação. Os discursos que nelle são proferidos despertam a attenção nacional e percorrem a França inteira como a luz que esclarece uma situação, ou como a bandeira de combate no inicio de uma campanha.

Uma circumstancia a notar-se é que quasi sempre o banquete dá-se fóra de Paris, nas grandes como nas pequenas cidades, que formam os centros das populações ruraes, onde os partidos politicos mais desejam firmar a sua preponderancia, attrahindo para as suas idéas as sympathias das classes conservadoras. E' para ahi que são levados, a convite dos amigos e co-religionarios, os homens de maior valor moral, os que são a personificação de uma autoridade politica ou de uma capacidade superior, aquelles emfim que têm a responsabilidade do que pensam e do que dizem.

Estes discursos são, pois, verdadeiros

programmas que definem limpamente, claramente uma opinião e esclarecem uma situação : elles instituem um verdadeiro inquerito sobre os principios e conduzem o espirito publico á uma acção consciente e por isso mesmo fecundamente benefica. Cada um fica sabendo o que deve querer e o que deve fazer.

O discurso do Sr. Casémir Perier foi pronunciado em um banquete, que teve logar em Chapelle-Saint-Luc offerecido pelos republicanos do departamento do Aube, que elle representa na camara dos deputados. Estavam presentes dois mil e quinhentos convivas. Deu-lhe oportunidade a approximação das eleições geraes para a composição da futura legislatura.

Depois da celebre campanha eleitoral commandada por Gambetta após a dissolução decretada por Mac-Mahon em beneficio das aspirações monarchicas, nem uma outra póde ter despertado maior interesse á Republica, do que esta que vai

se abrir. Esta circumstancia importa muito para bem se comprehender o valor dos conceitos do presidente da camara nas suas referencias ao antigo elemento monarchico e, em geral, aos adversarios da Republica.

Existe na calma do seu pensamento e na moderação dos seus enunciados um tom de segurança e firmeza, que tranquilisa os seus ouvintes. Para elle a Republica não está em causa, porque é um regimen consolidado, definitivo: e perante o seu elevado espirito este successo da democracia deve muito á adhesão leal e patriotica das consciencias politicas, que têm collaborado com efficacia nessa grande obra. Eis as suas proprias palavras:

« Ha vinte annos que os acontecimentos têm feito mais conversões do que os discursos; mas é dever dos partidos affirmarem os seus principios e agirem. A indiferença debaixo de um regimen de suffragio universal é um acto de abdicação e, na batalha das idéas, a neutralidade é o

desfallecimento. Se é verdade que a liberdade sujeita as opiniões a grandes provas é certo também que as nossas não sentem-se alarmadas por se verem entregues aos perigos da discussão. Nós temos successivamente conquistado, de ha quasi um seculo para cá, a adhesão definitiva das consciencias politicas convertidas e alcançado o concurso das boas vontades que os factos têm esclarecido.

« A Republica está ao abrigo das surpresas e dos ataques; e comtudo é grande ainda o numero de cidadãos honestos, que não pendem muito para as questões de principios e que se approximam de nós, mais talvez por causa dos erros dos nossos adversarios do que pelas nossas proprias doutrinas. E' necessario que aquelles venham, em definitiva, ás nossas idéas e que sejam garantidos em seus interesses. Não se trata de reduzir, mas trata-se de os convencer. A força não é a arma dos regimens de tolerancia e de liberdade; ella

não é de tal modo preponderante no mundo, que seja bastante, para governar adversarios, limitar-se a opprimil-os.»

Parece-me que os republicanos brasileiros nada perderiam, ao contrario muito teriam a ganhar em conhecer e acolher estes conselhos de elevado bom senso e que encerram os principios, dos quaes deverá nascer o sentimento de confraternisação entre os que se acham ao serviço da Republica, eliminando inuteis e absurdas distincções. Na completa solidariedade desses elementos reside a indispensavel condição de força.

Destruindo a monarchia, o nosso intuito não foi nem podia ter sido o de opprimir os antigos adeptos dessa fórma de governo, mas sim o de attrahil-os, como forças uteis e aproveitaveis, para que viessem collaborar connosco na grande obra da organização da Republica. E' por isso que penso, agora como a 15 de Novembro, que assignalam-se por uma inapreciavel virtude cívica os nossos

concidadãos que, em vez de uma resistencia tão inutil quanto anti-patriotica, offerecem ao novo regimen uma cooperação leal e desinteressada.

Affirmando que a Republica na França não é um incidente, mas a consagração definitiva da vontade nacional, e referindo-se directamente ás massas dos antigos partidos monarchicos, o Sr. Casémir Périer prosegue nestes termos :

« Não resta aos partidos monarchicos senão estados-maiores. Um partido vencido tem o direito de exigir de seus chefes que se associem aos seus destinos como ás suas paixões : elle tem o direito de esperar daquelles que não puderam dar-lhe a victoria, que ao menos partilhem da derrota. Mas depende de vós acolher e attrahir os soldados deste exercito em derrota.

« As lembranças do passado, as prevenções ou o temor os retêm ainda, e no emtanto, dirigidos por seu bom senso, esclarecidos por seu patriotismo elles sentem

que o solo que elles defendem abysma-se debaixo dos seus pés, que as tradições que elles invocam são como estas mumias que apenas podem supportar o olhar e que transformam-se em pó quando a mão lhes toca. E' preciso dar a estes retardatarios o tempo de se alistarem no exercito republicano, abrir-lhes as nossas fileiras e collocal-os sob a nossa disciplina. Ha tudo a esperar das suas rectas e simples intenções ; nada ha a temer-se delles, nem os calculos nem as reticencias da ambição. Chamemos a nós aquelles que ainda lamentam porventura um throno, mas que já renunciaram o desejo de achar um rei. »

Eis uma boa somma de excellentes conselhos ; e neste ponto de vista considero a nossa situação melhor, mas muito melhor do que a da França. Aqui ainda ha estados-maiores da monarchia, que se compõem dos membros das familias reaes decahidas, rodeados de antigos cortezãos, ideologos e phantasistas politicos que, perdidas as es-

peranças no presente, vivem da contemplação mystica do passado.

Sabe o meu amigo que são bem diversas as condições do nosso paiz. Não temos tradições monarchicas, porque não possuímos nem raças reaes nem aristocracias de sangue. A este respeito o imperio não conseguiu senão fazer fidalgos titulados. Alem de que as crenças monarchicas nos ultimos tempos já estavam profundamente arrefecidas pela perspectiva antipathica do terceiro reinado, contra o qual já se pronunciavam, mais ou menos ostensivamente, muitos chefes políticos do antigo regimen. Ouviu-se em diversas occasiões dizerem — «Sustentamos Pedro II, mas não a dynastia».

Tal era o estado psychologico do povo brasileiro quando deu-se o 15 de Novembro. Foi por isso que a Republica, em vez de encontrar resistencias, não achou senão adhesões, aconselhadas certamente por causas diversas, mas em todo o caso sempre in-

spiradas por um sentimento de sincero patriotismo. Neste ponto a sensata observação do illustre presidente da camara franceza applica-se com inteira exactidão ao nosso paiz.

Na massa das adhesões não se comprehendem sómente os que cederam a uma conversão de principios ; ao contrario, no Brasil como em toda a parte é o acontecimento, é o proprio facto, imponente, porque revestiu a natureza da irrevocabillidade, que se encarrega de concluir o trabalho da evolução dos espiritos, operando as ultimas conversões. Aquelles que porventura podessem ter hesitado na escolha philosophica do regimen governamental, não podiam entretanto deixar de ver que o facto era definitivo e que, portanto, não restava aos bons brasileiros outro alvitre, senão o de remover todos os obstaculos afim de apressar o advento de uma situação normal, sufficientemente calma, laboriosa e vigilante para que a nação pudesse encetar,

sem demora, a sua marcha de progresso e prosperidade. As adhesões eram, portanto, estimuladas por um sentimento honesto e patriótico.

O meu amigo já sabe que sou dos que não acreditam na possibilidade de um partido monarchico no nosso paiz: tenho sempre, em todas as occasiões, manifestado esta opinião, e pelo meu voto ninguem teria jámais fallado nos perigos da restauração. Ha tal vez outros que deviam preoccupar-nos mais. Não quer isto dizer que eu julgue impossivel haver um ou outro espirito, que ainda guarde no recesso intimo da consciencia antigas convicções politicas. Mas as idéas politicas necessitam, para se apoderarem da consciencia collectiva, de apóstolos dedicados, de prégadores apaixonados, de agitadores firmes e corajosos, que as saibam consubstanciar na legenda seductora e nas côres vivas de uma bandeira desfraldada á plena luz e affrontando todas as provas dos grandes debates. Ellas exigem alguma cousa

deste sentimento que estimulava a alma de Danton e que eu leio na inscripção que borda o pedestal da estatua levantada pela cidade de Paris em honra ao homem de Estado da Revolução — AUDACIA !

Mas, o que eu vejo entre nós é cousa bem diversa. Se ha ainda algum monarchista, esse reserva cuidadosamente as suas crenças para as profissões de fé em familia, bem longe da presença incommoda dos indiscretos. Não é certamente este que terá o poder de apaixonar as massas pelas suas idéas.

A politica que se occulta, que se disfarça, que evita os olhares da multidão, é positivamente uma politica condemnada, morta pela asphyxia expontanea.

Entrei nestas longas divagações, meu amigo, para dizer-lhe porque, sem preocupações nem injustificaveis desconfianças, tenho profunda satisfação em assignalar os relevantes serviços que as adhesões têm trazido para a Republica.

Não conheço os ataques que motivaram sua defeza, e muito menos a procedencia delles. Ha muita gente que em vez de servir a Republica quer servir-se della. A sua resposta foi cabal, porque ella foi concebida na dignidade dos seus sentimentos e traçada na altura do seu talento.

OITAVA CARTA

Paris—1--Maio—93.

(A LUIZ PIZA)

Passeio a Londres—Visita ao Banco de Inglaterra—A chave de ouro dos Rothschilds—As suas sympathias pelo Brasil—As nossas relações financeiras e o conceito de Leroy Beaulieu—A supposta campanha da diffamação—Os depositos de bilhetes do Banco e o de ouro em barra e amoedado—Razão por que desacredita-se o nosso regimen de papel—O bimetalismo americano—A moeda ruim expelle a boa—Escassez de papel e abundancia de ouro.

Fiz o passeio a Londres. A grande capital está longe de possuir a physionomia alegre e festiva de Paris, mas em compensação tem um aspecto imponente e grandioso, que, se não desperta alegrias, in-

funde respeito. Faltam-lhe as bellas avenidas e os pittorescos boulevards da capital franceza, mas nas suas ruas, menos largas, encontra-se a toda hora, em qualquer parte, nos centros commerciaes como fóra delles, uma massa enorme de transeuntes a pé ou de carro, que em muitos logares interceptam quasi que litteralmente a passagem. Só e desconhecido no meio daquella multidão verifica-se a exactidão do conceito do illustre viajante que chamou Londres — um vasto deserto de homens. Seus parques são enormes, mas não têm os encantos do Bois de Bologne nem a risonha perspectiva dos Campos Elyseos. Tem a sua Bastilha, a famosa Torre de Londres, e o seu Pantheon, a sumptuosa Abbadia de Westminster, onde estão os tumulos e as estatuas dos grandes homens, estadistas, guerreiros, poetas, etc. Nas praças sobresaem a estatua colossal de Nelson e diversas estatuas equestres de Wellington, os dois vencedores de Napoleão.

Mas, não vá pensar que estou querendo descrever Londres ou contar os costumes inglezes. Não me metto nisso. Vi muito e guardo para mim as impressões. E' o caso de dizer — só vendo!

Entre as muitas cousas dignas de serem vistas, visitei o Banco de Inglaterra, que não é só uma curiosidade, mas um ensinamento.

O edificio nada tem de extraordinario na apparencia ; ao contrario, é uma casa terrea, de aspecto quasi modesto, mas bastante grande e espaçosa para conter no seu interior os vastos compartimentos indispensaveis para o funcionamento de todas as repartições, que constituem o organismo administrativo do Banco. Lá se encontram as officinas typographicas e os prélos em que se compõem e se imprimem os bilhetes, assim como todos os trabalhos de que necessita o Banco. O proprio papel inimitavel para garantia contra as falsificações, é fabricado sob as vistas immediatas da sua administração.

Entre os diversos apparelhos nota-se a curiosissima balança, na qual é ratificado o peso das moedas, e que, com uma exactidão mechanicamente invariável, separa as que possuem o peso legal das que o não têm, lançando-as, uma a uma, em duas caixas diversas.

O essencial, porém, é ver os depositos, em que se acham os grandes valores. Esta parte do estabelecimento é, naturalmente, muito reservada, e só com o auxilio de recommendações muito especiaes é que se consegue penetrar naquelles sombrios aposentos, illuminados á luz electrica (mesmo de dia), onde se acha, não o maior, mas com certeza o mais solido thesouro do mundo. Eu e os meus companheiros o conseguimos, entretanto, com muita facilidade, graças á influencia e á gentileza do nosso bom patrono.

O ministro brasileiro em Londres, o illustre Sr. Corrêa, que aliás é muito solícito em coadjuvar e ser agradavel aos seus

compatriotas, deu-nos uma apresentação aos Srs. Rothschilds, e estes nos fizeram acompanhar de um empregado da sua casa, diante de quem foram-nos de prompto e de par em par abertas todas as portas. Os Rothschilds possuem a chave de ouro, que se adapta magicamente a todas as fechaduras. Todas as entradas são-lhes franqueadas.

É justo reconhecer que os poderosos banqueiros são sympathicos ao Brasil e mostram sempre boa vontade a nosso respeito. Sem elles é difficil calcular até onde teria descido o nivel do nosso credito. No mundo financeiro a concha da balança que recebe o peso da sua opinião é a que se inclina. Pois bem, são as suas sympathias e sobretudo a persistencia da sua confiança no futuro do Brasil, que têm mais concorrido para salvaguardar o nosso credito. Foi uma prova disso o recente empréstimo à Companhia Oeste de Minas.

Mais de uma vez ouvi dizer-se ahi, com

entranhado *chauvenismo*, que o Brasil não era colônia da Inglaterra para dever prestar atenção ás opiniões dos financeiros de Londres. E' nobre, certamente, o sentimento que inspira taes desabafos ; mas, convém dizel-o francamente, um povo que cuida com seriedade e criterio do seu futuro e da sua prosperidade, deve ser antes de tudo um povo pratico, reflectido e calculista. O sentimentalismo nas regiões em que só predomina o interesse, é mais do que um erro, é um obstaculo.

Póde ser que eu me engane, mas acredito que por emquanto será bem difficil encontrarmos outro mercado, favoravel ao nosso credito e vantajoso aos nossos interesses, fóra da praça de Londres. Assim tem sido e assim será por muito tempo ainda. Lá está a grande potencia financeira do mundo. Ora, eu não sei que haja melhor maneira de conservar o credito e dar expansão á confiança, do que procurando o devedor manter com o credor as

relações de indispensavel intimidade, que o assegurem acerca da sua verdadeira situação. E' dentro do regimen dessas relações que o credor pôde conhecer o estado do devedor sob o duplo aspecto material e moral.

Em uma das prelecções, a que assisti, do Sr. Leroy-Beaulieu, ouvi o illustre professor dizer que, para se ajuizar bem, com segurança, da situação financeira de um paiz, não basta conhecer o seu estado material nem mesmo a sua legislação ; mas é indispensavel conhecer tambem o seu estado psychologico ; isto é, é essencial saber qual é a tendencia dos espiritos, tanto no povo, como no governo. Assim, por exemplo, quando se trata de um paiz do regimen de papel-moeda, como o nosso, não basta conhecer os recursos da sua renda, nem mesmo tranquillisa a sua legislação financeira, quando esta estabelece um limite á circulação. E' preciso, disse elle, saber, além disso, se o poder publico não está

disposto a abusar da fecundidade da receita, auctorizando despesas superfluas ou adiaveis, e se a tendencia da opinião não é para o alargamento da circulação. O credito, não só firma-se como expande-se quando esta garantia moral surge em auxilio da garantia material.

Ah! está porque me parece que a simples manifestação do pensamento destes financeiros, nossos credores, não deve alarmar o nosso patriotismo. Em vez das explosões, que aliás não abonam o nosso criterio pratico, melhor será que procuremos ser correctos e que fallemos a verdade a quem della precisa para dar-nos a sua confiança. Isto não é, não póde ser humilhante, porque é leal, porque é digno.

Não nos illudamos, tão pouco, com isso que nós chamamos a campanha da diffamação no estrangeiro. E' certo que por esse processo se nos tem feito algum mal; mas não tanto quanto possa parecer.

Ha em Londres dezenas de casas de alta importancia commercial que recebem quasi diariamente informações relativas ao nosso estado financeiro. E' nessas fontes, que podem muitas vezes deixar de ser rigorosamente exactas, mas que possuem o cunho de um interesse real e legitimo, que ás mais das vezes inspiram-se todos aquelles que têm ou pretendem ter negocios conosco. Seria portanto um erro suppor-se que estes homens se acham mal informados. Tive occasião de verificar, ao contrario, que na praça de Londres conhecem-se bem as cousas do nosso paiz, e isto é sem duvida um forte obstaculo ao successo das inverdades calculadamente emittidas pro ou contra o Brasil.

Mas, vejo que é tempo de deixar estas digressões e retomar o meu assumpto.

Já se disse da tribuna legislativa do Brasil que para melhorar o valor do papel bancario, bastaria consignar nelle a obrigação do pagamento em ouro, sem mais

nada. Que bom, se assim fosse! Com um pouco mais de tinta no papel estaria resolvido o mais grosso problema. Mas o bilhete do Banco de Inglaterra não registra essa obrigação, não allude mesmo á ella, nem de leve. O Banco declara pura e simplesmente, com o proverbial laconismo britannico, que *pagará tal somma ao portador*, e isto com tinta preta sobre um papel branco, sem pinturas nem desenhos mais ou menos pittorescos. E todavia, sempre que se apresenta ao Banco um bilhete, este é immediatamente pago em ouro e recolhido. O inglez sabe que o que vale é fazer e não dizer. A obrigação escripta na lei dispensa a promessa no bilhete.

Os bilhetes recolhidos e que nunca mais voltam á circulação, são conservados em deposito durante cinco annos e depois incinerados. E' uma precaução, entre outros motivos, para garantir a fiscalisação nos casos de fraude ou falsificação. A este respeito o rigor é tal, que o empregado que

recebe um bilhete falsificado é responsável pelo seu pagamento.

O deposito continha, no momento da nossa visita 77.745.000 bilhetes, correspondendo ao valor de 1.750.626.600 libras guardadas em 13.400 caixas, conforme uma nota impressa que lá me deram, e na qual se declara, como curiosidade interessante (vaidade ingleza) que, estendidos em fôrma de fita esses bilhetes attingiriam a extensão de 12.455 milhas, e, collocados ao lado, uns de outros, cobririam uma superficie territorial quasi igual ao seu enorme Hyde-Park.

Deste compartimento passámos para o deposito das moedas em metal e papel, destinados á circulação, e já com destino a diversos bancos, governos, instituições, etc. O empregado, homem velho, que guarda este valioso arsenal, tirando de uma pequena caixa de madeira um pacote de bilhetes, e dando-o a cada um de nós para *tomar-lhe o peso*, disse-nos afinal, muito grave-

mente : — « Isso que os Srs. acabam de pegar, contém um milhão de libras sterlingas. » Inglez, elle pensou lá de si para comsigo, que não nos seria de todo desagradavel experimentar a sensação, ainda que fugitiva (infelizmente para nós), de um milhão, em um só punhado.

Em seguida fomos conduzidos para o deposito de ouro em barra e amoedado, que constitue o encaixe metallico do Banco. Ahi está a solida garantia da circulação. O valor deste deposito e mais os valores do Estado, constituitivos do capital do Banco estabelecem o limite da emissão. Quer isto dizer que não entra na circulação um bilhete de cinco libras, o menor, sem que haja o correspondente no deposito.

Sob um regimen assim constituido, sem ficções, sem sophismas, sem promessas illusorias, mas de uma realidade solida e de garantia positiva, certa e segura, é facil de comprehender-se como o espirito publico se lhe affeiçoa a tal ponto, que não lhe é

possível receber sem uma certa hesitação ou desconfiança, outro systema qualquer, principalmente quando elle não reveste uma consistencia sensivel, palpavel e em plena evidencia no jogo das relações financeiras. E' por isso que, nas praças onde o ouro é realmente o padrão monetario, a tendencia natural, instinctiva é para repudiar todo outro regimen que não seja este. O papel sem o seu equivalente exacto em ouro, sem a conversão immediata e a arbitrio do portador, deixa de ser a representação real de um valor fixo, não podendo portanto servir de medida invariavel para regular os preços.

Para que se possa apreciar bem e com isenção o máu effeito que deve produzir neste mercado uma circulação como a nossa bartará observar o que no momento actual está-se passando com relação ás finanças dos Estados Unidos do Norte, onde aliás vigora um regimen politico consolidado por um seculo de experiencia, onde a paz

publica está salvaguardada pelas proprias instituições e onde, além da ausencia absoluta de elementos reaccionarios, a ordem publica recebe das sabias praticas de um governo democratico a mais segura garantia.

Na republica Norte Americana tem-se trabalhado com esforço para estabelecer o systema bimetallico, que, como é sabido depende substancialmente da instituição de uma relação legal entre o valor do ouro e o da prata. Mas, a fixidez desta relação é contraria á natureza das cousas e incompativel com as leis economicas a que os metaes preciosos estão sujeitos, da mesma maneira que todas as mercadorias. Ora, as estatisticas attestam que a producção do ouro, senão decresce, conserva-se estacionaria, ao passo que a producção da prata tem, pelo menos, dobrado nos ultimos tempos. A depreciação do valor, consequencia inevitavel deste facto economico, tem feito com que os paizes mais caute-

losos reduzam a prata quasi que ás funcções de moeda de troco, ou divisionaria.

As vistas dos Estados Unidos, porém, são outras, porque lá quer-se aproveitar a fecundidade productiva das suas ricas minas de prata. Basta ver que a sua producção é igual a $\frac{5}{8}$ de toda a prata recolhida no anno. Dahi a politica do bimetalismo, que é imposta pela influencia dos poderosos proprietarios das minas, de um lado, e pelas exigencias dos cultivadores, de outro lado, os quaes pensam que, multiplicando as moedas de prata, elevam-se os preços dos seus productos, sem quererem ver que não é o preço do trigo que cresce, mas é a moeda que se deprecia.

Pois bem, o resultado de tudo isto é que o ouro, amedrontado, emigra para a Europa, refluindo para o Banco de França e Banco de Inglaterra. Ouvi de pessoas bem informadas em Londres, que os capitalistas inglezes retiram apressadamente os seus capitaes da America do Norte, afim

de evitarem pagamentos em moeda de prata depreciada, de que está saturada a sua circulação.

Effectivamente, a prata que chegou a valer outr'ora a media de 61 1/2 pence por onça, ultimamente tem cabido abaixo de 38 pence. Emfim, attesta-se uma perda de valor de 35 %, relativamente ao ouro.

E' evidente que em presença desta enorme oscilação, creando uma desigualdade tão profunda entre os dous metaes, a fixação de uma relação de valor não póde servir senão para auctorisar os devedores a darem em pagamento a seus credores aquelle metal que se acha depreciado. São intuitivas, nesta hypothese, as vantagens que favorecem o devedor, e por isso mesmo, na medida correspondente, é certo o prejuizo do credor. Dahi é que resulta o panico e a consequente emigração do metal, cujo valor real é superior ao da relação fixada. E' assim que se realisa o aphorismo já

vulgar, que a moeda de má qualidade expelle a boa.

Meça-se bem a differença.

Se nos Estados Unidos, onde em todo o caso trata-se de uma moeda metallica, esse facto se produz, perturbando a situação financeira, não se póde extranhar que egual phenomeno appareça sensivelmente aggravado no regimen do papel-moeda, como entre nós, como em Portugal, na Hespanha, na Italia, etc.

Em summa, aqui só vale e vale muito o papel, cujo possuidor, no momento em que o queira, possa convertel-o em ouro. Mas, o que esta gente não comprehende nem póde comprehender é o valor do papel destinado a ser sempre papel, uma vez que o portador não tem outro meio de trocal-o por ouro senão levando-o, não ao banco que o emittiu, mas ao cambista, que exige uns tantos por cento de beneficio no troco. Ninguem sabe a somma que tem em sua carteira, pois que tudo depende da

taxa do cambio, cuja tabella oscila, acompanhando as exigencias indeterminadas do mercado.

E' preciso convir que isto deve ser de pessimo effeito nas praças em que se vê, por exemplo, o bilhete do Banco da Inglaterra circulando livremente, por toda a parte, sem desconto e, ao contrario, em certas circumstancias com agio.

Commigo já se deu um facto que corrobora o que estou expendendo. E' meu costume pedir ao banco com o qual tenho negocios (Crédit Lyonnais) o pagamento dos meus cheques em bilhetes do Banco de França, por commodidade: pois bem, um dia o empregado *empenhou-se* comigo para receber a maior parte da somma em ouro, porque o banco dispunha de muito pouco papel!. Por essa occasião tinha crescido muito o stock do ouro no Banco de França, ao passo que escasseava o papel na circulação. Foi então que, por exigencias do commercio o corpo legislativo votou

uma lei elevando a emissão, de tres milhares e meio, que era, a quatro milhares.

E' conveniente meditar bem nestes factos para se poder comprehender melhor a natureza das causas que influem, de um modo tão oppressivo, sobre a nossa situação financeira.

NONA CARTA

Genebra—14—Junho—93.

(A VICTORINO CARMILLO)

Viagem á Italia — Crise ministerial — Sessão solemne do parlamento em Roma—Recordações da epocha do manto, dos calções e do papo de tucano—Declínio do parlamentarismo na Europa. —Os partidos politicos e a sua falta de cohesão em Portugal, Hespanha, França, Italia, Allemanha, Austria, Belgica, etc.—A crise do regimen parlamentar na Inglaterra.

Acabo de fazer uma interessante excursão pela Italia. Partindo desta cidade onde me acho provisoriamente installado e passando pelo monte Cenis visitei successivamente Turim, Milão, Veneza, Florença, Roma e Napoles onde abracei com fraternal effusão o nosso inolvidavel Americo de Campos,

a mais brilhante recordação do jornalismo democratico em S. Paulo. De Napoles voltei pela estrada do Mediterraneo, estrada lindissima, sempre a beira-mar, e visitei Nice e Monte-Carlo, o famoso centro da jogatina européa, ou antes, do mundo inteiro, pois é alli que se reúnem e batem-se em duello de morte os mais ousados jogadores, que affluem de toda a parte trazendo uma esperança e levando a ruína, quando não se deixam lá ficar em perpetua morada, resolvendo os problemas da desgraça pelo suicidio.

Andei um tanto apressadamente, quasi pelo methodo do imperial viajante, que conhecemos, mas, em todo o caso, com uma grande differença : eu não corria pedantemente, antes de mais nada, para as bibliothecas, porque afinal de contas não é de guarda-pó e com o chapéu de sol debaixo do braço, percorrendo as estantes offegante de cansaço, que se póde chegar a descobrir os preciosos thesouros que ellas en-

cerram. O meu methodo era muito simples e por isso dava-me tempo para tudo. Em cada cidade eu iniciava o meu exame percorrendo-a em todas as direcções para conhecer-lhe o aspecto geral, depois detinha-me nas praças e nas ruas que constituem as principaes arterias ou os centros de maior actividade, ia aos jardins e aos passeios publicos nas horas em que devia lá encontrar o grande mundo, observava os monumentos publicos, visitava os museus, emfim andava por toda a parte onde era possivel encontrar a physionomia caracteristica do povo, conhecer os seus costumes, as suas tradições, tanto quanto possivel em um rapido golpe de vista.

A' excepção de Veneza, com o seu typo unico, as cidades italianas, em geral bonitas, assemelham-se entre si.

Impressionou-me agradavelmente o aspecto dos campos da alta Italia ; extensas e formosas planices, onde tive occasião de observar magnificas plantações, apesar da

prolongada secca que tem flagellado quasi toda a Europa desde o mez de Março, precisamente a epocha em que a agricultura aqui necessita da regularidade do tempo. Do centro para o sul, a começar de Florença, os terrenos tomam outra apparencia, apresentando fortes accidentes, devidos á approximação da cadeia dos Apeninos, que se estende até o Mediterraneo, onde o Vesuvio serve-lhe de ponto final. Nesta parte, se bem que o sólo, em toda a sua extensão, não seja tão aproveitavel como na região septentrional, todavia é igualmente bom nos valles.

Pelo que observei acredito que a situação economica do paiz não seria neste momento tão penosa, se o poder publico olhasse para os interesses da agricultura com a mesma solicitude com que se o faz em França.

E, uma vez que alludo a este assumpto, mencionarei, de passagem um facto que confirma o que disse em cartas anteriores.

Extranhei que no nosso Congresso alguém houvesse dito que, para restaurar o credito do nosso papel bastaria fazer declarar nos bilhetes dos bancos a sua convertibilidade. Pois bem, os bilhetes dos bancos italianos, assim como os do Estado, declaram em bons termos que o seu valor «é convertivel á vista em moeda metallica ;» os bilhetes do Banco de França nada absolutamente declaram, e no entanto, em todas as praças da Italia em que apresentei o papel francez ao troco, deram-me o premio de 4 %/o. Este factio, sobre ser a confirmação do que eu disse, é a prova de que as mesmas causas produzem os mesmos effeitos no Brasil como na Italia.

Não é, porém, disto que desejo occupar-me agora. O meu intuito é outro.

Achei-me em Roma exactamente quando resolvia-se a crise ministerial, resultante do voto da camara italiana que regeitára, por grande maioria, o projecto de lei do orçamento do ministerio da justiça. Como

já é sabido, após esse voto o Sr. Gioliti, presidente do conselho, apresentou ao rei o pedido de demissão collectiva do gabinete. O rei, depois de ter conversado com os presidentes das duas camaras e mais formalidades banaes, resolveu que o mesmo ministerio continuasse, concedendo a demissão sómente ao ministro da justiça. Era este o acontecimento que ia ser communicado á camara dos deputados na sessão de 25 de Maio.

Consegui installar-me em uma tribuna, de onde pude assistir á vontade a representação da peça parlamentar. O desempenho foi satisfactorio e fez-me lembrar a epocha em que o manto, o papo de tucano e os calções representavam papel assignado na politica brasileira.

A sala do parlamento italiano é semelhante á do parlamento francez, em amphitheatro, bastante espaçosa e de aspecto solemne. Mas, não ha tribuna ; o deputado falla do seu logar ; e, nas decorações, em

vez da côr vermelha, predomina o azul escuro, que torna um tanto sombrio o recinto dos legisladores.

A sessão era presidida pelo Sr. Zanardelli, uma das mais salientes personalidades da situação. Em frente ao estrado da cadeira presidencial está a extensa mesa em que se collocam os 11 ministros dando a frente para os bancos dos deputados. As tribunas e as galerias estavam completamente cheias. Emfim, boa encenação.

Apenas abre-se a sessão, o Sr. Gioliti toma a palavra e diz o que todo o mundo já sabia : o rei não acceitou a demissão do ministerio e portanto este continuava, sem comtudo fazer a menor mudança no seu programma. Concluiu na fórma dos estylos, pedindo um voto de confiança claro e explicito. Fallaram mais alguns deputados, entre elles Nicotera e Rudini. Veiu depois o voto de confiança por grande maioria.

Ahi está, com toda a verdade, uma scena

do mais puro parlamentarismo. Agora reflexionemos.

O que determinou a crise, como já disse, foi o voto da camara regeitando o orçamento do ministerio da justiça. Não ha quem ignore que no orçamento de cada departamento ministerial está a consubstanciação dos principios e das normas que devem regular a respectiva administração, e o conjuncto dos planos parciaes fórma o orçamento geral, que representa o espirito colectivo, o pensamento governamental. Mas, como no regimen parlamentar o director, o chefe politico é o presidente do conselho, é da essencia do systema que não haja nem possa haver uma politica, uma administração, em summa um governo peculiar a cada pasta, segregado do pensamento geral : ao contrario, tudo está virtualmente subordinado ao chefe do gabinete, que superintende todas as pastas, porque na sua pessoa reside o criterio director da politica do governo.

Como se vê, dentro de um tal organismo não ha nem pôde haver victoria ou derrota parcial dos ministros, sobretudo em tratando-se de uma medida de character substancialmente politico, como é o orçamento, que é o acto pelo qual se traça a linha de conducta do governo, a sua politica. Em face destes principios fundamentais é evidente que, com a regeição do orçamento da justiça a camara recusou formal e explicitamente a sua approvação á politica do gabinete, retirou-lhe o seu apoio e, ao mesmo tempo, indicou a necessidade de uma nova organização ministerial, que dêsse origem á uma nova situação. Assim pareceu entender o Sr. Gioliti, apresentado ao rei a demissão collectiva do ministerio. A solução parecia clara. Entretanto o que aconteceu foi cousa bem diversa. A camara *não queria*, mas o rei *quis* e o ministerio ficou.

Ahi está um exemplo caracteristico do papel nullo que representa o poder legis-

lativo no regimen parlamentar. E' um poder que desaparece. E no emtanto os parlamentaristas preconizam o systema, porque, dizem elles, nesse mechanismo é o parlamento que governa. Accrescentem ao prestigio do executivo a prerogativa da dissolução, da essencia do regimen, e digam-me o que restá do parlamentarismo além das scenas de comedia, como esta a que assisti na minha passagem pela capital da Italia ?

Demais, depois do que estou observando na Europa, tenho como certo que o parlamentarismo está incompatibilisado com a actual situação dos espiritos, que se characterisa por grandes divergencias na comprehensão dos problemas sociologicos.

De feito, este regimen requer para o seu funcionamento a existencia de partidos fortes e disciplinados, que obedeçam o commando de chefes auctorisados sem hesitações nem duvidas, como, por exemplo, na Inglaterra os liberaes acompanhavam

Gladstone e os conservadores seguiam lord Salisbury. A dispersão dos elementos crêa as situações ephemeras, os governos fracos e instaveis, sujeitos ás manobras de uns e á inconstancia de outros, victimas, por consequencia, das surpresas armadas pela colligação dos grupos.

Mas, para ter logar a concentração de forças em favor de uma situação seria mister que se operasse uma completa coordenação de idéas e de aspirações politicas, de tal modo que, em vez da multiplicidade dos grupos, se formassem os grandes partidos, destinados a servirem de apoio ao governo, substituindo-se, reve-sando-se, conforme as indicações da opinião. E' este o grande ideal do parlamentarismô.

Ora, quando se examina a situação dos povos no momento actual, verifica-se que é exactamente ahi, nessa necessidade de concentração, que se vai achar uma difficuldade insuperavel. E' ahi, portanto, que

esbarra o systema, recuando ante á sua propria impraticabilidade.

Vou fazer este exame rapidamente.

Quanto a Portugal, Hespanha, Italia e França, acham-se confirmadas pelos factos as previsões que externei em cartas anteriores.

Em Novembro eu dizia que o gabinete Dias Ferreira, que acabava de triumphar em toda a linha nas eleições de Outubro em breve succumbiria, victima da sua propria maioria, visto que esta se constituiria pela colligação dos diversos grupos, ments o republicano. De facto, a 20 de Fevereiro o telegrapho annunciava a quéda do ministerio portuguez, attribuindo a crise á fraqueza da posição do gabinete no parlamento.

Nas eleições de 1891 o Sr. Canovas tinha enviado ao parlamento de Madrid a poderosa maioria de 289 deputados sobre 432, quando a minoria se fraccionava em uma serie infinita de grupos. Entretanto,

menos de dois annos depois o chefe conservador era derrotado por essa mesma camara e substituido pelo Sr. Sagasta, chefe liberal. Isso mostra quanto é movediço o terreno parlamentar. Uma maioria tão brilhante e tão segura na apparencia, disse um jornalista, foge no momento o mais inesperado e sacrifica os seus homens de Estado com uma leviandade incrível.

Na hora presente o Sr. Sagasta, que para vencer os republicanos, julgou necessario chamar a si todos os grupos, apezar do seu triumpho eleitoral completo e talvez mesmo por causa delle, mal pôde equilibrar-se no poder, e, após os transes por que tem passado sobejam-lhe motivos para estar esperando o momento em que cahirá, impellido pela propria politica de coalisção, sua obra funesta.

Na Italia os resultados são identicos. Após o Sr. Crispi, derrotado pela sua propria camara, veio o Sr. Gioliti a quem o rei acaba de amparar na sua recente quéda,

e que, apesar disso continua a debater-se nas afflições de uma crise permanente. E todavia as eleições deram-lhe estrondosa maioria como a tinha dado ao seu illustre antecessor.

Duas grandes questões, o estado financeiro e a triplice alliança, encerram os germens de constantes perturbações na politica italiana. A situação financeira tem, infelizmente para nós, muitos pontos de semelhança com a nossa. Os abusos e as fraudes da emissão produziram forte perturbação na circulação e consideravel depreciação do papel, o que reflectiu-se muito naturalmente no credito publico, a tal ponto que o thesouro, na sua penuria e na impossibilidade de recorrer a operações regulares, obriga a medidas de desespero, como essa da lei sobre as pensões, que outra cousa não é senão o empréstimo forçado do dinheiro dos pobres. Os interesses pessoaes que se agitam neste meio, nós o sabemos por amarga experiencia, são

intransigentes ; pullulam os financeiros e as panacéas salvadoras, multiplicam-se os alvitres e, no meio da confusão geral, o melhor partido cabe sempre aos mais ousados aventureiros.

No que concerne ás causas que determinaram a Italia a entrar para a triplice alliança, publicações recentes têm fornecido preciosos esclarecimentos. Os receios da ardilosa politica de Bismark, aparentemente favoravel ás pretenções da curia romana, assim como o fingido temor da politica colonial de J. Ferry em Tunis ou da possivel intervenção das armas francezas para a restauração do poder temporal do papa, não foram senão pretextos mal disfarçados para entregar-se a Italia de pés e mãos atadas á Allemanha e á Austria.

Diz-se na Italia que o rei é quem dirige a politica estrangeira. Elle dá ao ministro das relações exteriores toda autonomia sómente no que respeita a questões

de detalhes, mas reserva para si a direcção das relações com a Allemanha e a Austria.

Ora a França é republicana e prospéra sob esse regimen: é um exemplo contagioso nas visinhanças da Italia; e ahi está a verdadeira razão da alliança com os dois imperios do centro da Europa.

Não foi portanto uma alta conveniencia nacional que formou essa alliança, mas um simples interesse dynastico. Isto basta para comprehender-se que ella não póde ser popular na Italia; ao contrario, o povo não occulta as antipathias que vota á Austria, sobretudo quando o *irridentismo* olha para o lado de Trieste e de Trento, que adverte ao seu patriotismo, que a obra da reintegração territorial não está acabada. O proprio governo confia tão pouco na amisade da sua alliançada que, para garantil-a, conserva o territorio de Venecia coberto de formidaveis apparatus de guerra, como tive occasião de observar. Com certeza não é o perigo de

uma invasão franceza pelo lado do Tyrol que lhe causa receios.

Quem não vê em tudo isto um enorme accumulo de circumstancias a influirem poderosamente para a divisão e a anarchia nos partidos politicos da Italia?

E' possivel que os doutores do parlamentarismo não desejem a companhia do imperio allemão e queiram por isso, negar-lhe a pureza do systema. Mas o que lá existe, dando preponderancia ao executivo é o mesmo que se vê em todas as monarchias representativas, inclusive a propria Inglaterra. Em todas ellas o soberano é o chefe unico do poder executivo, e os ministros estão sob as ordens do presidente do conselho, como na Allemanha sob as do chanceller.

Neste particular o parlamento allemão tem mais autonomia do que os de outras monarchias: as suas leis são obrigatoriamente promulgadas pelo imperador, que não tem direito do *veto*. Emfim, embora

aos olhos de Guilherme II as instituições parlamentares não existam senão em virtude de uma tolerancia, o certo é que ellas existem.

Todo o mundo sabe que a politica allemã gira sobre o seu grande eixo — a triplice alliança. Sem contar com as tendencias de cada Estado confederado e com as rivalidades antigas que perduram, são enormes as difficuldades que asoberbam o governo, como resultantes da situação artificial creada pelo genio de Bismark, e de todas a maior é a que consiste em vencer as resistencias oppostas pelos diversos agrupamentos parlamentares.

No parlamento dissolvido estavam representados treze partidos politicos. O grupo governamental, fiel, compunha-se de tres nuanças, e os outros eram de opposição ou não arregimentados. O primeiro dispunha de 132 votos, com os quaes o chanceller podia contar em todas as eventualidades, e os outros contavam 265 votos.

Esta estatística só por si mostra quanto esforço de equilibrio parlamentar terá sido desenvolvido pelo governo allemão para manter e desdobrar a sua politica tão cheia de graves complicações na dupla esphera dos negocios internos e exteriores. Foi certamente por isso que o proprio principe de Bismark, depois de uma lucta renhida e prolongada contra os catholicos, sentiu a necessidade de retroceder e transigir com elles fazendo concessões que levaram Leão XIII a empregar sua influencia pessoal junto deste partido para arrefecer a opposição ao chancellor.

Todavia os ultimos successos demonstram que as transações realisadas não bastaram para assegurar ao governo uma maioria solida e disciplinada. Os elementos adversos sublevaram-se e deram combate ao governo imperial no proprio terreno da politica internacional, invocada para proteger sob os estimulos do patriotismo o projecto de lei augmentando o effectivo de guerra. Finda

a lucta parlamentar pela victoria da opposição, abriu-se a campanha eleitoral em virtude da dissolução. E' o que se chama a consulta á nação, segundo o convencionalismo parlamentar.

O imperador apressou se, elle proprio, a descer á arena do combate. Após uma revista militar elle dirigiu uma allocução aos generaes e officiaes do estado maior, na qual, estranhando com vigorosa aspereza o voto do Reichstag contra o projecto de lei militar, disse : «Foi-me preciso recorrer á dissolução. Nutro a esperança de que o novo Reichstag dará a sua approvação ao projecto de lei militar. Mas se esta esperança falhar, *estou decidido a fazer tudo quanto estiver em meu poder para attingir o fim.*»

O que caracteriza o imperador da Allemanha, na opinião dos que o conhecem, é uma mobilidade excessiva de pensamento e, ao mesmo tempo, uma tendencia não dissimulada para o despotismo. E' facil

portanto comprehender o alcance da sua phrase ameaçadora. No momento em que escrevo estas linhas fere-se a grande batalha : qualquer que seja o seu resultado, todos já sabem que o imperador achará no *seu poder* meios de chegar ao seu fim. Magnifica consulta á nação !

Bem se vê que não é no solo allemão que o parlamentarismo poderá germinar e produzir bons fructos.

Alludindo ás dissoluções, á que se deu para fazer passar a lei militar e á que ameaçava o parlamento para obrigar-o a approvar o tratado commercial com a Russia, disse um deputado :—*Ces accouchements legislatifs en Allemagne ne se font qu'à l'aide des forceps.*

No imperio austro-hungaro, outro membro da triplice alliança, são talvez ainda maiores os elementos de desaggregação. Essa alliança não constitue senão um facto, a expressão de uma necessidade ; mas sem raizes no sentimento popular. Os austria-

cos não podem jamais esquecer a guerra de 1859, na qual perderam o territorio do norte da Italia, e menos ainda a derrota de Sadowa, que arrebatou lhes a preponderancia internacional. Jamais elles deixarão de ouvir os echos das memoraveis palavras de Francisco José na sua proclamação de 1866: « Os ultimos acontecimentos, disse elle, provam incontestavelmente que a Prussia põe a violencia no logar do direito... E' uma potencia que não se guia em seus projectos senão por sentimentos egoisticos e um desejo insaciavel de conquistas.»

Além disto, a sua organização especial, amalgamando nacionalidades hetereogeneas, de tendencias irreconciliaveis, «formando antes um Estado do que uma nação» torna impossivel uma perfeita coordenação de interesses, que sirva de base á concentração politica. Um traço caracteristico deste complicado organismo: Francisco José preside simultaneamente a tres ministerios, que correspondem a tres governos diversos. Como

chefe da monarchia austro-hungara elle preside ao *ministerio commum*, como imperador da Austria ao *ministerio austriaco*, e como rei da Hungria ao *ministerio hungaro*.

A uma grande diversidade de raças, de religiões e de linguas, germen de rivalidades que nunca se apagam e fonte inexgotavel de difficuldades insuperaveis, corresponde uma grande variedade de aspirações e opiniões, servidas por numerosos partidos politicos, cuja posição modifica-se continuamente no parlamento. O governo acha-se sempre em frente da necessidade de dominar a inquietante tormenta dos partidos, das raças e das aspirações populares.

Vê-se tambem que não é tão pouco no solo do imperio austro-hungaro que poderá florescer o parlamentarismo.

A Belgica, um dos raros paizes da Europa, em que o regimen parlamentar tem podido ser praticado com regularidade relativa, apresenta agora phenomenos cara-

cteristicos de divisões politicas, que a collocam em situação identica a dos outros povos no que concerne aos obstaculos que se oppoem á practicabilidade do systema.

Mais do que outro qualquer paiz a Belgica é trabalhada pelo socialismo, por isso mesmo que os operarios representam uma elevada porcentagem da sua população. Os acontecimentos de Abril ultimo puzeram em evidencia a extensão da influencia que pode ser exercida por essa classe. O parlamento tinha recusado resolutamente e imprudentemente todas as medidas propostas no sentido de instituir o suffragio universal ou mesmo de ampliar a esphera da capacidade eleitoral ; entretanto, após um movimento popular, os legisladores retrocederam e acceitaram uma proposta que, em substancia, é a consagração definitiva do suffragio universal. Este triumpho adverte que no futuro nem um partido poderá governar isento da influencia socialista, por-

que o suffragio universal dará consideraveis vantagens eleitoraes á classe operaria.

Por outro lado, o accordo que se estabeleceu na votação final desta reforma poderia ter sido a ponte para uma reconciliação entre os liberaes e os catholicos, se entre elles não existisse a formidavel barreira da questão escolar. Como quer que seja, o germen da divisão, a causa permanente da fraqueza e segregação dos grupos parlamentares ahí está no socialismo que domina com a sua influencia todas as questões da politica belga. E' o declinio do parlamentarismo.

A respeito da França tive occasião de externar desenvolvidamente as minhas impressões. Vejo confirmado tudo quanto disse. Após o ministerio Loubet, que na phrase de J. Ferry, em conversa intima, cahiu diante de um cadaver (allusão ao suicidio do Barão de Reynack), formaram-se dois gabinetes sob a presidencia do Sr. Ribot e o actual, presidido pelo Sr. Dupuy: e

isto no curto periodo de cinco mezes. Todos recordam-se bem das apprehensões, receios e sobresaltos produzidos pela crise gravissima em que se achou a França nessa phase, aberta e alimentada pelo parlamentarismo. Vi em Paris a circulação dos *boatos alarmantes* que eu julgava ser uma *instituição* peculiar á nossa terra.

Para se conhecer bem a acção destruidora do parlamentarismo, basta ver que no periodo que decorre da presidencia de Mac-Mahon (Maio de 1873) para cá, a França tem tido 28 ministerios, o que estabelece a media de cerca de 9 mezes de existencia para cada um. No governo de gabinete isto significa que tal tem sido a media da duração da politica, do pensamento governamental que em continuas e bruscas alternativas tem presidido os destinos da Republica. No entanto a França atravessou ahi exactamente o periodo em que ella mais necessitava de estabilidade

politica para sua reconstituição. Ainda agora se diz que a instabilidade dos gabinetes tem concorrido muito para os embaraços da sua politica externa. Presume-se que sem isso muitas hesitações teriam desaparecido e a França teria adquirido solidas allianças.

Acredito que o proximo parlamento que se vai eleger em Outubro, virá expurgado de muitos elementos anarchicos; mas ainda assim não é de esperar que se possa estabelecer a unidade na direcção do elemento governamental, que em todo caso será composto das diversas nuanças republicanas. Continuará sob feição diversa, embora, a politica de concentração, isto é, da colligação dos grupos parlamentares, sujeitos aos seus diversos chefes, e por consequencia sem um chefe capaz de interpor a sua auctoridade para concentrar a direcção. Mas esta tem sido a causa das surpresas parlamentares, que destroem frequentemente os governos, tornando impossivel a permanencia de uma politica na direcção dos destinos da nação.

A propria Inglaterra, berço do parlamentarismo, apresenta neste momento symptomas que prenunciam o falseamento do systema para o fim do reinado da rainha Victoria, como já o houve no seu inicio. O *home-rule* está destinado a ser a causa de uma crise parlamentar, que talvez não possa ser resolvida senão por algum modo violento. Lord Salisbury tem annuciado, provavelmente no intuito de acalmar a irritação opposicionista, que no terreno legal opporá decidida e perseverante resistencia ao projecto do Sr. Gladstone. Ora, como resistencia legal deve ser entendida a regeição do *home-rule* pela camara dos lords, tantas vezes quantas elle for sujeito ao exame e ao voto desta camara, visto que não ha lei dispondo em contrario e estabelecendo um limite a esse direito. Mas neste caso figure-se que, votado o projecto pela camara dos communs e regeitado pela outra, e consultada a nação por meio de uma dissolução, a nova camara eleita ap-

prova ainda o projecto ; não obstante, a camara dos lords persiste em regeital-o. Nesta hypothese qual a solução ? Nova dissolução ? Mas então qual será o termo do conflicto ? Nova situação ; lord Salisbury em vez do Sr. Gladstone ? Mas, neste caso, que significação ou que valor teria o voto do parlamento em apoio da politica do Sr. Gladstone ?

O certo é que a Inglaterra acha-se em uma situação violenta, quasi revolucionaria. E' bem significativo esse desacato brutal, praticado por grande multidão, em presença do principe de Galles, contra a veneranda pessoa do Sr. Gladstone, o respeitavel octogenario que em uma vida publica de mais de sessenta annos tem posto o seu enorme talento e o seu extraordinario saber ao serviço da patria.

Já se disse que, se a Irlanda tem direito ao *home-rule*, a Escossia e o paiz de Galles o tem igualmente. Ainda que não houvesse o socialismo, que surge na In-

glaterra como em toda a parte, bastaria este problema para quebrar a homogeneidade de opiniões, que tem constituido a unidade na direcção da sua politica, até aqui regularmente alternada no poder pelo orgam dos dois grandes partidos. O senso pratico, a razão calma e prudente, apagnagio do povo inglez, começa a ter tambem o seu eclipse.

Uma recente biographia de Gladstone assignala que, ao mesmo tempo que desaparece a homogeneidade de opiniões e de aspirações, reconhece-se que a cohesão e a disciplina dos partidos se enfraquecem. A auctoridade dos chefes diminue e a Inglaterra caminha para frequentes mudanças de governo. Não se verão mais os longos periodos de governo, que collocavam o paiz debaixo da influencia dos whig com Walpole ou dos tory com Pitt. O governo parlamentar está, pois, destinado a tornar-se uma lugubre comedia.

E' perfeitamente justa a observação, que

não limita-se á Inglaterra, mas que generalisa-se a todos os povos. Quando todos os elementos convergem para a dissolução dos grandes partidos, que se subdividem em uma infinidade de grupos, quando a autoridade dos chefes quebra-se ante a indisciplina partidaria, quando as forças partidarias se dispersam pela ausencia de homogeneidade de opiniões, o parlamentarismo, ao mesmo tempo que produz as situações ephemeras e os governos fracos, não serve senão para annullar a soberania de um poder, sujeitando-o ao direito de dissolução, de que o outro fica armado para solver os conflictos gerados no seio do proprio parlamentarismo.

Nunca será de mais insistir sobre esta questão, a respeito da qual tem se pretendido formar uma nova escola politica no nosso paiz. Ahi o velho regimen deixou tão fundas raizes, que muitos republicanos pronunciam-se francamente pelo parlamentarismo, e outros ha que ainda

vacillam perplexos na escolha entre um e outro systema. Cumpre extirpar estas raizes e firmar de vez a supremacia do regimen estabelecido, em boa hora, pela constituição da Republica.

Uma verdade comesinha, tantas vezes proclamada e consagrada pela pratica é que é preciso que um governo seja forte para que possa ser um bom governo, pela simples razão de que uma execução fraca não agrada a ninguem, pois que não corresponde aos interesses collectivos da nação, nem tão pouco consegue satisfazer os interesses restrictos dos partidos politicos. Mas a força consiste essencialmente na promptidão e na unidade da acção governamental. Desde que, portanto, a decisão se ache vinculada ao espirito incerto, hesitante e dubio de uma maioria, que se fracciona em diversos grupos, com chefes diversos e intuitos tambem diversos, é indubitavel que desaparece toda a condição de actividade e energia na execução. Nem

mesmo se poderá contar com a uniformidade na deliberação, uma vez que esta acha-se entregue ao juizo variavel de uma multidão de interessados.

Foi por isso que o parlamentarismo pôde por muito tempo ser praticado com grandes e salutareos resultados no governo da Inglaterra, enquanto lá prevaleceu a organização dos dois grandes partidos, cada um entregue exclusivamente e autoritariamente á direcção soberana de um só chefe, com o seu estado maior, é certo, mas concentrando na sua individualidade, na sua autoridade sem contraste o espirito politico, o criterio director. O parlamento era a maioria, e a maioria era Peel ou Walpolle. Em uma situação excepcional como essa, é possível que o parlamentarismo não produza com tanta intensidade os seus máos fructos.

Mas, que esse estado dos espiritos não é senão uma excepção ephemera na vida dos povos, prova-o a propria Inglaterra

com o seu passado, todo elle accidentado pelas asperesas do governo pessoal, e com a sua actualidade, em que a autoridade dos chefes politicos está sendo rudemente contratasda pela vontade exigente das fracções parlamentares. A maioria já não é o parlamento, nem com Salisbury nem com Gladstone, o grande velho. O actual primeiro ministro da rainha Victoria já sente a necessidade de equilibrar a sua politica, no palacio de Westminster, entre os diversos grupos de que agora depende para fazer vingar as suas reformas radicaes. Quer isto dizer que o chefe politico não é mais o dictador que outr'ora guiava descricionariamente a iniciativa da maioria da camara baixa. O projecto do *home-rule*, se lhe deu o apoio dos *nacionalistas irlandezes* e dos *operarios e socialistas*, em compensação afastou do glorioso chefe liberal os *unionistas*. O socialismo tem as exigencias do seu programma e não póde senão conceder um apoio reservado e condicional.

A questão do trabalho, sobre a qual Gladstone faz largas concessões, o seu novo lema—consultar antes as massas do que as classes—que contem uma ameaça directa á constituição da camara dos lords, são pontos que abrem profundas modificações na politica interna do reino unido, fazendo desaparecer a grande força dos chefes politicos.

Não se póde mais dizer dos partidos politicos da Inglaterra, que alli todo o mundo marcha de accordo, tomando-se por guia o homem mais capaz a quem os parciaes seguem com confiança e obedecem sem discussão. A homogeneidade politica desaparece eliminada pela transacção dos grupos. O gabinete, se ainda exerce o poder eventualmente em nome do soberano já não é positivamente a delegação de um partido. Agora, já o dizem os melhores criticos da politica ingleza, os partidos vão para onde os conduz o interesse da sua causa, contrahindo allianças mais de facto

do que de razão, atirando o peso de seu voto á concha da balança, da qual podem colher melhores vantagens.

Mas, se este é o estado de indisciplina partidaria e de anarchia politica em toda a Europa, inclusive a propria Inglaterra, o tradicional modelo do systema, é evidente que muito menos praticavel elle se torna em um paiz como o nosso, onde as recentes e profundas commoções politicas tem destruido, com o regimen monarchico, as velhas organizações partidarias, e consequentemente as suas influencias directoras. E' inutil pensar agora na fundação de partidos solidos e homogeneos : é inutil igualmente procurar os chefes politicos de bastante prestigio para exercer uma direcção suprema e dictatorial, como podia ter havido outr'ora.

Não são certamente as combinações regulamentares, os artigos de estatutos, que hão de dar artificialmente destes productos que só podem ser gerados pelos pheno-

menos naturaes da politica applicada. As commissões creadas por eleição são a prova mais completa da não existencia da autoridade dos chefes.

O chefe politico não é ou não deve ser uma delegação da autoridade, pois que a autoridade que elle exerce vem de si mesmo, do seu prestigio pessoal, do valor intrinseco dos seus serviços, da supremacia incontestada da sua capacidade directora, emfim, da influencia irresistivel da sua acção politica. Ou elle é isso, ou deixa de ser o chefe politico, o guia indispensavel e poderoso de um pensamento nacional, o instrumento necessario á realisação de uma idéa, para ser apenas um cabecilha á frente de grupos, o director eventual de uma situação ephemera, o representante occasional de uma colligação de interesses, nem sempre legitimos.

Não se confunda o chefe com os caudillos politicos.

Quem não vê a differença que existe

entre a dictadura benefica de Gambetta, coordenando a acção politica para consolidar a terceira republica em França, e a caudilhagem perniciosa de Clemenceau, por exemplo, anarchisando e dispersando as forças parlamentares em detrimento da republica?

Mas, volto ao assumpto.

Quando outros motivos não actuassem, bastaria esse que ahi fica assignalado, para tornar absolutamente impraticavel no nosso paiz o parlamentarismo. Seria a confusão, a desordem, a anarchia erigida em principio de governo. Um absurdo monstruoso, uma calamidade nacional.

No ponto de vista dos principios o parlamentarismo soffre uma condemnação ainda mais formal, se isso é possível.

Os principios fundamentaes do regimen monarchico são a hereditariedade e a vitaliciedade, de onde decorre indispensavelmente a irresponsabilidade do supremo depositario do poder. Para poder converter

em realidade pratica esta ficção constitucional os fundadores da monarchia representativa engendraram o governo de gabinete, destinado a cobrir com a sua responsabilidade a pessoa sagrada do soberano.

Para que este gabinete, responsavel pelo governo da nação, tivesse a consagração do elemento popular, foi preciso fazel-o sahir do seio da representação nacional, como sua delegação. Mas isto não bastava para completar a ficção. Tendo o conselho de ministros origem no parlamento e sendo elle quem realmente governa em nome do soberano, a sua existencia deve ser regulada pelo mesmo parlamento, que assim se constitue tribunal politico para indicar á corôa, cobrindo-a por sua vez, a necessidade da permanencia ou da retirada dos ministros. E', pois, de uma ficção inherente á natureza ou á indole do regimen monarchico que origina-se o parlamentarismo.

Mas a forma republicana proscreeu as ficções. Ao contrario do que acontece na monarchia, na Republica prevalece o duplo principio da electividade e temporariedade, que torna o magistrado supremo da nação directamente, pessoalmente responsavel pelos actos do poder, de que é o unico depositario. Eleito directamente pela nação, o presidente da Republica não tem certamente necessidade de um conselho, que governe em seu nome e que responda pelas suas faltas. Assim tambem, tirando a sua existencia do suffragio popular, como o poder legislativo, não ha motivos para que elle venha pedir a este as condições de legitimidade. E' isto que faz com que na Republica presidencial a separação e independencia dos tres poderes seja uma realidade, e não uma ficção como na monarchia.

No dominio do presidencialismo não ha nenhum poder supremo, porque não ha nenhum poder subordinado. O parlamenta-

risimo porem, engendra a mutua dependencia dos dois poderes, o executivo e o legislativo. E' por isso que se diz com razão que o parlamentarismo é um planta que não póde viver senão nas estufas da monarchia.

Os ideologos do parlamentarismo, porem preconizam o systema por ser aquelle em que a opinião predomina, amparada pela soberania do parlamento. Para elles, fóra do parlamentarismo não existe senão o despotismo.

Esquecem certamente que foi sob o regimen parlamentar que Luiz Napoleão deu o golpe de Estado destruindo a republica e fazendo-se acclamar imperador dos francezes ; que foi sob o regimen parlamentar que Mac-Mahon vibrou o golpe de estado de 16 de Maio contra a republica, que teria succumbido de novo se não tivesse sido amparada pelo genio e pela prodigiosa energia de Gambetta ; que na Hespanha foi o parlamento que matou a republica, *estrangulando-a e fazendo perecer*

sem agonia, sem um gemido, sem um soluço, sem um protesto no palacio da Representação Nacional; que finalmente é á sombra dos impudentes sophismas do parlamentarismo que em toda parte e em todos os tempos se tem perpetrado os maiores attentados contra a liberdade.

Destruir o parlamentarismo é, pelo menos, deixar a descoberto o despotismo. Já é um bom serviço á causa da liberdade.

Ou a autocracia da Russia, ou o regimen presidencial : aquelle para as monarchias, se o quizerem ; este para a Republica. (1)

(1) *Le Temps* de Paris, em um interessante editorial de 28 de maio de 1894, assignala que as crises parciais que embaraçam tantos governos europeos no momento actual têm um caracter geral, pois que tudo resulta da crise que affecta o proprio regimen parlamentar. Para corroborar-o cita a espi-rituosa phrase de lord Rosebery, o actual primeiro ministro da Inglaterra, que disse que a causa que embaraça o seu ministerio

é ter um programma muito grande e uma maioria muito pequena.

Acrescenta *Le Temps*, apreciando a situação do governo inglez :

« De um lado, o funcionamento regular do regimen parlamentar implica a manutenção do governo de *partido*, de governo de gabinete propriamente dito, e de outro lado, o fraccionamento dos partidos historicos em pequenos grupos distinctos torna cada vez mais difficil a pratica deste systema.

« O governo esgotta-se para manter a cohesão, a unidade ao menos apparente do partido liberal, mas vê-se obrigado a multiplicar as satisfações ás pequenas fracções, que não hesitariam em desertar no dia em que as suas exigencias deixassem de ser attendidas. Dahi esse programma que cresce incessantemente, isto é, esta missão dia a dia mais formidavel á medida que diminuem as forças proprias do partido encarregado de executal-o.

« E' o parlamentarismo amoldado a usos para os quaes não foi feito, violentamente posto ao serviço de uma politica de egoismo, de interesses de campanario e de preconceitos de grupos. Outr'ora um grande principio commum animava o partido inteiro

e o conduzia como um só homem á conquista de uma só grande reforma. Hoje é preciso condescendentemente dosar o programma, fazer misturas, interessar, não convicções communs, mas ambições diversas, para realisar uma apparencia de unidade.»

Faço esta transcripção tanto mais satisfeito quanto ali vejo, um anno depois da publicação de minha carta, consagradas pelo grande organ parisiense as opiniões que emitti.

O mesmo organ parisiense, na edição de 30 de Julho de 1894, depois de severas considerações condemnando e lamentando a esterilidade com que encerrara-se a primeira sessão da actual legislatura em França, toda ella gasta em vãs discussões, acrescenta o seguinte :

« Só uma cousa não fez falta do primeiro ao ultimo dia da sessão — as interpe-lações. Foi um fogo batido que, salvo durante as férias de pascoas, não deixou respirar um instante nem o ministerio, nem a camara, nem o publico. Emfundo póde-se dizer que todas as discussões não constituíram senão o desenvolvimento de uma

interpellação continua. A maioria socialista fez-nos recordar esse prégador de que falla Boileau, que variava algumas vezes de texto mas nunca de sermão. De certo o direito de interpellação deve ser respeitado, mas como todos os direitos, como todas as cousas boas elle pôde-se tornar intoleravel pelo abuso. De todas as rodas da machina é esta a unica que funciona. Ora, o parlamentarismo redusido só ao jogo das interpellações não é senão a instituição das mais solennes e das mais vãs disputas. Não serve para preencher a missão de um governo serio, efficaz, nem sobretudo para responder ás aspirações e ás necessidades de um grande paiz.

« Que quereis que faça uma camara, qualquer que seja a sua boa vontade, por mais elevado que seja o seu nivel intellectual, desde que um deputado pôde a toda hora, cada dia, interromper a ordem e o seguimento dos trabalhos pondo de improviso uma questão subtil ou tempestuosa e que um outro deputado, complice do primeiro, vem transformal-a em interpellação para prolongar a festa e tornar assim geral a confusão? Qual o meio, debaixo da acção destas tempestades perpetuas que exaltam os espiritos e desencadeiam todas as paixões, de deliberar utilmente, com a

meditação e a competencia indispensaveis sobre os grandes negocios do paiz ou sobre uma reforma que exige estudo, uma certa liberdade de julgamento, uma paciencia attenta e sangue frio? O temperamento das assembléas gasta-se como o dos individuos. O homem que contrahe o habito de se excitar em palestras de café e de gastar o seu tempo em continuas distracções torna-se pouco a pouco incapaz de um trabalho sério.»

Mas qual o remedio para semelhante mal, tão vigorosamente assignalado pelo grande organ da imprensa parisiense, no regimen parlamentar? Cercear ou eliminar o direito de interpegação importa destruir o proprio regimen.

Se o exercicio desse direito mata a acção legislativa, é todavia protegido por elle que vive o parlamentarismo.

Não póde ser mais formal, portanto, a condemnação do systema.

DECIMA CARTA

Lucerna—7—Agosto—1893

(A LUIZ PIZA)

Dois mezes na Suissa—O lago dos quatro cantões e suas tradições historicas—A legenda de Guilherme Tell—As instituições e costumes politicos da Suissa confrontados com os da America do Norte—Composição do executivo—Governo barato e sem luxo—A simplicidade suissa illudindo a sagacidade de Bismarck — Uma sessão do Conselho Nacional —Visita ao presidente deste conselho na sua casa de campo—Como se discute no corpo legislativo—Ausencia de governistas e opposicionistas — Tres partidos politicos e o da minoria é quem governa — Nada de politicos profissionaes — A questão de unidade no direito, nas finanças e na administração militar—A emigração—Uma injustiça do governo brasileiro.

Temos estado na Suissa ha mais de dois mezes, e a temos percorrido sufficiente-

mente para conhecermos os mais bellos panoramas que apresenta o seu excepcional aspecto physico, assim como as suas mais importantes cidades, entre as quaes clasifico Genebra, de typo francez, Louzana, a séde da justiça federal, Berne, a capital da confederação, Zurich, notavel pela industria e pelos seus estabelecimentos modelos de instrucção em todos os grãos, Chaffhouse, para onde affluem enormes massas de estrangeiros desejosos de contemplarem o magnifico e grandioso espectáculo da quéda do Rheno, e finalmente, Lucerna, banhada pelo famoso lago dos quatro cantões e uma das mais bellas e frequentadas estações de verão na Europa. Aqui vamos passar ainda alguns dias, e logo reentraremos em Paris.

Como se vê, estou precisamente no lugar em que teve origem a republica helvetica. Foi nas margens deste lago, no pequeno plano de Rutli, debaixo da montanha de Sulisberg, cantão de Uri, que se reuniram

os tres chefes e seus trinta companheiros e juraram libertar o solo suiso, estatuinto-se o audacioso pacto, que consagrou a formula energica — «um por todos e todos por um».

Em um passeio que fiz sobre o lago vi o sitio historico, onde os suissos fizeram gravar sobre o rochedo uma inscrição em homenagem á memoria de Schiller, o auctor da tragedia—Guilherme Tell—personagem, cuja existencia real é posta em duvida, até mesmo entre os proprios suissos. Em um livro escripto o anno passado para commemorar officialmente o sexto centenario da «primeira alliança perpetua de 1º de Agosto de 1291», vejo a proposito dessa duvida a seguinte passagem :

« A plastica figura de Guilherme Tell, cercado de uma tão tenaz admiração pelos habitantes dos cantões primitivos, nada absolutamente apresenta de inverosimil ; vê-se-o muito naturalmente vivendo entre os

camponios de Uri, caçador ousado e popular, entusiasta da liberdade e formando um traço de união entre os chefes secretos da liga, homens notáveis que não podiam deixar de se impor uma certa reserva, e as massas populares; um tal personagem podia facilmente tornar se um typo e attrahir sobre si os olhares fixos de seus compatriotas.»

«Não entro na contenda, mas direi sempre que vi na sala do conselho legislativo de Zurich um grande e bonito quadro representando os tres conjurados de Rutli no momento do memoravel juramento, o que exclue, certamente, a legenda de Guilherme Tell.

Deixo, porem, de parte esta questão para contar o que tenho observado e as impressões da minha visita neste pequeno recanto da Europa, onde a democracia abrigou-se e fez domicilio ha seis seculos.

Quando se examinam e se confrontam as

instituições dos dois povos, a Suíça e os Estados Unidos d'America do Norte, não se sabe bem, á primeira vista, qual dos dois foi que offereceu o primeiro modelo desta organização, que hoje é reconhecidamente o typo mais perfeito do regimen republicano. Quanto a mim, tenho chegado á esta conclusão: os dois tem-se copiado reciprocamente, em epochas diversas.

Na época da sua independencia, constituida a nação, os fundadores da republica americana tiveram diante dos olhos a antiga Confederação Helvetica, com os seus primitivos pactos de alliança, em cujas clausulas já se encontravam os primeiros fundamentos disto que é hoje o direito publico das democracias modernas. Por sua vez, a Suíça deliberou sob a immediata influencia do espirito do actual organismo institucional da republica americana, quando em 1848 adoptou a primeira constituição que, de Estados confederados

que era, a transformou em um Estado federativo.

E' evidente que existem profundos traços de differença entre as instituições dos dois paizes ; basta considerar o modo como se acha constituído o poder executivo aqui e lá. Todavia, o regimen federativo é o mesmo entre os dois, com todos os seus caracteristicos e bases fundamentaes.

Esses pontos de dissimelhanças nas instituições são a causa, senão o effeito de uma grande diversidade nos seus costumes e nas suas tendencias politicas. Como é sabido, na America do Norte o espirito de partido manifesta-se com grande intensidade em todas as espheras da vida nacional, sobretudo nas épochas da eleição presidencial, que ordinariamente assignalam-se pela mais profunda e prolongada agitação. Na republica helvetica, ao contrario, a composição do poder executivo opera-se triennialmente, por eleição da Assembléa Nacional (a reunião das duas ca-

maras) no meio de uma calma perfeita e com a mais completa ausencia de espirito partidario. E' um facto quasi ignorado da nação.

Conversando não ha muitos dias com o intelligente medico que dirige um importante estabelecimento em Ragatz (Cantão de Saint Gall), disse-me elle que a maior parte do povo suiso ignora quem seja o presidente da Confederação.

Não lhe parece que deve ser bem feliz o povo que tem chegado a este gráu de simplicidade na sua vida politica?

Este facto, que á primeira vista parecerá estranho, tem entretanto natural explicação na indole das proprias instituições. Como é sabido, o poder executivo não se deposita nas mãos de um só homem, mas em uma collectividade, sob a denominação de Conselho Federal. Este Conselho compõe-se de sete membros, que elegerá dentre si o presidente da Confederação, o qual, alem dessa qualidade tem, como os outros mem-

bros, a seu cargo um departamento politico, ou uma pasta, segundo a nossa linguagem. Como presidente elle só serve por um anno e não é reelegivel. Acabando o seu tempo, elle continua o resto do triennio como simples secretario de estado. As deliberações são tomadas em commum, e as funcções de presidente quasi que reduzem-se ás de mero expediente.

Na eleição do Conselho a assembléa nacional nunca faz politica: são eleitos os mais aptos e a reeleição, que é facultada, quasi que perpetua os seus membros no governo. Actualmente o governo está nas mãos dos liberaes (o centro), que entretanto representam o menor grupo na assembléa. Isto prova que o interesse partidario é posto a margem. Os ministros percebem um ordenado annual de 12,000 francos e o presidente da Confederação, em razão do seu alto posto, percebe 13,500 francos por anno, quer dizer menos de seis contos da nossa moeda ao par.

Ahi está, em plena realidade, o bello ideal do governo barato. Nada de carruagens, nada de luxo, nem de grandeza, nem de aparato. E' uma reunião de homens de costumes puros e singellos, consagrando com a mais invejavel abnegação os seus serviços á patria. Todos sahem do governo como tinham para lá entrado: sem riqueza e sem fausto. Não ha muitos mezes um jornalista francez disse, talvez fazendo espirito, que já tinha visto o presidente da Suissa de chapéo baixo e jogando a bola. Isto na França seria um grosso escandalo; o Sr. Carnot vai á caça de casaca; mas na Suissa, o facto, se não é verdadeiro, é absolutamente verosimil. Os suissos fazem consistir toda a sua força moral na austera singeleza dos seus habitos e na modestia das suas acções. A incorruptibilidade dos seus homens publicos guarda em todas as esphas o prestigio da auctoridade. Por mais que tenha indagado não encontrei quem me desse noticia de algum

grosso escandalo na alta administração. Não ha disso memoria.

Assevera-se hoje, segundo revelações recentes, que ao terminar-se a guerra franco-allema, Birmark pretendeu aquinhoar a Suissa com um pedaço do territorio francez nas suas fronteiras ; mas o governo recusou formalmente a offerta, descobrindo atravez da generosidade allemã os perigos de uma solidariedade politica com a guerreira nação. A sagacidade que faltou á Austria e á Italia, enredadas na politica allemã, teve a Suissa, graças ao bom senso dos seus homens de estado, mesmo de chapéo baixo.

Em Berne assisti a uma sessão do Conselho Nacional (camara dos deputados) e do Conselho dos Estados (senado).

Na camara para poder ver e ouvir melhor, deixei de ir ás tribunas para collocar-me no recinto, como é facultado aos assistentes. Um empregado tomou o meu cartão e levou-o ao presidente, que imme-

diatamente deixou a cadeira para dirigir-se a mim com atenções e gentilezas que muito me desvaneceram.

O seu primeiro cuidado foi enviar-me a ordem do dia para que eu pudesse conhecer a materia em discussão.

O actual presidente da camara suissa é o Sr. Forrer, notavel advogado em Wintherthur, do cantão de Zurich, homem robusto, de physionomia sympathica, attractante, maneiras francas e affaveis, conversação erudita, mas despreoccupada, quasi sempre familiar.

Após este primeiro encontro, cedendo ás suas delicadas insistencias, fiz-lhe uma visita na sua habitação de campo, na bella aldeia de Vaettis, a tres leguas de Ragatz, onde eu me achava e onde permaneci durante um mez para fazer uso das aguas, hoje universalmente conhecidas. Fui recebido com a benevola sem-cerimonia de um velho conhecido. Achei-me desde logo no seio da familia e senti-me bem, respi-

rando o purissimo ambiente moral daquelle lar tão modesto, em encantadora harmonia com a attitudo singella e benevolente dos seus felizes habitantes. Apresentando-me á sua respeitavel esposa e ás suas filhas, disse-me elle q̄ue tinha tambem um filho de dez annos, que não estava em casa, porque aproveitava a estação campestre para passar os dias em excursões pelas montanhas, entre as quaes conta-se uma parte da cadêa dos Alpes, perto da aldêa. Perguntei-lhe, um tanto sorprendido, se não achava arriscados esses exercicios para uma criança.

— Não, disse elle ; é necessario habituar as crianças a vencerem os obstaculos da natureza para dar-lhes virilidade de animo e energia de character.

Recebi a lição e não repliquei, porque era de mestre.

No dia seguinte o Sr. Forrer, de passagem para Zurich, pagou-me a visita em Ragatz, levando consigo este filho e a sua

filha mais moça, de quatorze annos. Despedindo-se, elle tomou o trem para Zurich e as duas crianças regressaram, sós e a pé, para a sua residencia de Vaettis,—uma pequena viagem de tres legoas.

Como disse, assisti em Berne á sessão das duas casas da assembléa nacional. Quando entrei na camara fallava um deputado da Suissa-allema, e fallava na sua lingua materna: respondeu-lhe outro em francez. Tive desejos de ouvir um orador da Suissa italiana, pois que assim teria ouvido, na mesma discussão, as tres linguas constitucionaes; mas nem um deputado desta região empenhou-se no debate, aliás interessante, visto que versava sobre o sello de jornaes, questão que affecta a liberdade da circulação.

Ahi está como, fallando cada um a sua lingua, afinal todos se entendem e não raro melhor do que em alguns paizes, onde falla-se um só idioma e, sem embargo, todo o mundo acha-se em plena Babel,

principalmente no que concerne á politica e á administração. De resto, na Suissa seria difficil encontrar um homem de certa posição social que não conheça regularmente as tres linguas officiaes. Não obstante, quando o Sr. Forrer, da Suissa-allema, occupava a presidencia, as suas deliberações eram repetidas em francez por um interprete, que conserva-se em uma pequena mesa á esquerda do presidente; ao passo que, quando o vice presidente, que é da Suissa-franceza, occupava a cadeira, não havia interprete. Entende-se assim que é possivel haver deputado que não conheça o allemão; mas haver quem não saiba o francez é cousa inconcebivel na republica helvetica.

As discussões ahi são de uma calma e de uma serenidade sem igual em qualquer parlamento do mundo. O orador poderá ás vezes, raramente, alterar a voz, mas nunca soffrerá a mais ligeira interrupção. Não ha apartes, a eterna origem dos tumultos parlamentares, nem mesmo os *apoiados* e

muito bem, que punctuam os discursos. O auditorio é absolutamente silencioso, mas attento. Informou-me o Sr. Forrer que, ás vezes, na discussão de assumptos de excepcional gravidade, quando o orador consegue agitar o espirito da assembléa, os deputados se permitem dizer a meia voz — *bravo*—: mas sómente isto, e continua o respeitoso silencio.

Feliz gente, que por um processo tão simples matou a rethorica parlamentar com todas as suas insipidas, mas pretenciosas banalidades.

O corpo legislativo não se occupa senão de exercer as suas funcções constitucionaes strictamente na esphera da sua competencia. Não se conhece alli a necessidade dos grupos governistas e opposicionistas. As relações entre os dois poderes são de uma cordialidade e de uma placidez que nunca se interrompem, porque mantêm-se isentos dos choques e dos accidentes gerados pelas exigencias da politica ambi-

ciosa, intolerante e violenta dos partidos. Póde-se dizer que não ha politica, tomada ella na accepção stricta dos interesses partidarios. Todavia póde haver e realmente ha casos de divergencias entre o Conselho Nacional e o Conselho Federal em assumptos de governo ; ellas porém se resolvem pacificamente, sem asperezas, porque não entra ahí a minima parcella desse espirito partidario, que não raro suffoca até os proprios estimulos do patriotismo. Cada um executa o melhor que póde a sua parte no dever commum, e o poder vencido inclina-se suavemente á opinião vencedora.

Tentar derrubar um governo ou ministro, ou mesmo procurar enfraquecel-o na opinião, é cousa que nunca se vio neste paiz. Nem isso seria possivel ante o seu organismo constitucional.

Como já disse, o conselho federal compõe-se de sete membros ou ministros, eleitos por tres annos pela Assembléa Nacional (reunião das duas camaras); e, emquanto

não se vence este prazo, não ha poder capaz de destituir um ministro, nem tão pouco o conselho.

E' evidente, portanto, que as tentativas da rhetorica parlamentar seriam absolutamente impotentes para crearem isso que na linguagem do parlamentarismo se chama crise ministerial.

Existem, todavia, tres partidos politicos e todos elles acham-se representados na Assembléa Nacional: a direita, ou ultramontanos, o centro ou liberaes, e a esquerda ou radicaes.

Uma singularidade: os ultramontanos conservadores querem a manutenção do actual regimen, tal como se acha, com a sua larga descentralisação, conferindo as mais amplas prerogativas aos cantões soberanos.

Os liberaes, porém, e os radicaes têm tendencias centralisadoras e pretendem devolver ao poder federal, em prejuizo da administração cantonal, a direcção exclusiva

de certos serviços. Neste particular o programma politico da esquerda confunde-se com o do centro.

A questão que sobretudo assignala a distincção entre os radicaes e os outros partidos é a que refere-se ás escolas primarias.

Aqui como em toda parte, os ultramontanos pretendem o predominio da igreja na escola. Os radicaes, ao contrario, pedem a exclusão de todas as congregações religiosas da direcção das escolas, e pedem tambem que a instrucção religiosa seja retirada do programma das escolas publicas e reservada ao ensino particular. O centro accete a solução do meio termo : sem a supremacia da igreja, elle não recusa, entretanto, uma instrucção christã á mocidade escolar, preferindo em todo o caso deixar a cada cantão a sua autoridade soberana na escola.

Aparte esta questão, o centro e a esquerda confraternizam contra a direita.

A camara compõe-se de 145 membros, dos quaes 35 pertencem á direita, 14 ao centro e 96 á esquerda. O centro é, portanto, representado por uma pequena minoria ; e, no entanto, é a elle que cabe a presidencia da camara, na pessoa do Sr. Forrer, assim como cabe-lhe a maioria dos membros do executivo, cuja eleição pertence á assembléa.

Vê-se bem que os interesses partidarios estão completamente affastados do espirito dos legisladores.

Suprema bemaventurança ! Que invejavel contraste com os paizes em que tudo se sacrifica em barbaro holocausto á intolerancia, á intransigencia, aos calculos e aos odios das seitas politicas.

Os suissos tambem fazem politica, mas fazem-na no elevado plano dos principios. O que não ha aqui são os politicos de profissão.

Os liberaes e os radicaes são reformadores. Mantendo o regimen federativo,

elles propõem, entretanto, a centralisação de certos serviços ; mas querem realizar os seus intuitos esperando pacientemente a evolução da opinião, que, elles o sabem, é a grande soberana, ante a qual inclinam-se todos os poderes da nação, toda a vez que ella se concretisa pelo *referendum*, que é a manifestação a mais positiva do suffragio popular.

Os partidos contêm a sua soffreguidão, não só em virtude do seu natural temperamento, mas tambem porque sabem que uma lei votada contra a maioria real da nação, será no dia seguinte cassada pelo voto do *referendum*.

Mas, o que querem centralisar os dois partidos reformadores? Elles querem a unidade da legislação, a unidade da emissão bancaria e a unidade da administração militar.

A aspiração de um direito nacional encontra muitos adeptos: o proprio governo já se tem manifestado por ella em actos

que significam um principio de execução. Já existe um projecto de codigo unificando o direito penal, e no anno passado o conselho federal encarregou o eminente jurisconsulto suiso, o Sr. Huber, de elaborar o projecto do «codigo civil suiso». Mas, antes de submeter estes projectos ao exame do corpo legislativo, será necessario fazer adoptar uma reforma constitucional, conferindo á confederação o direito de legislar em materia penal e civil, direito que até hoje tem pertencido exclusivamente aos cantões.

Será facil essa empreza? Quererão os cantões renunciar a uma prerogativa tão importante e em cuja posse se acham ha seis seculos de existencia nacional? Formulando estas questões ao illustre presidente da camara suissa, respondeu-me elle com a sua calma habitual.

— Não sei quando isto se fará ; mas sei que ha de se fazer um dia. A unificação do direito penal, acrescentou, é obra para

cinco annos ; a do direito civil será para quinze ou vinte annos.

Estas palavras caracterizam bem a indole paciente e tolerante dos reformadores suissos. Elles comprehendem que as grandes reformas soffrem uma elaboração lenta e custosa, e por isso abstem-se de precipital-as. Com admiravel senso pratico contam longos periodos de gestação e esperam prudentemente a evolução.

Existe entretanto, um precedente que autorisa a crer que não será facil a obra da organização de um direito federal suisso. A constituição de 1874 abolio no artigo 65 a pena de morte, ampliando assim em detrimento da autonomia cantonal, o artigo 54 da constituição de 1848, que abolia esta pena sómente para os crimes politicos. Pois bem, os cantões reagiram em prol de suas prerogativas, e em 18 de Maio de 1879 foi votado por 200.026 cidadãos contra 180.810 o restabelecimento da disposição constitucional de 1848 per-

mittindo aos cantões restabelecer a pena de morte para os delictos communs. O resultado foi que muitos cantões usaram desta faculdade para fazer figurar de novo a pena de morte na sua legislação, mas nem um delles tem feito executal-a até hoje, mesmo para os crimes mais graves. Foi pois, não a satisfação dada á uma necessidade moral, mas uma simples satisfação de amor proprio pela soberania cantonal.

Identica manifestação produzio-se em Outubro de 1880 com relação á emissão. Tratava-se da revisão do artigo 39 da constituição sobre os bilhetes de banco, no sentido da criação de um monopolio federal; mas a tentativa cahiu, repellida pelo voto popular. Todavia, é força reconhecer que nesta questão as tendencias centralistas têm feito caminho e acredita-se que não está longe a época de uma reforma salutar. Os proprios cantões dão auspicioso signal.

Vigora na Suissa com desusada ampli-

tude, o regimen da pluralidade bancaria. A 31 de Dezembro de 1891 existiam 36 bancos de emissão, com um capital realisado de 142,600,000 francos e uma emissão efectiva de 188,201,200 francos. Segundo a lei regulamentar 40 % das emissões devem ser cobertas por um deposito metalico, e os 60 % restantes por depositos de titulos, letras e garantias do respectivo governo central.

Não obstante, os bilhetes suissos são sempre bem cotados, quasi ao par. Concorre para esse resultado, alem da garantia em prol da emissão, uma administração absolutamente correcta sob a vigilante e efficaz fiscalisação do poder publico.

Entretanto, todos vêm neste regimen os perigos de graves difficuldades, dada uma situação anormal, como a hypothese de uma guerra externa ou de uma crise interna, affectando o commercio, a industria etc. E' por isso que a preliminar da concentração da emissão, se não está re-

solvida, caminha rapidamente para uma solução. O que principalmente discute-se agora é se o monopólio dos bilhetes deverá ser conferido a um banco do Estado, puro, ou a um banco particular.

O Conselho federal estuda esta questão com a habitual prudencia. No intuito de apresentar um projecto de accordo com a opinião mais geral, o departamento das finanças procede a um rigoroso inquerito. Ahí está como aqui procede o poder publico toda a vez que elle se acha em presença de um problema. Nada se resolve com precipitação, nem a golpes de decretos que, quando nada, oflendem os melindres da legalidade: ao contrario, abre-se inquerito para se conhecer o estado do opinião. Depois disso, em vez de se violar a lei, faz-se a lei, legitimada pelo real consenso da maioria, capaz portanto de armar a acção da autoridade de prestigio e respeito. Por este processo a reforma, em vez de crear o alarma, funda uma esperança.

Quanto á necessidade da unificação da administração militar, parece que os competentes acham-se de accordo.

O exercito suiso tem uma organização especial, e com razão se diz que elle é composto de soldados cidadãos. E' como cidadão que o suiso prepara-se nas escolas e nas sociedades de tiro para o serviço da patria ; como cidadão, em vez da vida de caserna, elle conserva-se no lar, prompto para entrar nas fileiras, armado, municiado e disciplinado, á primeira voz. O serviço é obrigatorio, o que quer dizer que todo o cidadão valido, na idade legal é soldado. Mas, cada um conserva em sua casa o equipamento, a espingarda etc., só é obrigado a apresentar-se nas occasões de serviço, durante os dez annos que lhe cabe prestal-o no exercicio activo. Mas, e isto é que é mais digno de nota, durante esses 10 annos elle apenas serve 125 dias, sendo no 1º anno (recruta) 45 dias, e no 3º, 4º, 6º, 8º e 10º, 16 em cada

um. Deste modo, sem os inconvenientes de um exercito permanente, sem pesados encargos para o thesouro, a Suissa possui um exercito effectivo de 131.424 homens, além da 1.^a reserva igualmente apta para o serviço de 81.485 homens. Com esta organização a Suissa pôde em 15 dias pôr nas fronteiras 150.000 homens ou 300 000 em menos de um mez. E' muito, quando se considera que a sua população não excede de 2.933,334 almas.

Nem se pense que por causa deste regimen faltam ao soldado suizo a instrucção e a disciplina. Alem das escolas, ha as multiplas sociedades de tiro, que se espalham pelos cantões e pelas communas, e servem para fazer dos soldados suissos atiradores de primeira ordem. Aos domingos e dias de guarda, diz um observador insuspeito, vêm-se os militares de todos os grãos, desde o recruta até o major commandante, se reunirem no *tiro* da communa e passarem alegremente as tardes a aperfeiçoarem a sua pontaria.

Com uma tal organização tem-se o exercito sem o militarismo. O thesouro fica desaffrontado para poder cuidar de serviços de outra ordem a bem da prosperidade interna da nação.

Mas, a acção administrativa do poder federal sobre o exercito é muito fraca, por que é a muitos respeitos interceptada pela soberania cantonal. A competencia federal quasi que se limita aos actos de organização ; a execução pertence aos cantões, aos quaes compete tambem a nomeação dos officiaes até o gráo de commandante do batalhão. E' por isso que o poder executivo de todos os cantões tem o seu departamento da guerra.

Desde 1848 começaram a apparecer as tendencias centralistas que, entretanto, não poderam prevalecer na constituição daquelle anno ; mas os constituintes de 1874 já ampliaram a competencia federal. Agora agita-se a opinião no sentido de uma completa unificação da administração

militar. Os cantões não armam resistência.

Mas, não se póde fallar no soldado suíço sem lembrar a epocha, já agora muitissimo remota, em que as potencias estrangeiras aqui engajavam os seus batalhões de mercenarios. Os suíços despenderam assim o valor e a energia que postos ao serviço da patria, a teria feito uma das mais poderosas nações do continente.

Como uma reliquia dessa epocha existe ainda hoje a guarda suíça do Vaticano : porém ella não é hoje o que foi na antiguidade. Essa guarda foi composta em 1505, exclusivamente de suíços dos cantões primitivos «para velar sobre a pessoa e palacio do papa». Considerava-se uma grande distincção o fazer parte della e dizia-se então que, sendo a guarda do vigário de Christo a maior honra terrestre, devia ella ser confiada só aos dilectos filhos de Zurich.

Mas, os soldados que ha pouco eu vi

montando guarda no Vaticano, com a sua farda de amarello vivo, não são mais os enviados da flor da sociedade suissa.

Muito teria ainda a dizer sobre os costumes e as intuições deste povo maravilhoso; mas já alonguei-me muito, e não desejo terminar sem occupar-me de um assumpto que interessa particularmente ao Estado de S. Paulo.

Em relação a emigração, na Suissa procede-se bem diversamente da quasi totalidade dos paizes europeus. Aqui o poder publico não oppõe o menor embaraço á emigração; cada cidadão tem o direito de procurar, onde lhe pareça vantajoso, uma nova patria. O que faz a autoridade e o faz com zelo e solitudine, é pôr ao alcance dos seus compatriotas todas as informações que possam habilital-os a uma acertada escolha do ponto de destino e á melhor collocação ás suas aptidões. Para isso existem agencias, que sob seguras garantias são autorizadas a fazerem o que em

linguagem official elles chamam operações de emigração. Sobem a 9 as agencias e a 171 as sub-agencias: é de 854,530 francos a somma por ellas depositada a titulo de caução.

E' por intermedio destas agencias que os emigrantes obtêm as passagens de estrada de ferro e marítimas, e é por intermedio dellas tambem que elles fazem o transporte do dinheiro para os pontos de destino,

No anno passado emigraram da Suissa 7.835 pessoas, conduzindo 719.472 francos. Destes emigrantes 7.340 dirigiram-se para os Estados-Unidos, levando 714.841 francos: das outras, 438 tomaram destino para a America do Sul e o resto para a America central. Foi insignificantissimo o quinhão que coube ao Brazil.

Esta corrente emigratoria tende a augmentar-se, sendo para notar-se que essa tendencia se accentua mais que tudo nos campos, na classe dos agricultores, que desejam applicar a energia dos seus braços

na exploração de um solo mais fértil e mais remunerador. Nestas condições parece que não seria difícil encaminhar para o Brazil, engrossando-a, a corrente que até agora tem-se dirigido de preferencia para a America do Norte. Favorece-nos no momento a attitude do governo da União Americana, que já não solicita, mas ao contrario cogita de reprimir a immigração. Esta attitude, já o disse e repito, prende-se á questão social que no momento actual agita profundamente a Europa e começa a preoccupar o governo da União, onde milhares de operarios chegam a ficar sem trabalho. E' a crise do salario que se avizinha. E' preciso que pela nossa parte saibamos tirar o melhor partido da situação.

Li em documento official que as crises politicas e economicas e suas consequencias têm contribuido para affastar da America do Sul a emigração suissa. Ahi está comprehendido o Brazil. Ora, todos nós sa-

bemos que não seria difficil demonstrar que taes crises não affectam de modo algum as nossas regiões agricolas, principalmente no que concerne aos trabalhadores, porque o trabalho nunca se interrompe nessas regiões sempre calmas e pacificas, e porque a alta de salario neutralisa os effeitos possiveis das crises economicas.

Infelizmente, porém, anda muita inepecia na conducta do governo federal a este respeito, e eu não conheço questão que sobrepuje esta em importancia. Em um paiz como o nosso, tão vasto e tão despovoado, tão rico e tão inexplorado, introduzir braços vale o mesmo que importar o proprio ouro.

Um facto recente comprova, infelizmente a minha asserção. O governo acaba de remover para o Chile o Dr. Pedro de Castro Pereira Sodré, nosso consul geral na Suissa e que, nessa qualidade, começava a prestar importantes serviços ao nosso paiz.

No mez de Julho ultimo elle publicou

em francez uma interessante brochura, a que deu larga circulação, na qual refutou com clareza, apoiado em abundantes argumentos positivos, uma somma de inverdades que tinham sido perfilhadas por um jornal suíço, em detrimento dos nossos créditos. Nesse trabalho, que honra o seu patriotismo e attesta a sua alta competencia, o Dr. Sodré procurou apresentar o nosso paiz, aos olhos dos estrangeiros, tal qual é, com os vastos recursos e com a opulencia da sua inexgotavel natureza. Logo após e prevalecendo-se dos falsos telegrammas relativos á revolução riograndense, o mesmo jornal aggreo violentamente o governo federal, e o Dr. Sodré apressou-se a dar cabal refutação, que foi reproduzida edictorialmente em todos os órgãos importantes da imprensa suíça. Cessaram as aggressões. Foi certamente esse um bello triumpho alcançado não só pelo elevado espirito, como pelas sympathias e pelas relações que o nosso digno representante

soube adquirir na sociedade suissa e no seu mundo official. Outros serviços ia elle prestar, quando vejo pelos jornaes do Rio que elle foi removido para o Chile.

Porque e para que? Que razão de ordem publica aconselhou essa medida? Não sei, e creio que não será difficil dizel-o. Mas este modo de proceder, que aliás revela uma falta de comprehensão das cousas do paiz, não serve senão para desorganisar o serviço e enfraquecer, desprestigiar a acção dos nossos representantes no estrangeiro.

E depois venham fallar na tal propaganda de diffamação no estrangeiro.

Não quero dizer mais.

DECIMA PRIMEIRA CARTA

Paris—22—Setembro—1893

(A JORGE MIRANDA)

Regresso a Paris—Situação politica da França anterior á eleição de 20 de Agosto—Preliminares do pleito—Abaixo a concentração !—Attitude dos candidatos—A agitação eleitoral e os programmas dos candidatos—O livro de Yves Guyot—A sala do voto e o processo eleitoral—A honestidade da urna—Resultados da eleição—Energia politica—No Brasil teve essa energia o partido republicano historico—A revolta—Ultima carta.

Estamos de novo installados nesta formosa e agitada capital. Quando, após uma excursão como a que acabámos de fazer durante cerca de tres mezes, regressa-se a Paris, experimenta-se a suave sensação de quem volta para sua casa, para o meio de suas affeições e para o circulo dos seus

velhos conhecidos. Em toda a parte o ser estrangeiro é, a muitos respeitos, uma preciosissima regalia ; mas em Paris o estrangeiro é um ser privilegiado para quem não ha portas fechadas, nem disposições regulamentares ou obstaculos de qualquer natureza que retardem, sequer, a satisfação das suas mais fantasticas e exquisitas curiosidades. Aqui não se cuida senão de ser agradável ao estrangeiro, offerecendo-lhe todos os attractivos e todas as condições de conforto e bem estar. Ha nisso vantagens reciprocas. Na ultima sessão do parlamento, quando se mediam as forças orçamentarias para o novo exercicio, vi que contava-se, como fonte de boa receita, com os gastos dos estrangeiros em Paris. Já houve quem dissesse que a porta de Paris abre-se com chave de ouro. Nada mais certo ; mas tambem não ha outra cidade do mundo em que o ouro proporcione compensações tão completas.

Cheguei ainda a tempo de presenciar,

desde os seus preliminares, a eleição de 20 de Agosto, destinada á formação da camara dos deputados para a proxima legislatura. Foi um pleito interessantissimo e que attrahiu a attenção geral da Europa pelas circumstancias especiaes em que se ia travar.

A França acabava de passar pela dolorosa crise que teve triste origem nos desastres moraes, politicos e economicos da malsinada empreza do Panamá. Muitos dos seus mais notaveis homens politicos tinham perecido nesse medonho naufragio das reputações, que em varios incidentes ameaçou submergir o character nacional. A propria Republica entrou em causa e creou-se uma situação com todos os caracteristicos de uma crise politica. O parlamento commetteu erros tão extraordinarios, que me pareciam mais proprios da representação de um povo menos culto e menos traquejado na pratica dos principios fundamentaes do regimen representativo. De todos esses erros

o mais grave e o mais compromettedor foi a criação de uma commissão parlamentar de inquerito, sahida do proprio seio da camara e sob a presidencia do Sr. Brisson, com poderes illimitados para instituir *processo* sobre os membros da camara, que tivessem tido uma parte qualquer nas fraudes do Panamá. Esta absorpção do poder judicial, que não era senão uma absurda tentativa de resurreição do que fôra outr'ora a legendaria Convenção, com a sua perigosa omnipotencia, deu origem a complicações tão graves e prejudicou por tal forma a acção regular dos poderes da nação, que a hypothese da dissolução da camara afigurava-se já a muitos espiritos uma solução inevitavel. O partidarismo soffrego e intransigente explorava com habilidade e energia as difficuldades da situação.

Era o proprio destino da Republica que parecia achar-se compromettido nessa situação verdadeiramente revolucionaria, em que uma commissão parlamentar, soberana

e por isso mesmo irresponsavel estabelecia a mais anarchisadora confusão, pois que ao mesmo tempo que invadia a esphera do executivo substituia a justiça. O gabinete Loubet foi immediatamente devorado pela crise, e os dois gabinetes Ribot, que se seguiram, ainda cahiram sob a influencia perniciosa que ella fez sentir por muito tempo sobre a politica da França.

O espirito publico sentia todo a força destes acontecimentos, quando formou-se o gabinete Dupuy, no momento em que faziam-se os aprestos para a campanha eleitoral, que se avisinhava.

Nos banquetes eleitoraes, assim como na imprensa começou-se a combater com franqueza e energia a *concentração*, que até então havia predominado e que ainda prevalecera na organização do Sr. Dupuy.

O que em França denomina-se *politica de concentração*, é a conciliação, ou antes a reunião de todos os grupos parlamentares,

dos diversos matizes republicanos, na constituição do governo. Tem sido esse o processo empregado para arregimentar maiorias parlamentares, capazes de sustentarem os ministerios, nos quaes as subdivisões partidarias têm uma representação mais ou menos forte, porém nunca genuinamente completa. Dahi nasciam os ministerios fracos, que não podiam governar, porque tinham a sua precaria existencia presa aos caprichos e inconstancias dos chefes de grupos. A politica timida e incerta de taes combinações ministeriaes a ninguem satisfazia, nem podia satisfazer, por isso mesmo que não concretizava no governo as aspirações homogeneas de um unico partido. Era a mais profunda anarchia na ordem politica, immensamente aggravada pela deploravel influencia do parlamentarismo.

Foi por isso que a campanha eleitoral abriu-se ao grito de — abaixo a concentração ! O que se queria era um governo antes de tudo, para dirigir a maioria, para

fazer frente aos elementos opposicionistas, para representar a França perante a Europa nos seus interesses permanentes e duraveis : emfim, um governo homogeneo, capaz de governar, um governo com o pleno sentimento de sua responsabilidade, com sufficiente autoridade e força para fazer uma politica bem orientada e firme. Os guias da opinião republicana diziam que durante algum tempo foi mister congregar as forças democraticas em torno da Republica para defendê-la contra os seus inimigos, os reactionarios, e era desta necessidade que nasciam os ministerios de concentração ; mas, passado o periodo da conquista, pois que era definitiva a victoria da Republica, o que o paiz reclamava antes de tudo era uma maioria governamental, solidamente unida pela identificação de vistas e bastante solidaria com a politica do governo para garantir-lhe existencia desassombrada.

Estas, como todas as outras questões de interesse politico, social ou economico,

eram amplamente debatidas nos programas dos candidatos e na imprensa de todos os matizes.

Na França, e em geral nos paizes da Europa em que vigora com mais ou menos amplitude o regimen representativo, os eleitores reclamam dos candidatos os mais completos esclarecimentos sobre o seu pensamento e as suas soluções com respeito aos assumptos e problemas de actualidade. Por sua vez os candidatos esforçam-se por enunciarem os seus intuitos com precisão e nitidez. Trava-se o combate no amplo terreno da lealdade reciproca. E' verdadeiramente notavel a coragem com que cada um vem assignalar, em plena arena eleitoral, a sua fé e assentar as suas idéas, affrontando, não raro, a impopularidade e graves perigos pessoaes. E' um traço da energia moral do povo, tantas vezes caracterisada em cruentas luctas pela democracia.

Neste pleito vi um exemplo de solida-

riedade partidaria, bem digno de ser conhecido na nossa terra. Nunca são de mais as salutares lições de civismo. Na circumscipção eleitoral em que era candidato Casemir Pèrier, talvez o mais provavel successor de Carnot no palacio do Elyseu, os adversarios, na pratica de um manejo que tem tanto de sedição quanto de ignobil, ao mesmo tempo que aggreliam violentamente os seus amigos politicos, faziam grandes gabos ao seu nobre character e á rectidão do seu elevado espirito. O illustre homem de estado, dando immediata expansão aos seus sentimentos de austera lealdade, apressou-se a lavrar solemne e formal protesto, repudiando, indignado, os elogiosos conceitos, que se lhe afiguravam amargas affrontas nas circumstancias em que lhe eram endereçados. O que elle reclamava para si, era a distincção de receber, o primeiro, os golpes que visavam aquelles que com elle confraternisavam nas luctas politicas.

Parece-me que nada se perderá em vulgarisar este incidente entre nós, onde uma imperfeita educação politica, senão a falsa comprehensão do dever civico, tem levado muitas vezes a vaidade pessoal, tolamente insuflada pela artilosa bajulação do adversario, a relaxar os laços da solidariedade politica.

A' medida que se approximava o dia do combate, mais augmentava de intensidade a agitação eleitoral sempre crescente. Repetiam-se os banquetes e os meetings ; as cartas e os manifestos multiplicavam-se na imprensa ; os muros de Paris cobriam-se litteralmente de enormes cartazes de todas as côres vivas, nos quaes os nomes dos candidatos, em lettras garrafaes, desafiavam a attenção das multidões. Emfim, a eleição distrahia Paris.

O principe de Azemberg, em um banquete offerecido por seus amigos da direita no aristocratico hotel Continental de Paris, proferiu phrases de sinceridade patriotica como estas :

« A cada consulta tem respondido o paiz que elle não quer mudar a forma de governo que adoptou. Podia-se crer outr'ora que a vontade do paiz não se tinha claramente manifestado, mas a voz do suffragio universal tem repercutido com um tal ruido, que por toda a parte ella está sendo ouvida, excepto por aquelles a quem uma surdez voluntaria impede de ouvir. A fórma republicana, que se suppunha provisoria, tornou-se definitiva.

.....
« O exemplo de 15 annos está ahi para nos mostrar que uma opposição systematica e anti-constitucional não póde produzir vantagens. Esta opposição, que só tenta destruir, nada póde edificar : além de que ella contribuiu para a formação destes agrupamentos estravagantes em que os homens, pertencentes a opiniões as mais diversas e as mais oppostas, se reúnem para fundar um governo fraco, sem energia no interior e sem prestigio no exterior... »

E era um príncipe, o mais genuíno representante do regimen decahido, que assim fallava ás velhas phalanges monarchicas.

O Sr. Piou, talvez o mais autorizado organ do partido catholico, que elle representava no grupo da direita, disse no mesmo banquete :

«O nosso partido tem um fim mais elevado : é confundir todos os grupos, quaesquer que sejam seus nomes ou nuanças, em um grande partido de união nacional accessivel ao concurso de todos, onde não se pedirá contas a ninguem, nem de suas origens politicas, nem de sua situação social, nem da sua fé religiosa, nem de divergencias secundarias, e que terá por traço de união esta simples divisa :— Republica honesta, tolerante, aberta ! O dia em que, fundado este partido, pudermos desapparecer em suas fileiras, será para nós o dia do triumpho. Acceitar a fórma republicana é preparal-o. Assim o comprehendeu o

grande Papa, que é hoje na Europa o melhor amigo da França.»

Ahi está uma excellente lição para o espirito intolerante dos que pretendem representar os sentimentos religiosos dos brasileiros combatendo a Republica.

O Sr. Emmanuel Aréne, personalizando um passado todo consagrado a incessantes combates pela democracia, conclue com estas altivas palavras a sua circular :

« Eleitores !

« Eu não conheço, quanto a mim, senão uma familia em que o direito de nascimento nada é, em que o direito de conquista é tudo, em que o homem é julgado pelas suas proprias acções e não pelas de seus pais, em que cada um faz o seu proprio nome em vez de recebê-lo já feito, em que a instrucção é superior á nobreza e a intelligencia á fortuna.

« Esta familia é o partido republicano : eu sou descendente della, cresci no seu seio,

ahi luctei, ahi tenho soffrido, ahi morrerei. »

A altiva eloquencia do illustre candidato inspira-se exclusivamente nessa fidalguia republicana, que nós outros, os historicos da Republica brasileira, temos ás vezes a desculpavel vaidade de exhibir aos nossos concidadãos como o nosso mais precioso brazão entre os distinctivos com que se condecoram as gerarchias politicas.

Outro appello pessoal, mas de genero bem diverso é o que se segue.

Clemenceau, a personificação mais viva da energia democratica, porém infelizmente espirito mais apto para destruir do que para edificar, disse em uma grande reunião nas vespas do escrutinio, aos seus eleitores :

.....

« Passo a fallar da minha situação pessoal.

« Regulei as minhas dividas da mocidade

por um emprestimo escripturado por um notario de Nantes. Póde-se ir lá vel-o ; a divida subsiste ainda. Onde estão os milhões ? (*Applausos*).

« Fiz casar minha filha sem dote. Onde estão os milhões ?

« Estou installado ha seis annos na minha residencia actual. As contas do negociante de moveis e do de tapessarias acham-se quasi reguladas : não pude ainda acabar de pagal-as. Onde estão os milhões ? (*Applausos repetidos.*)

« Eis a que confissões se obrigam os servidores desinteressados da Republica ! »

Clemenceau tinha sido acusado de haver vendido ao governo de Inglaterra importantes documentos, contendo segredos de estado — o caso Norton. Era uma calumnia, que ficou desde logo destruida : todavia continuavam a fazer contra elle allusões injuriosas, que o obrigaram a fallar assim, antes como quem faz uma defesa pessoal, do que como chefe politico.

Por estes especimens pôde-se conhecer a variedade dos tons nos debates que aqui precedem os pleitos. Ninguém tem o direito de guardar as reservas do silencio, e todos são chamados á uma rigorosa prestação de contas perante o eleitorado.

O livro é também em França uma das formulas do programma eleitoral. O eminente economista Yves Guyot, candidato por uma das circumscripções de Paris, fallou aos seus eleitores por meio de um precioso livro, que obteve enorme successo. Era seu competidor Goblet, o mais autorisado chefe socialista. O seu livro, que se vendia a 50 centimos em todas as livrarias de Paris, e que foi logo parar a todas as mãos, tomou este significativo titulo — *La Tyrannie socialiste* — e contém o mais vigoroso ataque que até hoje se tem formulado contra a perigosa doutrina, que invade a sociedade moderna, accumulando sobre ella tremendas ameaças. E o socialismo era precisamente o centro da maior agitação eleitoral.

Chegado o dia designado para o pronunciamiento das urnas, dirigi-me á uma das secções, ou collegios, afim de observar ahi a applicação pratica do processo eleitoral neste paiz tão celebre na historia da humanidade por seus excepçionaes exemplos de energia politica. Fiquei desde logo maravilhado em presença da calma geral que presidia ao grande acto e dessa ordem profunda, reveladora da serena confiança com que o povo marchava para o exercicio de um direito que elle sabia estar-lhe garantido.

A' porta do edificio estavam os distribuidores de cédulas, trazendo cada um o nome do seu candidato na larga fita do seu chapéo de palha. Tomaram-me, ao que parece, por um eleitor, e cada qual o primeiro a querer dar-me da sua *chapa*. Não fiz questão, e procurei desembaraçar-me delles o mais breve possivel recebendo as cédulas dos tres cabalistas. Um amigo que me acompanhava, tambem brasileiro, fez

o mesmo e entrámos. O aspecto da sala nada offerece de notavel, é como uma sala qualquer de eleições. Uma mesa com a urna, e junto della o presidente; á direita e á esquerda mais duas mezas menores, cada uma com os dois respectivos mesarios ou assessores. Não se fazia a classica chamada, pois que o uso é conservar-se o collegio assim constituido desde as 8 horas da manhã até ás 6 da tarde, e cada eleitor que se apresenta dá o voto.

Conservei-me no recinto durante meia hora e notei que nunca se dava grande agglomeração de pessoas, o que me pareceu de alta conveniencia para a manutenção da ordem e regularidade do processo eleitoral. Em geral cada eleitor vem só, sendo raros os grupos de quatro ou mais. O eleitor vai direito á mesa do presidente, a quem entrega a cedula; dirige-se em seguida aos assessores da esquerda e exhibe-lhes o diploma; estes lêem o numero de ordem em voz alta, e os assessores da direita lêem na

lista de inscripção geral, tambem em voz alta, o nome correspondente áquelle numero ; e quando o numero de ordem e o nome do diploma correspondem exactamente aos do alistamento geral, o presidente lança na urna a cedula que recebeu do eleitor. A um lado, dentro do mesmo recinto, junto de uma mesa está um cidadão encarregado de entregar diplomas aos eleitores que não tiverem podido recebê-los com antecedencia. Elle tem consigo uma copia do alistamento geral com as indicações necessarias para a verificação da edentidade. Com estas precauções o cidadão nunca chega tarde para dar seu voto. Elle tem por si todo o dia, e escolhe a hora que mais lhe convenha.

Um facto que chamou desde logo a minha attenção foi o não ter visto no recinto pessoa alguma que se achasse encarregada de fiscalisar o processo eleitoral por parte dos candidatos ou dos partidos empenhados no pleito ; e nõ entanto a com-

posição da mesa tem um character quasi official. O *maitre* nomeia o presidente e este nomeia os assessores, escolhidos entre os eleitores, quando não comparecem os adjuntos e conselheiros municipaes da communa, como aliás ordinariamente acontece. Nunca tinha visto tamanha confiança depositada na probidade do escrutinio eleitoral.

Depois das 6 horas da tarde, terminada a votação, e iniciada a apuração, enorme multidão affluu para os grandes boulevards enchendo litteralmente as frentes dos escriptorios da imprensa, em cujas janellas se afixavam os resultados das votações de todas as circumscripções eleitoraes da França, á medida que ellas iam chegando. Que agitação, que anciedade! Cada nome que apparecia provocava atroador ruido de applausos e tambem de inclemente assuada, pois que explodiam a um tempo as alegres expansões dos co-religionarios e o intransigente despeito dos adversarios.

Entre os naufragos do escrutinio vieram os nomes illustres de Yves Guyot, Leroy-Beaulieu, Floquet, Clemenceau, etc. Entre os eleitos figuravam um barbeiro de Paris e o *Homem Canhão*, assim chamado por causa da parte que desempenhou nos circos equestres, em larga excursão pela Europa e pela America.

No dia seguinte atirei-me com soffreguidão aos jornaes para estudar a moralidade do pleito nos commentarios dos diversos orgãos da politica em todas as suas multiplas nuanças. O que vi causou-me verdadeiro assombro. No nosso paiz nunca houve, que eu saiba, uma derrota eleitoral que não fosse attribuida, ora á fraude, ora á pressão do governo, quando não attribuiam ás duas causas juntas a fatalidade da derrota. Pois bem, nenhum candidato, nenhum orgão partidario alludio sequer remotamente a fraudes ou intervenções indebitas para explicar qualquer derrota. Ao contrario, todos confessavam nobremente

as causas verdadeiras e legítimas dos seus desastres eleitoraes.

O famoso Paul de Cassagnac, o mais constante e o mais vigoroso representante das pretensões monarchicas no seio da camara dos deputados, onde commandava em chefe a direita reaccionaria, declarou elle proprio no seu jornal que a sua candidatura cahira pelo abandono dos seus amigos, pelo desfallecimento e pela dispersão das forças monarchicas. Na verdade, a sua derrota não significa senão a queda do proprio partido monarchico, agora definitivamente repudiado pela opinião e sem um ponto de apoio na França. E cumpre dizel-o, o golpe mais terrivel foi o que veio do Vaticano. Leão XIII, uma das mais salientes notabilidades da epocha por seu elevado espirito e sobretudo por sua rara capacidade politica, recommendará insistentemente aos chefes da igreja catholica da França decisivo apoio ao regimen republicano.

O legendario Clemenceau, nome outr'ora affagado pelas sympathias universaes da democracia, viu, na colligação de todos os elementos moderados contra si, que chegára a vez de responder pelas graves faltas da sua perniciosa politica de destruição. Com razão se disse que o chefe que, durante tanto tempo, pela audacia, pelo talento, pela paixão, pela intimidação tinha assegurado ao seu partido uma preponderancia a que sua importancia numerica e seu credito no paiz não lhe davam direito algum, este chefe fatal a tantos ministerios, o máo genio de alguns e o terror de todos, desaparecia da scena justamente punido. O seu partido, decapitado, lamenta a perda enorme, mas nem uma queixa sobre a liberdade do voto, nem uma duvida sobre a honestidade do escrutinio.

Yves Guyot, Leroy-Beaulieu eram governamentaes.

Assim o mais.

O resultado da eleição assegura uma

grande maioria governamental, assim como assignala a destruição quasi total dos elementos reaccionarios, o monarchismo e o boulangismo. Isto quer dizer que a Republica nada mais tem a temer; os seus inimigos succumbiram. Mas, duvido muito da solidez e da constancia desta maioria governamental enquanto vigorar o parlamentarismo no governo da França. O proprio Sr. Dupuy, o feliz director deste pleito talvez não possa sobreviver ao primeiro encontro com a nova camara (1). Os grupos parlamentares, guiados por seus chefes, ahi estão, como no dominio da politica de concentração, cheios de actividade e de exigencias para servirem de eternas e inexgotaveis origens ás moções de confiança e ás crises ministeriaes. Debaixo deste regimen e no meio de tantas subdivisões partidarias, queiram ou não, permanece

(1) Nos quatro primeiros mezes de sessão a nova camara devorou o 1.º ministerio Dupuy e o gabinete presidido pelo Sr. Cazimiro Perier.

sempre a necessidade de concentração, com outros elementos, embora, mas sempre a concentração dos grupos, que em balde se pretende substituir por uma politica de concentração de idéas. A estabilidade dos ministerios continuará a ser um problema.

Para o nosso paiz, onde a abstenção eleitoral, erigida em systema por parte dos elementos opposicionistas, encobre uma deploravel falta de energia civica, não será talvez sem proveito o conhecimento de factos, que attestam a efficacia das lutas, quando ellas são sustentadas com resolução e coragem.

Em qualquer parte da Europa eu creio que morreria ignominiosamente devorado pelo ridiculo, o partido que, dada certa emergencia, se abstivesse da luta activa sob o pretexto de se achar tolhido em seus movimentos pela pressão do poder publico.

Em pouco mais de um anno, para não fallar em outros paizes, a Inglaterra, a Allemanha e a França têm mostrado que

nenhum povo pôde ser despojado da sua soberania, senão quando elle proprio o consenté por fraqueza ou covardia. Nas eleições legislativas de 1892 o Sr. Gladstone, o velho radical, foi indicado pela maioria dos suffragios á rainha Victoria para substituir no governo o Sr. Salisbury, o illustre chefe conservador, acariciado no poder pela manifesta predilecção da soberana. Recentemente na Allemanha a intervenção pessoal e energica do imperador, directamente interessado no pleito, não impedio que as forças opposicionistas obtivessem grandes triumphos, e apenas mais sete cadeiras no Reichsthaag teriam produzido a derrota imperial. Quanto á França os proprios vencidos legitimam a sua derrota. Ninguem phantasia perigos para fugir, ninguem renuncia o exercicio de um direito, nem mesmo em presença de perigos reaes, imminentes.

Será que, por desgraça nossa, o eleitor brasileiro tenha menos amor ao seu direito?

Não sei; mas eu já vi ahi um partido que nunca recuou, nunca absteve-se; um partido que lutava sempre; um partido a quem não era permittido escolher as condições de combate, mas que combatia sem treguas, e que por isso mesmo foi sempre avançando, progredindo e fazendo grandes conquistas até o dia da grande victoria, a victoria definitiva: esse partido era o partido republicano da epocha da propaganda.

Ahi está o que vale a energia.

Não se batem sómente aquelles para quem não resta senão a coragem da fuga.

— Páro aqui, e esta será a minha ultima carta, porque trato de fazer os preparativos de viagem para partir quanto antes. A situação do nosso paiz é infelizmente cada vez mais melindrosa, e em taes circumstancias cumpre-me apressar o meu regresso. Não é que eu pense poder fazer muito pela nossa patria; mas, brasileiro e republicano, o amor do meu paiz e a re-

sponsabilidade politica exigem a minha presença ahi, quando mais não seja para afirmar a mais franca e a mais leal solidariedade com os meus velhos camaradas protestando a seu lado contra essa revolta insensata, sem um nobre ideal que a justifique, producto exclusivo do mais detestavel individualismo, e cuja solução, em qualquer hypothese, será sempre uma tremenda calamidade nacional.

Daqui, a tamanha distancia, sem dados para conjecturas ao menos aproximativas, só vejo que vamos ter revolta por muito tempo, mas que ha de ser afinal esmagada. E' isto o que digo aos brasileiros que me interrogam : nêem se pôde ir alem, porque sentimos uma falta absoluta de informações. A legação brasileira enche-se todos os dias de compatriotas nossos, que vão lá procurar noticias, como fonte segura : ahi estou sempre com o nosso amigo Gabriel Pisa, mas... elle soffre, como nós, a angustiosa anciedade de quem deseja, sem

o conseguir, conhecer as particularidades da crise que accommetteu o nosso paiz.

O governo tem commettido o grande erro de não enviar informações; d'ahi resulta que ninguem se anima a affirmar ou contestar cousa alguma a favor da nossa situação: por seu lado, os adversarios exploram a ausencia de noticias em favor dos revolucionarios. Comprehende-se a reserva, comprehende-se o segredo de estado; mas este silencio absoluto, impenetravel, que se transforma em um isolamento completo, impossibilitando a acção favoravel dos mais legitimos orgãos do governo nacional no estrangeiro, isto é cousa tão absurda que não se póde explicar por nenhuma conveniencia de ordem publica. Pelo menos a legação de Paris, o centro da maior actividade politica, e a legação de Londres, o centro de maior agitação financeira, ambas representando interesses brasileiros da maior monta, pelo menos estas legações deviam ser assiduamente, senão dia a dia

informadas de tudo quanto se passa para, guardadas as reservas que o criterio governamental aconselha, poder dirigir a formação da opinião em sentido favoravel.

Os revolucionarios não descansam. Elles possuem um serviço telegraphico activissimo, enchem a imprensa diaria da Europa de falsas noticias, e assim conseguem desnortear a opinião creando em todos os espiritos a convicção da sua força invencível e da sua victoria segura. Por vezes temos querido oppor-lhes contestação, mas somos forçados a ficar nos termos vagos, que afinal pouco ou nada adiantam. Tudo vae á nossa revelia.

— Estamos de passagem tomada. Em principio de Oûtubro partiremos para tomar o paquete inglez em Lisboa e de passagem ficaremos alguns dias em Madrid.



INDICE

	<i>Pag.</i>
A razão da viagem — Projecto de viagem sem execução — Trabalhos e difficuldades do governo provisório — A eleição presidencial na Constituinte e consequente politica de reacção — O golpe de estado e o contra-golpe de 23 de Novembro—A sessão legislativa extraordinaria e a sedicção da fortaleza de Santa Cruz— Os successos de Abril e a sessão do Congresso em 1892 — Motivos politicos da viagem — Palavras de Danton.....	5
Primeira carta — Bôa viagem — O telegrapho nos affasta da politica européa — A grêve de Carmaux e o projecto de lei restrictiva da liberdade de imprensa — Uma sessão da Camara dos deputados — Os parlamentares francezes comparados aos nossos — o anarchismo é a vanguarda do socialismo — Influencia perigosa da nova seita — A politica fusionista e o enfraquecimento dos partidos — O parlamentarismo.....	35

- Segunda carta** — O isolamento em Paris —
 Causas do nosso descredito — A corrupção
 e a fraude gerando crises nos governos da
 Europa — O caso do Panamá e suas seme-
 lhanças com algumas cousas nossas— Explo-
 ração politica dos monarchicos e o conceito
 do duque de Broglie — Lição aproveitavel.. 57
- Terceira carta** — Visita á casa de Gambetta
 — O monumento — A simplicidade da vida
 domestica — O culto dos grandes homens
 — A dictadura da persuasão..... 71
- Quarta carta** — As tentativas de immigração
 asiatica não excluem os exforços em favor
 da immigração européa — Causas da emi-
 gração — Medidas repressivas nos Estados
 Unidos — O Brasil como paiz de destino —
 A emigração em vez de ser um mal apre-
 senta-se como uma necessidade social e
 economica — Como se faz a propaganda —
 A immigração expontanea — Necessidade
 de subvenção pelos Estados — Superiori-
 dade do immigrante italiano — O que faz
 a gréve é a solidariedade do interesse e
 não o sentimento de nacionalidade — A
 Republica deve procurar as sympathias das
 classes conservadoras..... 79

- Quinta carta** — Concurso Geral Agricola —
Politica agricola em paiz essencialmente
agricola — Animaes, plantas, instrumentos,
productos agricolas — Entrevista com o
secretario da Sociedade Nacional de Agri-
cultura — Ignorancia das cousas do Brasil
— Historico desta sociedade — D. Pedro
de Alcantara socio — Processo empregado
pelo ex-imperador para ter reputação de
sabio sem nada fazer — A Sociedade dos
Agricultores de França — Vistas praticas... 101
- Sexta carta** — Morte de J. Ferry — Corôa
offerecida pelos republicanos brasileiros —
A sessão de posse da presidencia do se-
nado e os funeraes..... 125
- Setima carta** — Contraste entre o jornalismo
brasileiro e jornalismo francez — Os ban-
quetes politicos — Discurso de Casemir
Périer e sua opinião sobre os partidos mo-
narchicos — A nossa attitude perante os
velhos partidos..... 133
- Oitava carta** — Passeio a Londres — Visita
ao Banco de Inglaterra — A chave de ouro
dos Rothschilds — As suas sympathias pelo
Brasil — As nossas relações financeiras e o
conceito de Leroy Beaulieu — A supposta

campanha da diffamação — Os depositos de bilhetes do Banco e o de ouro em barra e amoedado—Razão por que desacredita-se o nosso regimen de papel — O bimetalismo americano — A moeda ruim expelle a boa — Escassez de papel e abundancia de ouro..... 151

Nona carta — Viagem á Italia — Crise ministerial — Sessão solemne do parlamento em Roma — Recordações da epocha do manto, dos calções e do papo de tucano — Declinio do parlamentarismo na Europa — Os partidos politicos e a sua falta de cohesão em Portugal, Hespanha, França, Italia, Allemanha, Austria, Belgica etc.— A crise do regimen parlamentar na Inglaterra 171

Decima carta—Dois mezes na Suissa—O lago dos Quatro Cantões e suas tradições historicas — A legenda de Guilberme Tell — As instituições e costumes politicos da Suissa confrontados com os da America do Norte — Composição do executivo — Governo barato e sem luxo — A simplicidade suissa illudindo a sagacidade de Bismark— Uma sessão do Conselho Nacional — Vi-

sita ao presidente deste Conselho na sua casa de campo — Como se discute no corpo legislativo — Ausência de governistas e opposicionistas — Tres partidos politicos e o da minoria é quem governa — Nada de politicos profissionaes — A questão de unidade no direito, nas finanças e na administração militar — A emigração — Uma injustiça do governo brasileiro..... 217

Decima primeira carta — Regresso a Paris — Situação politica da França anterior á eleição de 20 de Agosto — Preliminares do pleito — Abaixo a concentração! — Attitude dos candidatos — A agitação eleitoral e os programmas dos candidatos — O livro de Yves Guyot — A sala do voto e o processo eleitoral — A honestidade da urna — Resultados da eleição — Energia politica — No Brasil teve essa energia o partido republicano historico — A revolta — Ultima carta..... 253

17 RH

